



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTO

ANGELA VIACZOREK

**MEMÓRIA E CULTURA:** narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila  
Auí-Açu/Tailândia/Pará)

ANGELA VIACZOREK

**MEMÓRIA E CULTURA:** narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila  
Auí-Açu/Tailândia/Pará)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Gilson Penalva  
Coorientador: Prof. Dr. Josiclei de Souza Santos

MARABÁ - PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**  
**Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho**

---

V599m Viaczorek, Angela  
Memória e cultura: narrativas orais dos guardiões da  
memória da Amazônia (Vila Aui-Açu/Tailândia/Pará) / Angela  
Viaczorek. — 2024.  
116 f.

Orientador(a): Gilson Penalva ; coorientador(a): Josiclei  
de Souza Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e  
Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes,  
Programa de Mestrado Profissional em Letras  
(PROFLETRAS), Marabá, 2024.

1. Narrativa (Retórica). 2. Cultura. 3. Memória. 4.  
Identidade social. 5. Comunidades rurais. I. Penalva, Gilson,  
orient. II. Santos, Josiclei de Souza, coorient. III. Título.

CDD: 22. ed.: 306.098115

---

Elaborado por Renata Matos de Souza – CRB-2/1586

ANGELA VIACZOREK

**MEMÓRIA E CULTURA:** narrativas dos guardiões da memória da Amazônia (Vila Auí-  
Açu/Tailândia/Pará)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Penalva

Coorientador: Prof. Dr. Josiclei de Souza Santos

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Gilson Penalva - Orientador  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

---

Prof. Dr. Josiclei de Souza Santos - Coorientador  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues- Membro interno  
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – (UEMS) – Campo Grande e MS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Rita Duarte de Oliveira Berraoui - Membro externo  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho a todos (as) aqueles (as) que direta ou indiretamente contribuíram para que o tornasse possível.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por realizar este sonho e direcionar toda essa jornada do início ao fim provendo em cada detalhe.

À minha família pelo apoio e incentivo, são os meus tesouros.

Ao orientador Prof. Dr. Gilson Penalva e ao coorientador Prof. Dr. Josiclei de Souza Santos, pelo acolhimento, paciência e gentileza em atender aos meus anseios sempre que solicitados, orientando-me de forma fundamentada, inteligente, competente e compartilhando comigo seus conhecimentos.

À banca examinadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui e Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, pela valiosa contribuição, leitura e dedicação à minha pesquisa.

À comunidade da Vila Auí-Açu pelo acolhimento, contribuição, educação e gentileza em tratar-me quando precisei durante toda a pesquisa.

Aos professores do PROFLETRAS pela significativa contribuição para conosco durante o período das aulas.

À turma de curso do PROFLETRAS, pela unidade, cooperação, delicadeza em atender aos meus pedidos de amparo.

Ao coordenador Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos e aos professores do curso preparatório para o mestrado do PROFLETRAS, por toda contribuição até a aprovação do mestrado.

A todos os funcionários da Escola Santo Antônio, pelo auxílio, educação e encanto em atender aos meus pedidos de apoio.

Aos estudantes da Escola Santo Antônio pela partilha de vivências e aprendizagens experienciais.

## RESUMO

Pesquisar na Amazônia paraense sempre é um desafio a qualquer pesquisador, do mais experiente ao iniciante, consciente dos desafios, dificuldades e do tempo amazônico que atravessa nossa vida cotidiana. Escolhemos realizar um estudo acerca da cultura e da memória da Comunidade Vila Auí-Açu, localizada no Município de Tailândia no Estado do Pará. Na pesquisa registramos narrativas dos guardiões da memória, assim como realizamos uma experiência formativa com alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio. No percurso da pesquisa definimos como objetivo compreender como o registro das narrativas orais dos mais velhos da comunidade pode contribuir para fortalecer a identidade cultural dessa comunidade, salvaguardando os saberes culturais transmitidos de geração em geração. Optamos pela metodologia da pesquisa-ação e análise de narrativa, que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, buscamos combinar a investigação social com a ação prática social e o reconhecimento da cultura como tecido social que sustenta a existência da comunidade. As principais fontes teóricas foram autores como: Loureiro (2015), Hall (2006), Bhabha (1998), Canclini (2003), Eliade (1972), Simões (2000), Zumthor (1997), Ricoeur (1994), Cunha (2009), Benjamin (1994), Bosi (1993; 1994; 2003) e Halbwachs (2006). A dissertação foi organizada em etapas que envolveram a produção do referencial teórico, a pesquisa de campo com o registro e análise de narrativas, atividade formativa e elaboração do caderno pedagógico. Os principais resultados da pesquisa apontam para a ideia de que os conhecimentos dos mais velhos são fundamentais para a compreensão da dinâmica cultural da comunidade, a vida comunitária organizada a partir de uma sociabilidade simples, a tristeza dos entrevistados por não terem tido a oportunidade de uma vida escolar, o não reconhecimento dos guardiões sobre seus papéis sociais no interior da organização comunitária, distanciamento geracional, e a visão de um “certo sentimento” de apagamento da memória coletiva e individual da própria comunidade, na visão dos (as) entrevistados (as). Porém, destaca-se que as narrativas de causos, lendas e mitos desempenham um papel crucial na história e memória da comunidade, contribuindo para a construção e preservação de identidade cultural e social, e foram rememoradas na atividade pedagógica desenvolvida com os alunos do 7º ano em sala de aula. Nesta atividade pudemos registrar que essas narrativas fornecem um espaço para reflexão sobre o significado da vida e a experiência humana, oferecendo explicações simbólicas e espirituais, possibilitando uma conexão contínua entre o presente e passado e seus significados culturais.

**Palavras-chave:** Amazônia; cultura; identidade cultural; memória; narrativas orais.

## ABSTRACT

Researching in the Pará Amazon is always a challenge for any researcher, from the most experienced to the beginner, aware of the challenges, difficulties and the Amazonian time that crosses our daily lives. We chose to carry out a study on the culture and memory of the Vila Auí-Açu Community, located in the Municipality of Tailândia in the State of Pará. In the research we recorded narratives from the guardians of memory, as well as carrying out a formative experience with students from the Municipal Elementary School Saint Anthony. During the research, we set the objective of understanding how recording the oral narratives of the community's elders can contribute to strengthening the cultural identity of this community, safeguarding the cultural knowledge transmitted from generation to generation. We opted for the methodology of action research and narrative analysis, which is characterized as qualitative research, we seek to combine social investigation with practical social action and the recognition of culture as a social fabric that sustains the existence of the community. The main theoretical sources were authors such as: Loureiro (2015), Hall (2006), Bhabha (1998), Canclini (2003), Eliade (1972), Simões (2000), Zumthor (1997), Ricoeur (1994), Cunha (2009), Benjamin (1994), Bosi (1993; 1994; 2003) and Halbwachs (2006). The dissertation was organized into stages that involved the production of the theoretical framework, field research with the recording and analysis of narratives, training activity and preparation of the pedagogical notebook. The main results of the research point to the idea that the knowledge of the elderly is fundamental for understanding the cultural dynamics of the community, community life organized based on simple sociability, the sadness of the interviewees for not having had the opportunity for a school life, the non-recognition of the guardians of their social roles within the community organization, generational distance, and the vision of a “certain feeling” of erasure of the collective and individual memory of the community itself, in the view of the interviewees ). However, it is noteworthy that the narratives of stories, legends and myths play a crucial role in the history and memory of the community, contributing to the construction and preservation of cultural and social identity, and were recalled in the pedagogical activity developed with 7th grade students in classroom. In this activity we were able to record that these narratives provide a space for reflection on the meaning of life and human experience, offering symbolic and spiritual explanations, enabling a continuous connection between the present and past and their cultural meanings.

**Keywords:** Amazon; culture; cultural identity; memory; oral narratives.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Mapa da comunidade Vila Auí-Açu.....	28
-------------------------------------------------	----

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Rio Auí-Açu.....	29
Fotografia 2	Ponte para a travessia do Rio Auí-Açu.....	29
Fotografia 3	Parte Central da Comunidade Vila Auí-Açu.....	30
Fotografia 4	Ruas da Comunidade Vila Auí-Açu.....	30
Fotografia 5	Escola Santo Antônio, Caixa d'água, Unidade Básica de Saúde e Academia da Vila Auí-Açu.....	31
Fotografia 6	Caixa d'água da Vila Auí-Açu.....	31
Fotografia 7	Ruas da Vila Auí-Açu .....	32
Fotografia 8	Frente da Escola Santo Antônio.....	35
Fotografia 9	Interior da Escola Santo Antônio.....	35
Fotografia 10	Pesquisa em sala de aula e no laboratório de informática.....	75
Fotografia 11	Leitura e produção.....	75
Fotografia 12	Diálogo sobre a produção textual.....	76

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Descrição da proposta da atividade.....	73
Quadro 2	Demonstrativo da organização do produto coletivo das turmas.....	76
Quadro 3	Registros de conceitos e categorias.....	79

## LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EMEIF	Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ITERPA	Instituto de Terras do Pará
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEDUC	Secretaria de Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 MEMÓRIA E NARRATIVAS: PESQUISA E FORMAÇÃO</b> .....	20
<b>2.1 A trajetória da pesquisadora: um encontro com a comunidade Vila Auí-Açu</b> .....	20
<b>2.2 Processo de pesquisa: metodologia da pesquisa - Ação e análise da narrativa</b> .....	22
<b>2.3 Comunidade Vila Auí-Açu e os Guardiões da Memória</b> .....	27
2.3.1 A comunidade Vila Auí-Açu .....	27
2.3.2 A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio.....	34
2.3.3 Os (as) estudantes da EMEIF Santo Antônio .....	37
<b>3 OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE VILA AUÍ-AÇU</b> .....	39
<b>3.1 Quem são os Guardiões da Memória da comunidade Vila Auí-Açu</b> .....	41
<b>4 AMAZÔNIA, CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL</b> .....	46
<b>4.1 Cultura Amazônica</b> .....	46
<b>4.2 Identidade cultural</b> .....	50
<b>4.3 Narrativas orais</b> .....	52
<b>5 CULTURA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE VILA AUÍ- AÇU</b> .....	60
<b>5.1 As narrativas dos guardiões da memória: História e Memória</b> .....	60
<b>6 EXPERIÊNCIA FORMATIVA DOS ALUNOS DO 7º ANO DA EMEIF SANTO ANTÔNIO</b> .....	71
<b>6.1 Delineando a proposta do Caderno Pedagógico</b> .....	79
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
<b>ANEXO 1 – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	97
<b>ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO</b> .....	99
<b>ANEXO 3 – TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO</b> .....	100
<b>ANEXO 4- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DE VOZ</b> .....	101
<b>ANEXO 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PRODUÇÃO ESCRITA</b> .....	102
<b>ANEXO 6 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA</b> .....	103
<b>ANEXO 7 – QUADRO DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA</b> .....	104
<b>ANEXO 8 - NARRATIVAS DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA</b> .....	106

## 1 INTRODUÇÃO

A Amazônia é uma região complexa e diversificada por histórias, diferentes culturas e múltiplas identidades culturais. Uma região vasta e multifacetada, conhecida por sua imensa biodiversidade, rica história e diversidade cultural. Abrange nove países da América do Sul: Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. No entanto, a maior parte da floresta está localizada no Brasil (SAWYER, 2015).

A história da Amazônia é marcada por diversas fases, desde a ocupação indígena pré-colombiana até os períodos de colonização europeia e exploração de recursos naturais. As populações indígenas, como os Yanomami, Kayapó e Ticuna, têm habitado a região por milhares de anos, desenvolvendo culturas e modos de vida únicos adaptados ao ambiente florestal (D'INCAO; SILVEIRA, 1994).

Com a chegada dos europeus no século XVI, iniciou-se um período de exploração e colonização, que trouxe profundas transformações. A busca por recursos como o ouro, a borracha e, mais recentemente, a madeira e os minerais, teve um impacto significativo sobre as comunidades locais e o meio ambiente.

A Amazônia é o lar de uma impressionante diversidade cultural. Além das inúmeras etnias indígenas, a região abriga comunidades ribeirinhas, quilombolas e migrantes de várias partes do Brasil e do mundo. Cada um desses grupos contribui para o complexo tecido social e cultural da Amazônia, com tradições, idiomas, crenças e práticas culturais distintas (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

As culturas indígenas são centrais na identidade amazônica. Com mais de 300 etnias e cerca de 180 línguas diferentes, os povos indígenas mantêm um profundo conhecimento da floresta e um relacionamento harmonioso com a natureza. Suas mitologias, rituais e arte refletem uma conexão espiritual com a terra e seus recursos (BENCHIMOL, 2009).

As comunidades ribeirinhas vivem às margens dos rios e dependem deles para sua subsistência, praticando atividades como pesca, agricultura e artesanato. Quanto aos quilombolas, estes preservam tradições afro-brasileiras, tais como festas, danças e culinária que celebram suas origens e história resistência.

Nos últimos séculos, a Amazônia também foi influenciada por imigrantes europeus, asiáticos e de outras partes do Brasil, especialmente durante os ciclos econômicos como o Ciclo da Borracha. Essa miscigenação de culturas resultou em uma diversidade gastronômica, musical e artística única.

A Amazônia enfrenta desafios significativos, incluindo desmatamento, mudanças climáticas e pressão econômica. A preservação da floresta e das culturas que nela habitam é crucial não apenas para a biodiversidade global, mas também para a manutenção das identidades culturais e do conhecimento tradicional (BENCHIMOL, 2009).

A diversidade cultural da Amazônia é um reflexo de sua complexidade ecológica. A interação entre diferentes grupos humanos e o meio ambiente ao longo dos séculos criou uma região rica em história e cultura, cuja preservação é vital para o futuro.

Dentro deste cenário amazônico encontramos a Comunidade Vila Auí-Açu, uma comunidade rural que está em meio à floresta, localizada às margens da rodovia PA-150, quilômetro 92. A Vila Auí-Açu está localizada no município de Tailândia, no estado do Pará, Brasil. Tailândia é um município que faz parte da mesorregião do Nordeste Paraense. A região é caracterizada por sua floresta tropical densa, rios e igarapés. Conhecida por sua diversidade cultural e por ser uma região de grande relevância na Amazônia Legal, é uma das várias comunidades que compõem a área rural do município de Tailândia. A região é tipicamente amazônica, com vastas áreas de floresta e rios que são cruciais para a locomoção e subsistência dos moradores (as) (IBGE, 2023).

Neste cenário complexo, diverso e de cosmologia peculiar, pode-se afirmar que as memórias das populações amazônicas são essenciais para compreender a região e suas diferentes culturas. Memória é o processo de construção e reconstrução de lembranças e esquecimentos. A ideia de que a memória é um processo dinâmico e evolutivo é central da obra de Ricoeur (2007), no ensaio **A memória, a história, o esquecimento**. O autor afirma que “a memória não é uma coisa, mas um processo” [...] “a memória é um trabalho de reconstrução” (RICOEUR, 2007, p. 42). Essas afirmações sugerem que a memória é algo que está constantemente sendo reelaborado e transformado. Ainda afirma que “a memória é uma construção interpretativa” (RICOEUR, 2007, p. 136).

Assim, a memória não é simplesmente a reprodução de um passado que já aconteceu, mas a reinterpretação desse passado à luz do presente. Portanto, por ser um processo dinâmico e evolutivo, a memória envolve a reconstrução e a reinterpretação do passado, que é influenciada por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos e, por ser de natureza diversa, reflete a pluralidade da região.

Nesta comunidade rural Vila Auí-Açu as narrativas orais desempenham importante forma de comunicação e transmissão de conhecimento entre os moradores mais antigos. Benjamin (1994), no ensaio **O narrador**, explica que as narrativas orais são a principal forma

de comunicação e transmissão de conhecimento de geração em geração pela oralidade. Segundo ele, as narrativas orais são uma forma eficaz de compartilhar informações, pois são envolventes e memoráveis, assim como também podem ser usadas para ensinar valores e costumes, a fim de preservar a memória coletiva.

A compreensão da memória dos sujeitos dessa comunidade é crucial para atualização dos processos identificatórios, pois enfrenta desafios contemporâneos e promove uma valorização mais profunda da riqueza cultural. Segundo Hall (2006, p. 7), no ensaio **A identidade cultural da pós-modernidade**, “a identidade cultural não é fixa e unificada, mas é uma construção social em constante processo de atualização”.

Neste sentido, Hall (2006) afirma que a identidade cultural é uma construção social, ou seja, é algo que é criado e recriado pelas pessoas. Ele argumenta que a identidade cultural não é fixa, mas está em constante processo de mudança. Isso ocorre porque as pessoas estão em constante interação com o mundo ao seu redor, e essas interações podem mudar a forma como elas se veem.

Com base nesta compreensão acerca da importância da história e memória da Comunidade Vila Auí-Açu, para o fortalecimento da identidade cultural e de processos formativos escolares, que enveredamos na construção deste estudo, que tem como questão norteadora (pergunta de pesquisa): qual a contribuição das narrativas orais transmitidas de geração em geração pelos (as) guardiões da memória para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade Vila Auí-Açu e em que nível elas podem contribuir para o processo formativo cultural e humano de estudantes do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio, em Tailândia (Pará)?

Ao mergulhar nas memórias locais e no modo de vida cotidiano, foi possível perceber a singularidade da comunidade, lócus da pesquisa e os sujeitos que nela vivem. Assim, pode-se afirmar que este trabalho não busca unicamente documentar, mas também registrar e analisar as narrativas orais, que fortalecem a cada geração a identidade cultural da Comunidade da Vila Auí-Açu, enquanto sujeito coletivo (HALL, 2000).

Deste modo, define-se como objetivo geral da pesquisa: compreender como o registro das narrativas orais dos guardiões da memória (os mais velhos) da Comunidade Vila Auí-Açu contribui para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade, salvaguardando os saberes culturais transmitidos de geração em geração. Assim, tem-se por objetivos específicos: a) registrar as narrativas orais acerca da história e da cultura da comunidade Vila Auí-Açu, a partir da rememoração feita pelos guardiões da memória; b) analisar a narrativas com base na

valorização dos saberes culturais e seu significado para a comunidade local, identificando em que medida a salvaguarda desses saberes contribui para o fortalecimento da memória coletiva e identidade cultural da comunidade, a partir da transmissão oral, desses saberes culturais, feita de geração em geração e c) produzir um caderno pedagógico a partir de questões como: narrativas orais, identidade cultural, memória e cultura local, registradas através das narrativas dos guardiões da memória, para aplicação em sala de aula no apoio de atividades didático-pedagógicas com vistas à formação intelectual, fortalecimento da identidade cultural e alteridade dos (as) estudantes.

Como metodologia de pesquisa, optou-se pela pesquisa-ação e análise de narrativa, pois o presente estudo se caracteriza pela sua natureza qualitativa, no qual combina-se a investigação social com a ação prática social e o reconhecimento da cultura como tecido social que sustenta a existência da comunidade Vila Auí-Açu. Essa perspectiva metodológica possibilita compreender o universo pesquisado, alcançar os objetivos propostos e responder à questão de pesquisa apontada anteriormente. Além da metodologia apresentada, propõe-se a realização de uma atividade prática com os alunos do 7º ano da EMEIF Santo Antônio, como desdobramento da atividade de campo.

Acredito que desenvolver uma experiência formativa com estudantes do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio com o uso do caderno pedagógico, produzido a partir das narrativas orais registradas no processo de pesquisa, contribuirá para o conhecimento das histórias de vida dos guardiões da memória da comunidade. A disponibilização de exemplares para a biblioteca tornará permanente a possibilidade de consulta deste material didático para os (as) alunos (as) da escola Santo Antônio, o qual promoverá o aprendizado sobre a história local e a valorização da cultura da comunidade.

Neste sentido, a presente dissertação foi organizada em etapas que envolveram a produção do referencial teórico, a pesquisa de campo, o registro de narrativas acerca da história e cultura da comunidade, com pessoas mais velhas da comunidade, os guardiões da memória, o que possibilitou dar ênfase aos aspectos culturais amazônicos. Para o registro utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação associada à análise de narrativa. Após os registros das narrativas e aplicação do método da análise de narrativa, definimos atividades que comporiam o caderno pedagógico, aplicamos uma atividade do caderno junto aos (as) estudantes do 7º ano e em seguida elaboramos a versão final do caderno pedagógico.

O caderno pedagógico poderá ser utilizado por professores (as) de diferentes áreas do conhecimento para a realização de atividades pedagógicas com estudantes do ensino fundamental, que possibilitará o contato e o conhecimento dos saberes culturais provenientes dos registros narrativos dos guardiões das memórias, o que eles conhecem e o que podem aprender com a transmissão de saberes de geração em geração. Em nossa análise, o caderno poderá, também, contribuir para a formação intelectual, fortalecimento da identidade cultural e alteridade<sup>1</sup> dos (as) estudantes em toda sua experiência formativa na escola e fora dela.

A dissertação está organizada em capítulos, seções e subseções. O primeiro capítulo trata do processo de pesquisa no que se refere à trajetória da pesquisadora, método, técnicas e procedimentos metodológicos, o lócus de pesquisa, tanto a comunidade, a escola e os guardiões da memória da Vila Auí-Açu.

O segundo capítulo trata do arcabouço teórico que sustenta a produção escrita da dissertação, trazendo o referencial teórico e elementos conceituais importantes sobre a Amazônia, cultura, memória, narrativas orais e identidade cultural, tendo como principais autores Loureiro (2015), Hall (2006), Bhabha (1998), Canclini (2003), Eliade (1972), Simões (2000) e Zumthor (1997).

No terceiro capítulo apresentamos os guardiões da memória, que são homens e mulheres, geralmente mais velhos, que guardam em suas memórias as histórias, os saberes e as tradições da Vila Auí-Açu. São personagens que vivenciaram as mudanças e os desafios da comunidade ao longo do tempo, tornando-se testemunhas vivas de um passado que se entrelaça com o presente, e que guardam em suas narrativas as tradições, saberes e modos de vida local.

No quarto capítulo discutimos cultura, memória e identidade cultural, no intuito de observar essas categorias sociológicas e movimentar a teoria para a realização da análise das narrativas orais dos guardiões da memória. Assim, o referencial teórico que sustentou a análise foi escrito a partir dos seguintes autores: Ricoeur (1994), Cunha (2009), Benjamin (1994), Bosi (1993, 1994, 2003) e Halbwachs (2006).

O quinto capítulo elaboramos uma análise das narrativas dos guardiões da memória, apontando reflexões acerca das mesmas e identificando elementos para que possam ser trabalhadas em atividades didático pedagógicas na EMEIF Santo Antônio.

---

<sup>1</sup> Refere-se a capacidade de reconhecer e respeitar as diferenças entre si mesmo e os outros, sejam essas diferenças culturais, sociais, religiosas, de gênero, entre outras.

No sexto capítulo apresentaremos o resultado da experiência formativa com os estudantes do 7º ano da EMEIF Santo Antônio, usando a proposta da atividade do caderno. Em seguida, apresentamos o delineamento da organização do Caderno Pedagógico no qual são apontadas, didaticamente, as múltiplas possibilidades de se trabalhar com atividades de caráter cultural com os (as) estudantes do ensino fundamental.

E por fim, apresentamos as considerações finais com os resultados da pesquisa, objetivos alcançados, apontando a necessidade de mais pesquisa na temática investigada.

## **2 MEMÓRIA E NARRATIVAS: PESQUISA E FORMAÇÃO**

### **2.1 A trajetória da pesquisadora: um encontro com a comunidade Vila Auí-Açu**

Revisitar a própria história é um exercício de autoanálise e autoconhecimento. Ao olhar para trás, percebo como cada etapa da minha vida contribuiu para a formação da educadora que sou hoje. Desde a infância até a escolha pela carreira acadêmica, cada experiência e desafio moldaram minha visão de mundo e minha prática pedagógica.

Minha infância e juventude foram marcadas por um ambiente familiar que valorizava a educação e o respeito ao próximo. Esses valores foram fundamentais para minha formação como pessoa e, posteriormente, como educadora.

Tornei-me professora em uma escola pública aproximadamente há quinze anos, ensinando Língua Portuguesa e Literatura. Minha história começa no ano de 1981, quando, já alfabetizada por minha mãe, fui matriculada na Escola Municipal Solano Trindade, na capital de São Paulo. Ali, estudei até o meu quarto ano do ensino fundamental. Em 1989 concluí o ensino fundamental na Escola Municipal Dr. Fábio Luz, no município de Tomé-Açu, no estado do Pará. Adorava as histórias lidas em sala de aula contadas pelas minhas professoras de Língua Portuguesa, sobre lendas da Cobra Grande, da Mandioca, do Açaí, da Vitória-Régia, do Rio Amazonas e do Curupira. Lembro-me de que utilizamos muitos livros didáticos. Meus colegas e eu sempre gostávamos deste momento nas aulas. Recordo-me da minha professora no ensino fundamental pedindo para eu ficar à frente da turma, ainda a essa época, disposta em fileiras e à frente, perto do quadro negro. Era emocionante ler estas histórias diante de todos.

Em 1992 encerrei o 2º grau (atual Ensino Médio), na Escola Estadual Antônio Brasil. Durante esse período de três anos de estudo até a conclusão, acompanhei a mesma professora, educadora que marcou minha vida acadêmica, incentivando-me a seguir carreira na área de Letras. Naquela época dispunha-me a fazer seminários, saraus, concursos literários, trabalhos. Tudo era literatura, estudava a gramática sempre relacionada com a literatura.

Após tomar gosto pela leitura, veio um pensamento de ser professora de Língua Portuguesa. No ano de 2007 iniciei minha Licenciatura em Letras. A entrada na universidade foi um marco significativo. Cada disciplina, cada debate em sala de aula, contribuiu para meu crescimento intelectual e para a construção de uma visão crítica da realidade. Minha vida acadêmica era bem empolgante e agitada, mas a realidade da maioria dos estudantes não é simples. Muitos colegas, desestimulados, optaram por abandonar os estudos.

Quando estava no segundo ano de curso fui contratada para trabalhar com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Então precisei conciliar estudos e trabalho. Observava os alunos com dificuldades de leitura e desestimulados com os textos literários. Neste momento, vieram meus questionamentos: como estimular os alunos do ensino fundamental a possuírem interesse e curiosidade pela leitura literária? Como tornar a leitura literária uma leitura prazerosa? Como aproximar leitura literária, cultura, saberes e identidade cultural como pertencimento? Esses são alguns dos questionamentos que fomentaram minhas investigações, imprescindíveis na escolha do curso de pós-graduação *stricto sensu* Profletras como extensão de minhas pesquisas e formação continuada (científica).

Em 2011, concluí a Licenciatura em Letras na Universidade Luterana do Brasil. Em 2015 finalizei o curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação. No ano de 2015 fui aprovada no concurso público do município de Tailândia e logo tomei posse do cargo de professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental de 6º ao 9º ano para ministrar aulas na Escola Municipal Santo Antônio, onde trabalho até o presente momento.

Em 2022 fui aprovada no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Letras reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação. Tem como objetivo capacitar professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, afim de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino do País. O PROFLETRAS é um curso semipresencial, com oferta simultânea nacional no âmbito do Sistema da Unidade Aberta do Brasil (UAB). O curso é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). As aulas poderão ser ministradas de segunda a sexta, conforme determinação do colegiado local de cada unidade que integra a rede. Vinte estados do território brasileiro ofertam anualmente o mestrado, por meio de uma prova avaliativa contendo vinte questões e uma redação. Porém, no ano de 2022, houve uma alteração na prova avaliativa, desta vez composta apenas pela redação e uma entrevista com os professores avaliadores.

Escrever este memorial foi uma oportunidade de refletir sobre minha caminhada e de reafirmar meu compromisso com a educação e com a luta por uma sociedade mais justa. Cada fragmento de memória, cada experiência vivida, contribui para a construção de uma identidade docente que se renova continuamente, guiada pelo desejo de transformar vidas através do conhecimento.

Essa experiência me ajudou a lembrar e refletir sobre cada momento vivido no passado, trazer à memória tantas coisas, ao escrever sobre a minha história de vida até chegar a minha formação acadêmica. A autobiografia é muito importante porque me possibilita refletir sobre a minha vida e a história da minha comunidade, possibilitando uma análise de nossa práxis. Sem dúvida as vivências na realidade escolar e as formações acadêmicas e pedagógicas são fundamentais para o fortalecimento da práxis educativa.

As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano, nem sempre estas vivências ficam na nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, um saber-fazer um campo de atuação consigo mesmo com os outros, em situações específicas (JOSSO, 2009, p. 04).

Concordo com a autora, ao afirmar que o saber-fazer se forma através das vivências, elas nos possibilitam aprender, desaprender e reaprender no exercício docente. E dentro desta rememoração que vou de encontro com o meu lugar de pesquisa e com o meu objeto de investigação, além de compreender de que forma poderei contribuir com esta dissertação e o produto dela para a educação de qualidade dos (a) estudantes da EMEIF Santo Antônio.

## **2.2 Processo de pesquisa: metodologia da pesquisa - Ação e análise da narrativa**

De acordo com Minayo (2001), “entendemos por metodologia o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade. Nesse sentido, ocupa um lugar central, no interior das teorias está sempre referida a elas” (MINAYO, 2001, p. 16). Assim, a metodologia aplicada neste trabalho alinha-se com a pesquisa-ação e análise de narrativa, pois, o presente estudo se caracteriza pela sua natureza qualitativa, ao combinar a investigação social com a ação prática social, além de reconhecer cultura como tecido social que sustenta a existência da comunidade Vila Auí-Açu. Neste caso, foi importante a interação dos participantes pesquisadores com os sujeitos pesquisados, cooperando de forma recíproca e coletiva (THIOLLENT, 1986).

Segundo Thiollent (1986), em **Metodologia da Pesquisa-ação**, pode-se definir a pesquisa-ação como

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Ainda, para Thiollent (1986, p. 18), “com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Deste modo, ao adotar a pesquisa-ação como estratégia metodológica em pesquisas sociais, espera-se os seguintes resultados: a) há uma ampla explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Segundo Thiollent (1986, p. 18), é possível atingir os seguintes objetivos de geração de conhecimento utilizando a pesquisa-ação: a) A coleta de informações original sobre situações e atores em movimento; b) a concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas estudados; c) a comparação das representações próprias aos vários interlocutores, com aspecto de cotejo entre saber formal e saber informal acerca da resolução de diversas categorias de problemas; d) a produção de guias ou de regras práticas para resolver os problemas estudados e planejar ações que os solucionem ou minimizem; e) os ensinamentos positivos ou negativos quanto à conduta da ação e suas condições de êxito (THIOLLENT, 1986, p. 18).

Thiollent (1986) descreve os objetivos práticos na pesquisa-ação como contribuições que visam melhorar o entendimento e a solução de um problema identificado centralmente na pesquisa. Esses objetivos devem ser desenvolvidos em colaboração com o grupo pesquisado, considerando os problemas levantados e as prioridades eleitas. Além disso, é essencial levar em conta a capacidade do grupo para efetivar as ações propostas. O foco é auxiliar os agentes envolvidos na transformação da situação, propondo soluções e ações que possam ser implementadas para abordar e resolver os problemas identificados.

Essa abordagem colaborativa e prática é uma característica fundamental da pesquisa-ação, diferenciando-a de outras metodologias de pesquisa que podem ser mais descritivas ou teóricas. A intenção é que os participantes não apenas contribuam com o processo de pesquisa,

mas também se tornem agentes ativos de mudança em suas próprias realidades socioculturais (THIOLLENT, 1986).

Com base nesta perspectiva metodológica, construímos os procedimentos de pesquisa e definimos critérios para seleção dos sujeitos-partícipes da pesquisa. Desta forma, a pesquisa se deu a partir da escuta de narrativas orais, realizadas com os guardiões da memória da comunidade Vila Auí-Açu, cujo objetivo era construir o caderno de cultura para ser utilizado com os (as) alunos (as) do sétimo ano da escola Santo Antônio.

A entrevista foi escolhida como estratégia de coleta das narrativas, pois permitiria a aproximação com os participantes, possibilitando a criação de um ambiente de confiança e diálogo, promovendo a escrita ativa e a valorização das experiências individuais. A entrevista nos permitiu, ainda, atingir outros objetivos com maior profundidade durante a coleta de dados, pois foi possível explorar em detalhes as memórias e vivências dos participantes, obtendo-se informações que não estariam acessíveis por outros métodos. A flexibilidade deste encontro pode ser adaptada às necessidades específicas da pesquisa, o que permite a inclusão de diferentes temas e perguntas.

Optou-se por realizar as entrevistas baseando-se nos seguintes critérios: os participantes escolhidos são os velhos da vila Auí-Açu, com idade superior a sessenta anos, que tenham vivido na comunidade por pelo menos trinta anos. Os instrumentos foram o roteiro de entrevista, com perguntas abertas sobre memória, identidade cultural, costumes, histórias de encantarias e as mudanças na comunidade ao longo do tempo.

Dentro do procedimento metodológico, utilizamos gravações em áudio das entrevistas, para posteriormente transcrevê-las ao presente trabalho, e o registro fotográfico, com a prévia autorização do (a) entrevistado (a).

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (MINAYO, 2001, p. 21)

Nesse contexto, a entrevista pode ser compreendida como uma técnica específica e direcionada à coleta de dados científicos, com características bem definidas. Deste modo, a entrevista neste processo de pesquisa foi entendida como uma interação entre duas pessoas, onde há um objetivo claro e específico a ser alcançado. Essa interação é planejada para extrair informações relevantes sobre um tema particular. “A essência da entrevista reside na

comunicação verbal, enfatizando a importância da linguagem e do significado da fala. A forma como as perguntas são feitas e as respostas são dadas é crucial para a eficácia da técnica” (MINAYO, 2001, p. 57).

A entrevista é um método sistemático para reunir informações sobre um determinado tema científico. Ela pode ser estruturada (com perguntas previamente definidas), semiestruturada (com uma combinação de perguntas definidas e abertas) ou não estruturada (mais flexível e adaptativa). Além de coletar dados, a entrevista busca captar o significado e as nuances nas respostas dos entrevistados. Isso inclui a compreensão dos contextos e das percepções individuais, o que pode enriquecer a análise científica.

Essa abordagem faz da entrevista uma ferramenta valiosa na pesquisa científica, pois permite uma exploração detalhada e contextualizada dos fenômenos estudados, valorizando tanto o conteúdo das respostas quanto a forma como são expressas.

A análise das entrevistas se realizou por meio de técnica de **análise de narrativas** (BASTOS; BIAR, 2015). A análise de narrativa é uma ferramenta metodológica que facilita a integração e o diálogo entre diferentes disciplinas e campos do conhecimento, promovendo uma abordagem interdisciplinar que enriquece a compreensão dos fenômenos estudados. Esta abordagem se foca nas histórias e falas dos atores sociais em variados contextos, capturando uma ampla gama de experiências e perspectivas. Isso permite uma análise rica e detalhada das dinâmicas sociais e culturais.

Há, em tal proposta, algumas afinidades com outras abordagens e tradições de pesquisa, mas não, evidentemente, uma identificação plena. Entre tais abordagens, destacamos, por exemplo, a chamada história oral (Ferreira e Amado 1996), que privilegia o testemunho oral como instrumento do historiador e do antropólogo, tipicamente interessados na voz dos que ficam à margem da construção oficial da história (BASTOS; BIAR, 2015, p. 100).

Para as autoras, a análise de narrativa reconhece o discurso narrativo não apenas como uma representação da realidade, mas como uma prática social que contribui para a construção e a constituição da realidade. Assim, elas se debruçam na questão: como as narrativas moldam e são moldadas pelas práticas sociais? Esta abordagem desafia a visão das identidades como fixas (HALL, 2006) e estereotipadas, destacando a natureza dinâmica e performativa das identidades sociais. Inspirada por teóricos como Judith Butler, a análise de narrativa quer saber: como os atores sociais constroem suas identidades e papéis de acordo com os contextos locais e situações específicas (BASTOS; BIAR, 2015).

Assim, “a tomada da narrativa como uma forma de constituir uma realidade sempre revogável e a serviço de padrões culturais e interacionais” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 101), busca entender a singularidade do sujeito a partir de sua trajetória social e cultural, buscando identificar temas recorrentes, padrões e significados nas narrativas dos participantes. A análise de narrativa mostra-se bastante produtiva para examinar a fala gerada em diferentes contextos, tanto em interações cotidianas, institucionais, em entrevistas de pesquisa, em grupos focais e outras metodologias.

A produção do caderno pedagógico elaborado foi realizada a partir de elementos identificados nas narrativas coletadas através das entrevistas com os Guardiões da Memória. Assim, este caderno é o produto do processo empreendido na produção desta pesquisa e consiste nos seguintes objetivos: divulgar o conhecimento e as histórias de vida dos guardiões da memória da comunidade e servir como material didático para os (as) alunos (as) da escola Santo Antônio, bem como para outros (as) alunos (as) de outras séries, promovendo o aprendizado sobre a história e a valorização da cultura da comunidade.

O caderno pedagógico intitulado “Memória e Cultura da comunidade Vila Auí-Açu”, tem como público-alvo os professores (as) e os (as) alunos (as) da escola Santo Antônio e contém propostas didático-pedagógicas para serem trabalhadas dentro e fora da sala de aula.

A pesquisa foi desenvolvida em cinco etapas: **Primeira etapa - O contato com a comunidade:** apresentação da intenção à comunidade e aos participantes da pesquisa. **Segunda etapa - Realização das entrevistas:** aplicação do roteiro de entrevista com os guardiões da memória. **Terceira etapa - A análise dos dados:** transcrição das entrevistas, codificação e análise das narrativas. **Quarta etapa - A elaboração do Caderno de Pedagógico:** com a organização de 11 (onze) propostas pedagógicas, articuladas aos saberes culturais, cultura local, memória e identidade cultural da comunidade. **Quinta Etapa - A Experiência Formativa:** a realização da experiência formativa com os (as) estudantes de duas turmas do 7º ano, MF701 e MF702, do ensino fundamental da EMEIF Santo Antônio, com a proposta de atividade - produção textual - do caderno pedagógico e o refinamento das propostas anteriormente elaboradas, para apresentarmos a versão final do caderno pedagógico, como produto educativo elaborado a partir da pesquisa.

## 2.3 Comunidade Vila Auí-Açu e os Guardiões da Memória

### 2.3.1 A comunidade Vila Auí-Açu

Na década de 70, a construção da PA-150, que corta o Estado do Pará de norte a sul foi um dos principais motivos que ocasionaram os conflitos pela terra entre fazendeiros – que buscavam incentivos fiscais junto à SUDAM, grileiros – pessoas que se apossaram da terra para fins especulativos e reserva de valor – e posseiros – trabalhadores rurais e pequenos proprietários que se estabeleceram na terra e acompanhavam a abertura da estrada (IBGE, 2023).

Com a intensificação da violência, o então governador do Estado, Alacid Nunes (1924-2015), determinou ao Instituto de Terras do Pará (ITERPA) a intervenção na região. Em 03 de junho de 1978, com a chegada dos primeiros técnicos, a localidade sofreu a intervenção da Polícia Militar, sob o comando do Tenente Pinheiro, iniciando-se assim o cadastramento dos colonos e a administração do projeto de colonização, demarcação de terras devolutas e distribuição de lotes entre os quilômetros 51 e 183 da PA-150, numa área de 158.400 hectares (IBGE, 2023).

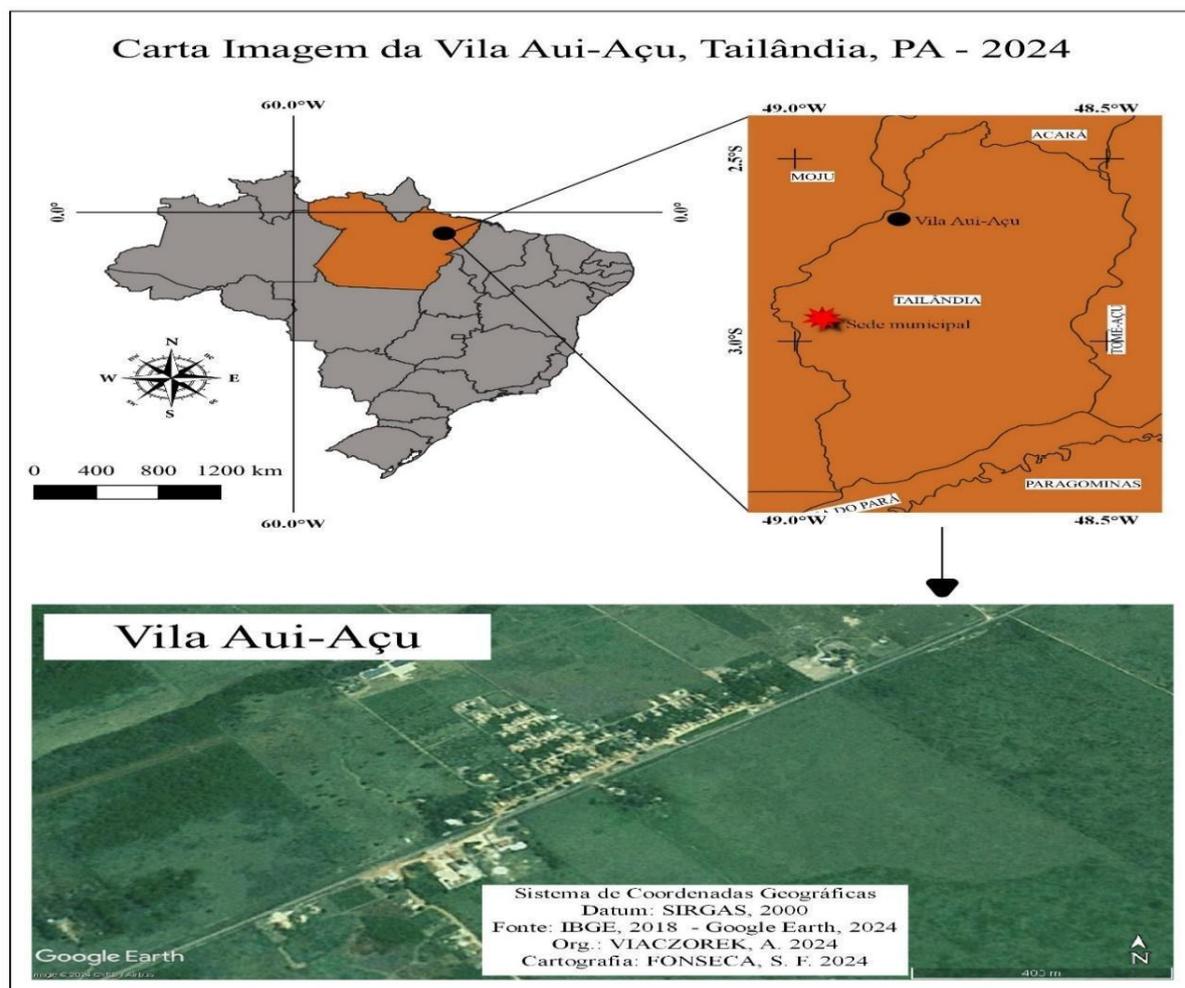
Em julho de 1978, em uma das reuniões entre os interventores e a população, decidiu-se questões importantes para a cidade, tais como o padroeiro, que é São Francisco de Assis; a data de sua homenagem é o dia 04 de outubro; o nome escolhido para batizar a localidade foi proposto pelo então interventor Tenente Pinheiro, que comparou os conflitos da cidade com os que ocorriam no país asiático Tailândia, que passava naquela época por uma guerra civil e de fronteiras. No entanto, Tailândia, que fazia parte do município do Acará, só teve a sua emancipação político-administrativa em 10 de maio de 1988. É deste período o registro dos primeiros colonos e os primeiros moradores migrantes no que hoje é o município de Tailândia. Eles “acorreram para esse perímetro que estava sendo aberto”, que significava uma “nova oportunidade de melhorar de vida” (Prado, 2006), com o início das obras de abertura da PA-150, em 1977. Trata-se de perceber que a PA-150 encontrava-se ainda em processo de abertura “havendo duas frentes de construção, uma que vinha no sentido Belém-Marabá e outra no sentido inverso” (Prado, 2006).

Assim, iniciaram as primeiras comunidades rurais no Município de Tailândia. A vila Auí-Açu está localizada nas proximidades da Rodovia PA-150, km 92. Possui acesso para quatro saídas: a oeste, com o município de Moju; ao norte com o município de Acará e a capital

do estado, Belém; a leste com o município de Tomé-Açu; ao sul com os municípios de Goianésia, Jacundá e Ipixuna.

A Vila teve seu início com a chegada dos imigrantes japoneses, inseridos dentro das políticas públicas de assentamento ao longo das rodovias que foram criadas a partir da década de 70, pelos Programas Públicos de Colonização implantados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e o ITERPA (Instituto de Terras do Pará). Esses programas incentivaram a migração de várias comunidades, principalmente da região nordeste do país à região norte. Cultivavam plantações de pimenta do reino, gerando mão de obra na época. Porém não permaneceram por muito tempo, pois o solo era arenoso demais para o cultivo, como de outras hortaliças. O alagamento de toda a vila, ocasionado pela grande quantidade de chuvas, ocasionava a perda geral das plantações ali cultivadas. Desestimulados, os japoneses venderam suas propriedades e mudaram-se para outros municípios, entre eles, o de Tomé-Açu (IBGE,2023).

Figura 1 – Mapa da comunidade Vila Aui-Açu



Fonte: acervo pessoal (2024)

Fotografia 1 – Rio Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 2 – Ponte para a travessia do Rio-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 3 – Parte central da comunidade Vila Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 4 – Ruas da comunidade Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 5 – Escola Santo Antônio, Caixa d'água, Unidade Básica de Saúde e Academia da Vila Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 6 – Caixa d'água da Vila Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 7 – Ruas da Vila Auí-Açu



Fonte: acervo próprio (2024)

Muitas frentes de imigração constituem a formação do município de Tailândia e também de suas vilas. Com a abertura da rodovia PA - 150 intensificou-se a entrada de imigrantes nessa região. O surgimento das propriedades rurais ao longo da rodovia PA – 150 trouxe na sua esteira o agravamento dos conflitos de terra envolvendo fazendeiros, posseiros e grileiros, que forjavam as documentações de posse de terras, forçando a aplicação do Projeto de Assentamento Dirigido.

O Sr. Vagner Leite, um dos pioneiros na construção da Vila Auí-Açu, dono de terras, propriedades e empresas, prestava serviço terceirizado à AGROPALMA – Indústria de dendê – que gerou empregos para mais de oitocentos funcionários, instalados em alojamentos, vindos de vários municípios do estado do Pará e de outros estados como Maranhão, Piauí e Paraíba.

A Vila Auí-Açu recebeu este nome pelo Sr. Benedito Prado, antigo morador da vila, já falecido. E tem por significado Rio-Grande, pois Auí significa “rio” e Açu significa “grande”, na língua indígena tupi-guarani. Este nome pertence ao rio que fica há sete quilômetros da vila, na comunidade Nazaré-Açu. Porém, antes de receber este nome, a vila Auí-Açu era conhecida pelo nome vulgar de “Cachorro de Coca”. Segundo as narrativas dos guardiões da memória, os madeireiros, dirigindo seus caminhões e carros, ao passar, bem cedo, pelo turno da manhã, viam os trabalhadores tomando café e esperando o transporte “acocados”<sup>2</sup>. Existe também outra versão para o apelido Cachorro de Coca, pelo fato de se encontrarem vários cachorros sentados

---

<sup>2</sup> Significa “abaixados”.

à margem da rodovia, ao passarem pela vila. Atualmente os moradores da Vila Auí-Açu não gostam que chamem a cidade pelo apelido Cachorro de Coca e sim pelo nome Auí-Açu.

Na Vila Auí-Açu existia apenas uma usina de arroz, uma pequena escola com Educação Infantil e Ensino Fundamental I, com apenas duas salas, um posto de saúde e uma Igreja Católica. Com o crescimento da vila, houve a necessidade da construção da caixa d'água, poço artesiano, instalação elétrica, bomba e tubulação para o abastecimento e distribuição de água encanada. Logo em seguida, houve as reformas do prédio da Igreja Católica que tem como padroeiro Santo Antônio e da escola de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio. Foi reformado ainda o Posto de Saúde da Família, que oferece serviços de atendimento médico e acesso a medicamentos de forma gratuita, contribuindo com a saúde da família dos moradores da vila Auí-Açu e de outras comunidades próximas. A presença do posto reformado na vila tornou desnecessário o deslocamento de pessoas à procura de atendimento em unidades de saúde de outras localidades próximas da zona urbana de Tailândia.

A Vila Auí-Açu possui rede elétrica, postes de iluminação pública, asfalto na avenida central e alargamento com terraplanagem nas demais ruas. Possui comércio variado de carnes, legumes e frutas. Possui também restaurantes, entrega de refeições e lanches *self-service* de ótima qualidade, pois as mulheres da vila são dedicadas à culinária. Temperos do norte e do nordeste compõem um vasto repertório de sabores da região. A venda de leite puro e queijos feitos artesanalmente é popular, pois a criação de gado é intensa na localidade.

A economia da Vila Auí-Açu, assim como muitas outras vilas da Amazônia, é baseada principalmente na agricultura de subsistência, pesca e, em alguns casos, no extrativismo. Os moradores cultivam produtos como mandioca, milho e frutas tropicais. A pesca também é uma atividade importante, fornecendo tanto alimento como renda.

A economia da vila é fortemente baseada na agricultura de subsistência. Os moradores cultivam mandioca, milho, arroz, feijão e frutas tropicais como açaí, cupuaçu e cacau. Além da agricultura, a criação de pequenos animais e a pesca são atividades econômicas imprescindíveis. A pesca nos rios e igarapés fornece proteína essencial para a dieta local e uma fonte adicional de renda. Também, a coleta de produtos florestais não madeireiros, como castanha-do-pará e óleos essenciais também contribui para a economia local.

A cultura local é rica e diversa, refletindo a mistura de tradições indígenas e influências dos colonizadores e imigrantes. Festas tradicionais, como as festas juninas e celebrações religiosas, desempenham um papel central na vida comunitária. As celebrações do Círio de Nazaré, por exemplo, são eventos importantes que fortalecem os laços comunitários.

A infraestrutura em vilas como Auí-Açu pode ser limitada. Esforços têm sido feitos para melhorar o acesso à educação, saúde e transporte. Escolas rurais e postos de saúde atendem a população local, embora frequentemente enfrentem desafios devido ao isolamento e recursos limitados.

A Vila enfrenta desafios comuns às comunidades rurais na Amazônia, como o acesso limitado a serviços básicos, infraestrutura deficiente e a necessidade de preservar o meio ambiente, enquanto se busca o desenvolvimento econômico. Iniciativas de desenvolvimento sustentável e programas governamentais são cruciais para melhorar as condições de vida na região.

A Vila Auí-Açu e outras comunidades semelhantes desempenham um papel importante na preservação da Amazônia. A vida ribeirinha e a cultura local estão intrinsecamente ligadas à saúde da floresta e dos rios. A sustentabilidade das práticas econômicas e a conservação ambiental são temas centrais para garantir o futuro dessas comunidades.

### 2.3.2 A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio

Segundo Libâneo (2011), a força impulsionadora do processo de ensino/aprendizagem é um adequado ajuste entre os objetivos/conteúdos/métodos organizados pelo professor e o nível de conhecimento, experiências e motivos do aluno. O movimento permanente que ocorre a cada aula consiste em, por um lado, o professor sugerir problemas, desafios e perguntas, relacionados a conteúdos significativos, instigantes e acessíveis; por outro lado, os alunos, ao aprenderem consciente e ativamente a matéria, mobilizam seus motivos, sua atividade mental e desenvolvem suas capacidades e habilidades. Portanto, um bom planejamento de ensino depende da análise e organização dos conteúdos concomitantemente à análise e consideração dos motivos dos alunos. No que diz respeito aos aspectos estruturais, deve-se levar em consideração em que condições o processo de ensino e aprendizagem ocorre. Nesse sentido, espera-se que a escola seja um ambiente que favoreça o processo de aprendizagem dos sujeitos.

As contribuições do PPP (2023) – Projeto Político Pedagógico – da escola Santo Antônio servirão como ponto de partida para obter as seguintes informações: a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio, CNPJ Nº: 04.514.772/0001-00, INEP: 15085015, está localizada na vila Auí-Açu, na Rodovia PA-150 km 92, a 40 km, CEP: 68695-000, da zona rural, da sede do município de Tailândia, Pará, pertencendo a SEMED – Secretaria Municipal de Educação e Cultura – foi fundada no ano de 1982, com o nome Santa Maria e pertencia ao Estado. Sua estrutura física era de madeira, coberta com telhas de barro,

comportando somente uma sala de aula, um pequeno compartimento que funcionava como cozinha, uma secretaria e um banheiro.

Fotografia 8 – Frente da escola Santo Antônio



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 9 – Interior da escola Santo Antônio





Fonte: Acervo Próprio (2024)

Em 1999, a escola foi reformada, a estrutura física ficou com duas salas de aula, um laboratório de informática, uma cozinha, três banheiros e uma quadra de esporte. E passou a ser chamada Santo Antônio, nome dado pelo Sr. Benedito Prado, antigo morador, em homenagem ao padroeiro da comunidade. A escola durante anos funcionou em regime multisseriado, mas a partir do ano de 2010 a escola passou a funcionar com turmas seriadas.

No ano de 2012, por meio de parcerias entre o Governo Federal, SEDUC e prefeitura de Tailândia, a escola Santo Antônio passou por uma nova reforma. Com a construção de mais oito salas de aula, um bloco administrativo – com cinco salas e quatro banheiros -, um bloco com cozinha - com quatro salas – um refeitório e dois banheiros, a construção de uma quadra esportiva com cobertura. Totalizando dez salas de aula, nove banheiros, bloco administrativo, bloco com cozinha, uma sala de atendimento da Educação Especial Inclusiva, uma sala de leitura, depósito de materiais e a quadra esportiva com cobertura.

Entre os anos de 2013 e 2017, a escola Santo Antônio passou a atender duas turmas noturnas: PROJOVEM CAMPO - Saberes da Terra e o Programa EJA (Educação de Jovens e Adultos), iniciando às 18:00 horas e encerrando às 22:00 horas.

Atualmente, a escola Santo Antônio atende da seguinte forma: uma turma da Educação Infantil pela manhã e uma outra à tarde. As turmas dos anos iniciais funcionam somente no período vespertino. Deste modo, é com uma turma de 1º ano, uma turma do 2º ano, uma turma do 3º ano, uma turma do 4º ano e uma turma do 5º ano. As turmas de 6º a 9º ano funcionam nos dois turnos: manhã e tarde. No período matutino, duas turmas de 6º ano, duas turmas do 7º ano, um 8º ano e um 9º ano. A sala de leitura funciona nos dois turnos: manhã e tarde. A sala do – AEE - Atendimento Educacional Especial possui atendimento nos dois turnos: manhã e tarde. O laboratório de informática atua nos dois turnos: manhã e tarde.

A escola Santo Antônio possui um quadro funcional de servidores distribuídos conforme categorias funcionais: coordenadores pedagógicos (3), professores (30), secretários (2), inspetores (2), merendeiras (2), zeladores (3), vigias (3). Totalizam-se 45 funcionários. Os horários estabelecidos para funcionamento das aulas são: turno matutino, que inicia às 7:30 h e encerra às 12:15 h. As aulas também são oferecidas no período vespertino, iniciando às 12:45 h e encerrando às 17:00 h.

A nota abaixo de 6, meta nacional do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), no entanto, não retrata a mobilização de gestores, de técnicos, de mães e pais de estudantes. A Covid-19 atingiu a escola sobremaneira, principalmente devido à carência de recursos para aulas *online*. Frente a este desafio, os professores imprimiam trabalhos, que eram enviados aos estudantes, assim como as avaliações. Assim, em um cotidiano de idas e vindas de calhamaços de atividades, provas e tudo que se podia dispor, foi impossível atingir esta nota até o ano de 2022 no IDEB, índice calculado a partir do cruzamento de dados de aprovação dos estudantes e relacionados com as notas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Os filhos de moradores da própria comunidade caracterizam a menor parte do público discente atendido pela escola Santo Antônio, que possui capacidade de atender até 700 (setecentos) estudantes distribuídos em dois turnos. Dentre estes, estão filhos de agricultores ou de funcionários de empresas instaladas na região como Agropalma, Petrobrás e Alves Leite. A grande maioria dos estudantes vem de outras comunidades próximas a Auí-Açu. Algumas das histórias desses estudantes nos relatam rotinas exaustivas em que estes precisam despertar às 3 (três) horas da manhã.

Tais estudantes saem de comunidades do município de Tailândia, tais como: Vila Nazaré-Açu, Vila Betel, Vila São Sebastião, Vila Boa Esperança, Vila Santa Maria, Vila Santa Rosa, Vila Jandira, Vila Cristo Redentor, Vila Sucutuba, Vila Deus proverá, Vila Família. Contemplando os três níveis de ensino da Educação Básica: Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais, é considerada escola polo ou unidade estratégica.

### 2.3.3 Os (as) estudantes da EMEIF Santo Antônio

Esta subseção tem por objetivo apresentar os estudantes do 7º ano da Escola Santo Antônio, pois os mesmos desempenharam papel fundamental para a produção final desta pesquisa e da construção do Caderno Pedagógico. A participação ativa dos estudantes do 7º ano proporcionou uma experiência de aprendizado significativa e engajadora.

Esses estudantes são adolescentes com idades entre 13 e 15 anos, cheios de vida, provenientes de várias famílias da comunidade ribeirinha<sup>3</sup> e comunidades de estrada<sup>4</sup>, com um forte vínculo com a natureza ao seu redor. A maioria dos estudantes vêm de famílias que têm raízes na própria região. Muitos têm ascendência indígena, quilombola ou são descendentes de migrantes de outras partes do Brasil.

Os estudantes têm uma forte ligação com suas famílias e a comunidade local, muitos participam ativamente de eventos comunitários e ajudando nas tarefas familiares. Cresceram em um ambiente rico em biodiversidade, por isso muitos têm um profundo conhecimento sobre a flora e fauna locais, bem como técnicas tradicionais de pesca e agricultura.

Como a maioria é composta por filhos de agricultores de áreas rurais mais afastadas<sup>5</sup>, estes enfrentam desafios como percorrer longas distâncias para chegar à escola e falta de recursos financeiros. O ônibus, que sai de madrugada, é o meio para chegarem à escola. No entanto, mostram uma incrível resiliência e determinação para superar essas barreiras. Apesar das dificuldades, os estudantes têm grandes sonhos, alguns aspiram em continuar seus estudos em áreas como Biologia, Agronomia, Medicina e Educação, com o desejo de contribuir para o desenvolvimento sustentável de sua comunidade e região.

Os estudantes são ativos nas aulas e atividades escolares. Participam de projetos que envolvem a preservação ambiental, estudos sobre a cultura local e iniciativas de melhoria da comunidade. A aprendizagem muitas vezes acontece de maneira cooperativa, com os alunos trabalhando juntos em projetos e ajudando uns aos outros a superar dificuldades acadêmicas.

A relação entre estudantes e professores é baseada em respeito mútuo e confiança. Os professores são vistos como guias e não apenas como pessoas que transmitem conhecimento, mas também inspiram os (as) estudantes a perseguir seus sonhos e a valorizar suas raízes culturais.

Os (as) estudantes da Escola Vila Auí Açu, em nossa análise, são um reflexo da diversidade e riqueza cultural da Amazônia. Com um forte senso de comunidade, um profundo respeito pela natureza e uma vontade indomável de aprender e crescer. Esses jovens representam o futuro promissor da região, carregando consigo a herança de suas tradições e o desejo de construir um mundo melhor.

---

<sup>3</sup> Refere-se às comunidades em área de várzea.

<sup>4</sup> Refere-se às comunidades em área de terra firme.

<sup>5</sup> Ou são oriundos de comunidades circunvizinhas da Vila Auí-Açu.

### 3 OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE VILA AUÍ-AÇU

A memória se configura como alma da Vila Auí-Açu, tecendo uma tapeçaria viva de histórias, costumes e crenças transmitidas de geração em geração. Por meio da voz dos guardiões da memória, o passado ganha vida, conectando o presente às raízes da comunidade e garantindo que a tradição não se perca no tempo. De acordo com Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens e lembranças”. Sendo assim, a lembrança é uma relíquia do passado que permanece na subjetividade psíquica de cada ser, que se lança para o outro no tecido social e, a partir do momento que o sujeito vai recordando, algumas lembranças e fatos emergem espontaneamente, ou seja, ao rememorar esquecermos de certos acontecimentos e lembramos de outros. Assim, a memória não obedece a um tempo cronológico, as reminiscências surgem espontaneamente ao misturar datas e épocas.

Neste sentido a memória dos acontecimentos possibilita a mediação entre um tempo remoto com o atual, pois “recordar é sempre um ato de criação” (BOSI, 2003, p. 22). Por isso, ao relembarmos um fato que se encontrava estagnado no passado, estamos trazendo-o para o tempo presente e podemos perلustrar sobre o mesmo, havendo assim um pensar dialógico.

Neste estudo iremos trabalhar com a memória dos mais velhos da Comunidade Vila Auí-Açu, aqui denominados como guardiões da memória, pois a memória dos mais velhos é “uma extensão da pessoa que se revela em si mesmo e aos outros” (ALBERTI, 1993, p. 115).

Os guardiões da memória são homens e mulheres, geralmente mais velhos, a partir de 60<sup>6</sup> (sessenta) anos, que guardam em suas memórias as histórias, os saberes e as tradições da vila Auí-Açu. São personagens que vivenciaram as mudanças e os desafios da comunidade ao longo do tempo, tornando-se testemunhas vivas de um passado que se entrelaça com o presente. As histórias dos guardiões da memória são mais do que simples lembranças. Serão portais que nos transportam para um passado rico em detalhes, revelando as origens da comunidade: como a Vila Auí-Açu surgiu e se desenvolveu ao longo do tempo. Os costumes e tradições: as práticas que definem a identidade cultural da comunidade. Os desafios enfrentados: as dificuldades que a comunidade superou ao longo de sua história. As esperanças para o futuro: os sonhos e aspirações que guiam a comunidade. Vale destacar o que diz Simões a respeito dessa temática:

---

<sup>6</sup> Há um entrevistado com idade inferior a 60 (sessenta anos) que se colocou à disposição para participar da pesquisa, em virtude disso, optamos em entrevistá-lo, e constatamos que ele conhece bem a comunidade é portador de uma memória social herdada de seus antepassados.

O percurso de discussão sobre narrativa tem acontecido em momentos históricos distintos e com distintas formas de questioná-la e de produzi-la. Indiferente à linha de averiguação que em cada um desses momentos, possa ter sido considerada a mais legítima, é fundamental destacar que o gênero desperta interesse crescente e permanente, haja vista os inúmeros estudos que dele se cercam. (SIMÕES, 1999, p. 31).

A autora destaca a importância da memória oral, por meio de narrativas como um patrimônio cultural inestimável que preserva a identidade cultural, transmitindo valores, crenças e saberes ancestrais de geração em geração. Fortalece os laços comunitários, cria um senso de pertencimento e identidade entre os membros da comunidade. Promove a resistência cultural, preserva a cultura local frente à homogeneização cultural. Outro posicionamento é apontado por Loureiro, ao ressaltar que:

Libertos do espaço pelas asas do imaginário, por meio do qual explicam e submetem à sua medida a noção de espaço, os homens estabelecem em plenitude, sua relação com o tempo. Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase como que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta ou nos rios. São inúmeras essas envolventes atitudes de contemplação operativa, em que o real e o imaginal se interpenetram livremente (LOUREIRO, 2015, p. 80).

O autor explora a riqueza do imaginário amazônico presente nas narrativas orais. As histórias dos guardiões da memória revelam a relação com a natureza, a profunda conexão da comunidade com o meio ambiente. A religiosidade local, as lendas e histórias que alimentam a imaginação da comunidade, sendo testemunhas e protagonistas, não são apenas testemunhas do passado, mas também protagonistas na construção do futuro da vila Auí-Açu. Por meio das narrativas orais, eles transmitem valores e conhecimentos, educam as novas gerações sobre a história e a cultura da comunidade. Provém o diálogo intergeracional, conectam as diferentes gerações, fortalecendo os laços familiares e comunitários. Inspiram a criatividade, estimulam a produção artística e cultural local. Preservam a identidade cultural, garantem que a cultura da comunidade não se perca no tempo.

A seleção dos guardiões da memória organizou-se da seguinte forma: para a pesquisa foram selecionados com base em critérios como: idade e vivência na comunidade por longo período, reconhecimento da comunidade como detentor de conhecimento e memória sobre a história local, disposição para compartilhar suas histórias e experiências de vida. O processo de entrevistas com os guardiões da memória foi conduzido com respeito e sensibilidade, criando um ambiente acolhedor para que pudessem compartilhar suas histórias livremente. A escuta atenta e a empatia foram essenciais para garantir a riqueza e a autenticidade dos relatos. Os

temas abordados nas entrevistas exploraram diversos temas relacionados às histórias e à identidade da Vila Auí-Açu, como memórias pessoais e familiares, tradições e costumes da comunidade, mudanças na comunidade ao longo do tempo, desafios e perspectivas para o futuro da Vila Auí-Açu.

O resultado das entrevistas com os guardiões da memória revelou um universo de histórias e experiências únicas, que compõem um mosaico vivido na história da vila Auí-Açu como riqueza da cultura local, com todas as suas tradições, costumes e crenças, mudanças significativas que a comunidade vivenciou ao longo do tempo, os desafios que a comunidade enfrenta atualmente, as esperanças e sonhos para o futuro da vila Auí-Açu. A análise dos resultados das entrevistas contribuiu para compreender a história e a identidade cultural da vila Auí-Açu em sua complexidade, identificou os elementos que definem a cultura local, reflexão sobre os desafios e as perspectivas para o futuro da comunidade, valorizou a importância da memória e da identidade cultural para o desenvolvimento.

Os guardiões da memória foram peças fundamentais na construção da identidade da vila Auí-Açu, seus relatos preservaram a história da comunidade, serviram como ponte entre as gerações e inspiraram a reflexão sobre o futuro. A valorização e o registro de suas memórias são essenciais para garantir o respeito à diversidade cultural da Vila Auí-Açu, para que as próximas gerações reconheçam sua identidade cultural e dela se apropriem.

### 3.1 Quem são os Guardiões da Memória da comunidade Vila Auí-Açu

No percurso da pesquisa identificamos que os entrevistados nunca haviam participado de uma pesquisa que fizesse uma escuta sensível de suas narrativas. Estavam felizes por poder compartilhar suas histórias e memória conosco. Assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) e permitiram tanto o registro de imagem quanto o de áudios durante as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos guardiões. Ao adentrarmos suas moradias, a simplicidade e o acolhimento foram elementos marcantes para nós. “Em geral, lembram-se de fatos e sensações ocorridas no momento e falam de sentimentos, reavaliados hoje, provocados por essas vivências” (FERNANDES, 2012, p. 176). Não era apenas uma entrevista, era uma experiência viva, um momento de aprendizagem concreta e efetiva.

Eles contaram suas histórias em encontros informais; muitas vezes ofereceram café, pão, broa, refrigerante, almoço, jantar; explicaram detalhes pacientemente; não se incomodaram com as constantes visitas e perguntas. Nas intervenções com a

comunidade, o autor procurou tratá-los com o mesmo respeito e a mesma simpatia. Durante as entrevistas ou conversas, não tentou assumir um papel de “neutralidade”, como um pesquisador que apenas analisa externamente o objeto de estudo. Por outro lado, não tentou inserir-se artificialmente no contexto da comunidade (OLIVEIRA; FRAGA, 2009, p. 9).

Os autores Oliveira e Fraga (2009) descrevem bem como foi nosso processo de entrevistas, partilham conosco a mesma experiência. Por isso, trazer suas imagens e contextualizar suas narrativas no texto dissertativo é uma forma de salvaguardar a história-memória dessas pessoas, que vivem modos de vida amazônicos, transitam pela floresta e aprendem com a mãe-terra.

Muitos deles nem conseguiram partilhar com maior fluidez seus saberes-memória. No momento da rememoração, ficaram emocionados, sensíveis e saudosos de um tempo em que viveram sua infância e juventude. Assim, frente a histórias colhidas aos retalhos, atravessadas pelo afeto, “apesar de seguirmos uma linha cronológica para contar a trajetória dos personagens, não nos prendemos à mesma” (OLIVEIRA; FRAGA, 2009, p. 9).

Percebemos ainda que não se reconheciam como guardiões da memória da comunidade, não sabiam que suas histórias, que suas vidas eram importantes para a comunidade.

Essa amnésia presente e imediata constitui o principal fator da sociedade do esquecimento, caracterizada, segundo Olga Von Simson (2000), pelo ritmo acelerado do meio urbano, além da já referida quantidade avassaladora de informações, proporcionada pelos avanços tecnológicos. A consequência dessa dinâmica seria uma sociedade marcada pela ausência da capacidade de selecionar fatos e vivências para serem lembradas; pela perda do poder de filtrar e escolher o que deve ser preservado ou descartado (OLIVEIRA; FRAGA, 2009, p. 9)

Esse esquecimento e o não autorreconhecimento dos entrevistados como guardiões permitem o diálogo com a afirmação de Oliveira e Fraga (2009), de que na sociedade moderna tudo se tornou descartável. Ainda, Bauman afirma que “a modernidade líquida é uma sociedade na qual as condições sob as quais seus membros atuam, mudam antes que as formas de agir se consolidem em hábitos e rotinas determinadas” (BAUMAN, 2004, p. 7).

Assim, temos que considerar que

As manifestações tradicionais e as narrativas orais dos Guardiões da Memória reafirmam os valores do grupo e mantêm a sensação de pertencimento aos seus indivíduos. Reforçam ciclicamente identidades individuais e coletivas, estabelecendo o conjunto de ideias, valores e conhecimentos a serem compartilhados pela comunidade (OLIVEIRA; FRAGA, 2009, p. 2)

Deste modo, podemos afirmar que a pesquisa trouxe a eles um olhar sobre si mesmo, sobre a comunidade, sobre os saberes culturais e a cultura local, estimulando-os a compreender de que fazem parte de uma memória coletiva que não se apaga com o tempo; muito pelo contrário: modifica-se, desfragmenta-se, mas a essência permanece de geração em geração.

A memória é um fenômeno complexo e multifacetado, que tem sido objeto de estudo, na literatura, e Ricoeur (2007) é um dos autores importantes que se dedicam ao estudo da memória. No ensaio **A memória, a história, o esquecimento**, ele propõe uma reflexão filosófica sobre a relação entre memória, história e esquecimento. Na primeira parte do livro, Ricoeur (2007) discute a memória como um fenômeno psicológico. Para ele, a memória é a capacidade de preservar, recuperar e reelaborar experiências passadas. Argumenta que a anamnese é um processo dinâmico e evolutivo, que está constantemente sendo reelaborado e transformado. É um trabalho de reconstrução. Efetivamente, é influenciada por uma série de fatores, tais como as experiências pessoais, os valores culturais e as crenças religiosas. A rememoração também é influenciada pelo presente, pois as lembranças são reinterpretadas à luz das experiências atuais.

Nas palavras de Ricoeur, é possível dizer que:

A primeira expressão do caráter fragmentado dessa fenomenologia deve-se ao próprio caráter objetal da memória: lembra-nos de alguma coisa. Neste sentido, seria preciso distinguir, na linguagem, a memória como visada e a lembrança como coisa visada. Dizemos a memória e as lembranças. Falando de maneira radical, estamos tratando aqui de uma fenomenologia de lembrança. O grego e o latim usam, para isso, formas do particípio (*genomenou, praeterita*). É neste sentido que falo das “coisas” passadas. Uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado à reflexão distinguir, no seio do ato da memória, a questão do “o que?”, da do “como?”, e da do “quem?”, de acordo com o ritmo de nossos três capítulos fenomenológicos. Em terminologia husserliana, essa distinção se dá entre a noese, que é a rememoração e o noema, que é a lembrança (RICOEUR, 2007, p. 41).

Observa-se que a memória também é influenciada pelo presente, pois as lembranças são reinterpretadas à luz das experiências atuais. Portanto, é essencial para a formação da identidade, pois permite conectar-se com o passado e construir um sentido de pertencimento, sendo necessário para a realização da identidade individual e coletiva. Certamente é um fenômeno indispensável para a elaboração da identidade, para ajudar a entender quem somos e de onde viemos.

Na perspectiva de Ricoeur (2007), à semelhança do que diz Benjamin (1994), a memória é individual e subjetiva, é o que permite lembrar do passado, fazendo distinção entre memorização e tradição. A tradição é a transmissão de memórias de geração em geração, pode

ser real, escrita ou material. Discute a importância da memorização para a construção da identidade cultural, como também a importância para a transmissão das memórias e das culturas. O autor afirma que “a memória é a faculdade de conservar, reproduzir e reconhecer as impressões recebidas no passado” (BENJAMIN, 1994, p. 23), fornece uma definição básica, sendo uma faculdade, ou seja, é a capacidade que o ser humano possui, permite conservar, reproduzir e reconhecer as experiências obtidas no passado.

Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se referência ao segundo capítulo do ensaio **Introdução à poesia oral**, de Zumthor (1997), em que se discute a importância da memória na poesia oral. Ele afirma que a memória é a base da transmissão da poesia oral, e que ela é essencial para a atualização e a renovação dos poemas. Zumthor inicia o capítulo afirmando que a memória é a base da transmissão da poesia oral. O autor escreve: “A transmissão oral supõe a memória. Toda transmissão oral, mesmo a mais breve, deixa uma marca na memória, que se torna a condição de sua renovação” (ZUMTHOR, 1997, p. 41). A memória é essencial para a poesia oral porque permite que os poemas sejam transmitidos de geração em geração. Os poetas orais memorizam os poemas e os transmitem oralmente para outros poetas orais. “A memória não é apenas um depósito de lembranças, mas um processo de reelaboração e de renovação” (ZUMTHOR, 1997, p. 43). Quando os poetas orais memorizam e interpretam poemas, eles não apenas reproduzem o que foi memorizado, mas também o reelaboram e o renovam. A memória é um processo criativo porque permite que os poetas orais interpretem os poemas de forma nova e original. É a base da transmissão, a fonte de inspiração e o processo criativo da poesia oral. Um processo complexo e dinâmico que desempenha um papel essencial na poesia oral, adaptando-os às diferentes culturas e às diferentes gerações.

A reminiscência é um testemunho do vivido, em que o indivíduo testemunha aquilo que viveu em um tempo passado, ao ponto dessa memória não se perder no tempo. A memória individual está constituída e permeada por memória coletiva adquirida através do meio em que o indivíduo está inserido, seja familiar, seja social. Segundo Halbwachs (2006), “todas as memórias são coletivas obtidas mediante a interação dos homens”. A memória é, portanto, essencial, tendo em vista a possibilidade da constituição de uma identidade individual e coletiva. (HALBWACHS, 2006, p. 85).

A partir da memória reconstruímos a história dos lugares, dos eventos e das pessoas. Para além de narrar e relatar, ela permite aos sujeitos resgatar e reviver fatos acontecidos há tempos remotos, possibilitando assim uma reflexão acerca do tempo vivido. O uso da memória como dispositivo de resgate de lembranças que de alguma forma sabemos que existem, mas

que precisam ser compreendidas, é uma face profícua desta reflexão, posto que em diversos momentos da pesquisa, o “testemunho vivido será recorrente ao próprio indivíduo que vivenciou os fatos ocorridos” (HALBWACHS, 2006, p. 18).

Assim, neste estudo pretende-se partir do registro da memória individual dos guardiões, entender a memória coletiva social e a história da comunidade Vila Auí-Açu. A memória dos guardiões foi provocada deliberadamente, a partir das perguntas feitas para eles, o que provocou lembranças, as conversas descontraídas funcionaram como suporte para a memória. Durante as entrevistas, em momentos diferentes houve um certo esgotamento do período das conversas (Fernandes, 2012). O que nos levou a respeitar o tempo de cada entrevistado, em algumas ocasiões entendemos que aquele era o limite da entrevista, daí encerramos.

A seguir, no quarto capítulo desta dissertação, iremos retomar alguns referenciais teóricos sobre cultura, memória e identidade cultural, na perspectiva de aprofundar tais categorias sociológicas e movimentar a teoria para a realização da análise das narrativas orais dos guardiões da memória, para compor o quadro de triangulação teórica.

## 4 AMAZÔNIA, CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

Esta seção propõe o diálogo com diferentes autores sobre as questões relacionadas a cultura amazônica, identidade cultura e narrativas orais, tendo como principais autores Loureiro (2015), Hall (2006), Bhabha (1998), Canclini (2003), Eliade (1972), Simões (2000) e Zumthor (1997).

### 4.1 Cultura Amazônica

Desde os primórdios, a população amazônica tem sido constituída basicamente por comunidades indígenas. Essa formação inicial, rica em diversidade e tradição, testemunhou a difusão de culturas entre as diferentes comunidades da região. Os autores têm afirmado que essa troca cultural foi um aspecto fundamental para a construção das sociedades amazônicas, influenciando práticas sociais, econômicas e espirituais. Ressalta a importância de reconhecer e preservar o legado cultural das comunidades indígenas amazônicas, não apenas como um testemunho histórico, mas como um patrimônio vivo e dinâmico que continua a evoluir e a enriquecer a identidade cultural desses povos.

A Amazônia, assim como as demais regiões do País, é fruto da miscigenação cultural, tendo em sua arquitetura e linguística a forte influência lusitana, não esquecendo também a contribuição negra à região, principalmente quanto a aspectos religiosos e manifestações artísticas culturais. Sobrepõe-se, entretanto, a todos os outros elementos deste amálgama amazônico, a influência da cultura indígena.

Assim, para compreendermos a cultura amazônica, é preciso assumir o conceito de cultura como práxis desenvolvido por Bauman (2012). Em **Ensaio sobre o conceito de cultura**, esse autor define cultura como “a totalidade das atividades humanas que visam transformar o mundo em que vivemos” (BAUMAN, 2012, p. 9). Essa definição tem duas implicações importantes. Em primeiro lugar, a cultura é uma atividade humana, ou seja, é algo que os seres humanos fazem. Em segundo lugar, a cultura é uma atividade transformadora, ou seja, é algo que os seres humanos fazem para mudar o mundo. Bauman (2012) argumenta que a cultura é essencial para a sobrevivência humana. É por meio da cultura que os seres humanos se adaptam ao mundo e o transformam. A cultura permite encontrar sentido no mundo, e permite construir um mundo que seja mais adequado às necessidades. Sendo assim, a cultura é uma atividade criativa, pois os seres humanos sempre estão criando novos sentidos para o

mundo. Ela é uma atividade transformadora, pois os seres humanos estão sempre transformando o mundo em que vivem.

Dessa forma, a cultura não é algo estático, mas algo que está em constante processo de mudança. Por conseguinte, é o resultado da ação humana, e é por intermédio da cultura que os seres humanos se adaptam ao mundo e o transformam. Os seres humanos são os agentes da cultura, são eles que definem o que é cultura.

Corroborando a explanação de Bauman (2012), Loureiro (2015) vai declarar que a cultura é um conceito complexo e dinâmico. No ensaio do livro **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**, Loureiro (2015) oferece uma definição de cultura que enfatiza sua relação com o imaginário: “Cultura é uma poética do imaginário, que se expressa através de uma variedade de formas, incluindo a arte, a religião, a literatura e a música” (LOUREIRO, 2015, p. 24). O autor enfatiza a importância da criatividade e da imaginação na cultura, não é apenas um conjunto de valores, crenças e práticas, mas também um meio de expressar a visão do mundo de um grupo ou indivíduo. Loureiro (2015) também argumenta que a cultura é uma construção social, que é produzida e reproduzida pelos seres humanos, não é algo dado, mas algo que é constantemente criado e recriado. “A cultura é uma construção social, que é produzida e reproduzida pelos seres humanos” (LOUREIRO, 2015, p. 25).

O autor enfatiza a agência humana na cultura. Os seres humanos são os agentes da cultura, e são eles que definem o que é cultura. A cultura amazônica, segundo Loureiro (2015), é uma cultura do imaginário, que está em constante processo de mudança e renovação, é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo a geografia, a história e a diversidade cultural da região. “A cultura amazônica é uma cultura viva, que está em constante processo de mudança e renovação” (LOUREIRO, 2015, p. 12).

A cultura é um conceito complexo e dinâmico, que é importante para a compreensão da sociedade, uma cultura viva, que está em constante processo de variação e transformação. O autor enfatiza a importância da criatividade e da imaginação na cultura, não é apenas um conjunto de valores, crenças e práticas, mas também um meio de expressar a visão do mundo de um grupo ou indivíduo.

A cultura amazônica é uma forma de expressão e organização social, que se expressa por intermédio de uma variedade de formas, incluindo a arte, a religião, a literatura e a música. Essa definição enfatiza a agência humana na cultura. Ela é produzida e reproduzida pelos seres humanos que vivem na Amazônia, que são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo a geografia, a história e a diversidade cultural da região. “A modernidade representa

um desafio para a cultura amazônica, pois ela promove valores e práticas que são muitas vezes contraditórias com os valores da cultura tradicional” (LOUREIRO, 2015, p. 37). A modernidade é um processo de transformação social, econômica e cultural que tem ocorrido no mundo desde o século XVIII. Ela promove valores e práticas que são muitas vezes contraditórios com os valores da cultura tradicional, que é mais genuína e valoriza a continuidade.

A vida nas e das cidades amazônicas está ligada ao rio e à floresta. Transpondo-os, surgem os aglomerados de casas simples que, vistas uma vez, nunca mais serão esquecidas. Não porque deixem, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações, mas porque têm a propriedade de permanecer na memória rua por rua, casa por casa, apesar de não possuírem particular beleza (OLIVEIRA, 2006, p. 27)

Segundo Oliveira (2006) as pequenas cidades amazônicas ainda estão imersas em tempos lentos, visto que comportam elementos da natureza ainda não conhecidos e, necessitando ainda de maior base logística estrutural que as ligue ao mundo, como por exemplo, pelas telecomunicações, compreender esse processo em curso da chegada deste acesso comunicacional e verificar se ele se conclui e se amplia, significa a busca por desvendar a Amazônia.

As reflexões de Loureiro (2015) definem a cultura amazônica como um conjunto de crenças, valores, costumes e práticas que caracterizam os povos que habitam a região amazônica. Ainda pode-se entender esse conceito como:

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos, etc. O interior – expressão que designa o mundo rural, embora inclua vila e povoados – é o lugar das tensões próprias dessa sociedade onde os grupos humanos estão dispersos ao longo de extensos espaços e onde se acham mergulhados numa vaga de infinitude, propiciadora da livre expansão do imaginário (LOUREIRO, 2015, p. 79).

Essa cultura é marcada por uma profunda conexão com a natureza, a memória viva da floresta, pela valorização da oralidade e pela presença de uma rica mitologia que permeia o cotidiano do povo ribeirinho. A cultura Amazônica, com seus mitos, lendas e imaginário, é um universo rico e complexo que desafia as concepções tradicionais de cultura e identidade. Os argumentos de Loureiro (2015) reforçam as conclusões de Simões (1999), haja vista que na rica cultura amazônica, em meio as suas figurações, símbolos, histórias, mitos, lendas e sua

importância na construção da identidade regional, a narrativa oral se define como uma forma de comunicação que se baseia na transmissão de histórias, conhecimentos e valores por meio da fala. Afirma-se, nesse sentido, que:

O sentido de narrativa guarda em si uma grande variedade de significados e, por isso mesmo, suscita questionamentos permanentes. Ora vista sob a simples ótica de forma de exposição ou como princípio constitutivo da história, é importante situá-la, e, sobretudo, é bastante instigante, como forma de recuperação das ideias do passado e como promoção das experiências contidas em simples relatos (SIMÕES, 1999, p. 31).

A narrativa oral na Amazônia é um universo fascinante que convida a uma viagem pelas tradições, memória e imaginário, sua prática ancestral assume um papel fundamental na continuação da memória, da identidade e da cosmovisão dos povos da floresta. Os mitos e lendas são um portal para o imaginário, revelando seus vilões, crenças e a profunda conexão das comunidades amazônicas com a natureza. Santos (2002, p. 56) aborda a diversidade cultural da Amazônia, incluindo a importância das lendas e mitos na formação da identidade cultural paraense.

A base da narrativa oral se encontra na cultura coletiva indígena, que muitas vezes confronta as tradições de suas narrativas com as populares vindas de tradições europeias. Pois, o mundo é repleto de lendas e mitos sobre a existência de tudo que contorna a humanidade, como as plantas e suas frutas, os rios, o universo e todas as anomalias e fenômenos que a ciência não explica em nossa contemporaneidade. Assim, a mitologia indígena tem sua cosmologia e forma de explicar como se originam várias lendas e mitos, denominado que são fatos reais, pois não existe prova concreta pela ciência como se formou o universo (MACHADO, 1987, p. 32).

A Amazônia é rica em lendas e mitos, que carregam consigo explicações culturais para os fenômenos da natureza e refletem a identidade cultural da região. A cultura amazônica pode ser interpretada de várias formas, incluindo gênero, raça, etnia e histórias, mas as lendas têm um papel especial na formação cultural local. Infelizmente, essas lendas estão sendo cada vez menos abordadas nos lares e nas escolas, resultando na perda de uma parte essencial da cultura amazônica.

Ribeiro (1995) discute a importância das histórias e mitos na vida cotidiana dos povos indígenas, destacando como essas narrativas são usadas para explicar fenômenos naturais e transmitir valores culturais. “As produções culturais populares reproduzem seu envolvimento com os símbolos que formam a realidade do seu mundo, muitas delas expressas pelas narrativas orais, mas também pela arte, enaltecendo seus valores próprios que através da cultura exprime e transmite sentimentos” (RIBEIRO, 1995, p. 132).

A cultura do amazônida, da várzea ou da terra firme, reflete e espelha a cultura indígena: na arquitetura vegetal da casa-maloca, no equipamento doméstico, nos utensílios de cozinhar e comer, no manejo dos recursos naturais e nas técnicas agrícolas, no uso e processamento da mandioca, base de sua dieta alimentar, na culinária, na medicina preventiva e curativa, no extrativismo floresta de gomas, resinas, óleos, madeiras, embiras, cipós e essências oloríferas, no manejo da fauna sem depredá-la, ensejando, pelo contrário, sua multiplicação pela interação na roça (RIBEIRO, 1995, p. 237).

A Amazônia possui uma diversidade étnica, religiosa e cultural muito grande. Várias crenças provêm da mitologia indígena, conservadas e repassadas pela etnia cabocla, predominante na região, resultado das confluências sociais distintas, principalmente dos ribeirinhos. Estes vivem em constante contato com a natureza, que interfere diretamente na sua formação cultural e social, trazendo histórias assombrosas, ritos pouco conhecidos, festas e comemorações específicas das suas localidades, que não são comuns no meio urbano. Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida, diferentes locais, saberes, valores, práticas sociais e educativas (RIBEIRO, 1995, p. 237).

#### **4.2 Identidade cultural**

Nesta seção discute-se a complexidade da identidade cultural, tomando como base a obra seminal, o ensaio **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade** de Hall (2006). Por meio de uma análise crítica das ideias do autor, busca-se compreender as mudanças e desafios que caracterizam a construção da identidade no contexto contemporâneo. Hall (2006) desafia as noções tradicionais de identidade como algo fixo, essencial e homogêneo. Em seu lugar, propõe uma visão da identidade como um processo dinâmico, fluido e constantemente em construção. "A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se constrói continuamente através da interação com o outro e com o mundo" (HALL, 2006, p. 17).

Hall (2006) enfatiza a importância de reconhecer e celebrar a diversidade cultural como um elemento fundamental para a construção de sociedades justas e democráticas. A identidade, nesse contexto, se torna um espaço de disputa e negociação entre diferentes grupos sociais, buscando um reconhecimento mútuo e uma valorização das diferenças. "A diferença não é uma ameaça à identidade, mas sim uma oportunidade para o enriquecimento cultural e a construção de uma sociedade mais plural" (HALL, 2006, p. 100). A obra de Hall (2006) se baseia na complexa temática da identidade cultural na pós-modernidade, em desconstruir essencialismos

e celebrar a diversidade. Ao lançar mão desta obra, busca-se repensar as noções tradicionais de identidade e construir um futuro mais inclusivo e dialógico.

Na perspectiva da ideia de alteridade (ou outridade) todo ser social interage e é interdependente de outros seres sociais (SANTOS, 2011, p. 145). Assim, pela perspectiva sociocultural todas as identidades são construídas. No estudo dos objetos culturais, o conceito de identidade muitas vezes é entendido como múltiplo e mutável, isso significa que a identidade não é fixa, mas sim que pode variar a ponto de se transformar ao longo do tempo e das circunstâncias. Essa visão reconhece que os indivíduos e as culturas estão em constante evolução, influenciados por diversos fatores sociais, históricos e pessoais. Portanto, ao analisar os objetos da cultura, é importante considerar essa flexibilidade e a diversidade de significados que a identidade pode assumir em diferentes contextos (SANTOS, 2011, p. 111).

Percebemos que as identidades culturais levam a marca de serem, por sua natureza, multifacetadas e dinâmicas, o que cria a possibilidade de construção de várias abordagens e teorizações. Todavia, é importante advertir que nenhuma teoria sociocultural pode capturar completamente a complexidade da realidade. A realidade é sempre mais complexa e dinâmica do que qualquer teoria que possa enquadrá-la de forma absoluta.

Por exemplo, Bhabha introduz conceitos fundamentais que desafiam as noções tradicionais de cultura e identidade, promovendo uma visão mais fluida e interativa desses fenômenos. Para o autor, a “cultura é um espaço de luta onde diferentes grupos negociam seus significados e identidades” (BHABHA, 1998, p. 2).

Também enfatiza a importância do “local” na formação da cultura, sugerindo que a cultura não pode ser separada das condições específicas de tempo e espaço em que se desenvolve. Essa abordagem localizada oferece uma visão mais contextualizada e dinâmica das identidades culturais, já que as “fronteiras da cultura são sempre ambíguas, abrindo espaço para a hibridização e a criação de novas formas culturais” (BHABHA, 1998, p. 8).

Nesta perspectiva da hibridização da cultura na qual Bhabha apresenta a ideia de que a cultura é um campo de forças em constante mudança, moldado por histórias de colonização, migração e globalização, o autor critica as abordagens essencialistas e binárias que veem a cultura como um conjunto fixo de tradições ou práticas. Assim, o “conceito de ‘terceiro espaço’ descreve um espaço de negociação onde a identidade cultural é construída e reconstruída, superando binarismos rígidos” (BHABHA, 1998, p. 56).

Bhabha argumenta que as culturas não são entidades estáticas e puras, mas são formadas através de processos de mistura e interação. A hibridização ocorre quando elementos de

diferentes culturas se encontram e se combinam, resultando em novas formas culturais que transcendem as categorias originais. "A tradução cultural é um processo dinâmico e contínuo de negociação, onde significados são constantemente reavaliados e reconfigurados" (BHABHA, 1998, p. 173).

Canclini (2003) define a hibridação como o processo pelo qual elementos de diferentes culturas se misturam, resultando em novas formas culturais que transcendem as categorias originais. Ele argumenta que a hibridação é uma resposta às condições de modernidade e globalização, em que as culturas estão em constante contato e interação, pois os "processos de hibridação são, ao mesmo tempo, modos de sobrevivência e formas de resistência cultural diante da homogeneização imposta pela globalização" (CANCLINI, 2003, p. 67). É na multiculturalidade que ocorre a hibridação discutida por Canclini e que se configura em processos socioculturais nos quais estruturas que existiam de forma separada se combinam para gerar novas estruturas.

As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e os dispositivos de reprodução se proliferam, afirma Canclini (2018, p. 304). A "queda" dessas barreiras culturais dentro de uma mesma sociedade exige uma reformulação da escola e das demais formas de cultura. Já que "a cidadania cultural implica o direito ao acesso e à participação ativa na produção de significados culturais, promovendo uma democratização das esferas simbólicas" (CANCLINI, 2003, p. 145). Afirma ainda o autor que o "consumo cultural é um espaço de negociação e ressignificação, onde os indivíduos reconstróem suas identidades a partir dos produtos culturais que consomem" (CANCLINI, 2003, p. 95).

Nesse sentido, nosso objetivo não é encerrar a discussão sobre as identidades culturais, mas sim apresentar um panorama de algumas proposições teóricas e conceituais. Além disso, compartilhamos nossas interpretações sobre essas teorias e a partir delas estabelecer a análise das narrativas, reconhecendo a necessidade de manter um olhar crítico sempre considerando a diversidade dos sujeitos sociais e a dinâmica das identidades culturais.

### **4.3 Narrativas orais**

As narrativas orais transcendem a mera comunicação, assumindo o papel de guardiãs da memória, da identidade e da cosmovisão dos povos amazônidas. Por intermédio da voz, do ritmo e da emoção, as histórias ancestrais ganham vida, conectando o passado ao presente e tecendo o futuro. As narrativas orais, sob a ótica de Benjamin (1994), em sua obra **Magia e**

**Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**, são tratadas como sendo a magia do intangível. Para Benjamin (1994), a aura é a qualidade única e autêntica de uma obra de arte, aquilo que a torna irreproduzível e lhe confere uma presença singular. Nas narrativas orais, a aura se manifesta na voz do narrador, na gestualidade, no ritmo da fala e na entonação da voz. É a confluência desses elementos que dá vida à história, transportando o público para um universo de sensações e emoções.

A voz do narrador assume um papel central na construção da aura das narrativas orais. Mais do que um mero canal de comunicação, a voz carrega em si a história e a identidade de um povo. O timbre, a entonação e a cadência da voz do narrador imprimem na narrativa uma marca única e irrepetível. A gestualidade do narrador complementa a voz na construção da aura das narrativas orais. Os gestos, as expressões faciais e a postura corporal contribuem para a criação de um ambiente envolvente e dinâmico, que prende a atenção do público e o transporta para o mundo da história. O ritmo da fala do narrador é outro elemento fundamental para a construção da aura das narrativas orais. A cadência da voz, ora acelerada, ora pausada, cria um efeito hipnótico que conecta o público à história e a sua mensagem. A entonação da voz do narrador revela as nuances da história, transmitindo emoções e sentimentos que transcendem as palavras. Por meio da entonação, o narrador dá vida aos personagens, criando uma atmosfera de suspense, alegria, tristeza ou medo.

O advento da reprodução técnica, como a gravação em áudio e vídeo, democratizou o acesso às narrativas orais, permitindo que elas fossem preservadas e compartilhadas com um público mais amplo. Uma das consequências deste movimento é o fato das pessoas deixarem de se identificar com as histórias tradicionais dos seus lugares e passarem a se identificar com histórias de outras culturas.

A fundamentação teórica deste estudo está baseada em autores como Cassirer (1992), em sua obra **Linguagem e mito**. Em sua análise da relação entre linguagem, mito e símbolo, observa-se como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. Para Cassirer (1992, p. 10), a linguagem é mais do que um instrumento de comunicação, “a linguagem é a forma mais importante da expressão simbólica”. Os mitos não são histórias fictícias, mas sim expressões simbólicas da realidade, que revelam a visão de mundo de uma cultura. “As narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, pois combinam linguagem e mito para transmitir conhecimentos, valores e crenças de uma

geração para outra" (CASSIRER, 1992, p. 87). Por meio das histórias contadas e recontadas, a cultura de um povo se mantém viva e se transmite ao longo do tempo.

Em um mundo cada vez mais globalizado e homogeneizado, as narrativas orais assumem um papel ainda mais importante na preservação da diversidade cultural. As histórias orais são um patrimônio cultural inestimável que precisa ser preservado para as futuras gerações.

Com o propósito de discutir as definições sobre as narrativas orais na literatura, recorre-se a Eliade (1972), na obra **Mito e Realidade**. A partir da análise da relação entre mito e tempo, rito e símbolo, observa-se como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. Os mitos são tidos como verdadeiros pelas sociedades tradicionais, pois narram os acontecimentos que marcaram o início dos tempos e estabeleceram os padrões de comportamento humano. “O tempo mítico é o tempo primordial, no qual os eventos sagrados aconteceram” (ELIADE, 1972, p. 37). É um tempo cíclico, que se repete eternamente, sem progressão linear. Já o tempo profano é o tempo do nosso dia-a-dia, linear e irreversível. “O rito é a repetição simbólica dos eventos míticos” (ELIADE, 1972, p. 58). Por meio dos ritos, as sociedades tradicionais se conectam com o tempo mítico e revivem os eventos que marcaram a origem do mundo e da humanidade. “O símbolo é uma imagem ou objeto que representa algo que está além da realidade material” (ELIADE, 1972, p. 193).

Os símbolos são utilizados nos mitos e ritos para revelar a realidade transcendente, que é inacessível aos sentidos humanos. “As narrativas orais são um veículo de transmissão da cosmovisão de uma sociedade” (ELIADE, 1972, p. 207). Por intermédio das histórias, os valores, as crenças e as concepções de mundo de um povo são transmitidas de geração em geração.

A comunicação estabelecida entre as obras de Eliade (1972; 1992), se completam, convidam à reflexão sobre as narrativas orais. A sua obra intitulada **O sagrado e o profano**, Eliade (1992) faz análise da dicotomia entre as categorias presentes no título do livro, analisando como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. Para Eliade (1992, p. 15), “o mundo se divide em duas realidades distintas: o sagrado e o profano”. O sagrado é tudo aquilo que é separado, transcendente e inacessível ao homem comum; o profano é o mundo do dia-a-dia, mundano e ordinário. Através dos mitos, o homem se conecta com o sagrado e participa da realidade transcendente. “Os ritos são ações simbólicas

que repetem as ações dos seres sobrenaturais narradas nos mitos” (ELIADE, 1992, p. 58). Por intermédio dos ritos, o homem se conecta com o tempo mítico e revive os eventos que marcaram a origem do mundo e da humanidade. “As narrativas orais são um veículo de transmissão da religiosidade de um povo” (ELIADE, 1992, p. 193). Por meio das histórias, os valores, as crenças e as práticas religiosas são transmitidas aos descendentes.

As narrativas orais são um patrimônio cultural inestimável que precisa ser preservado para as futuras gerações. Por intermédio do mito, do rito e do símbolo, as histórias orais transmitem conhecimentos e valores.

À luz das argumentações de Eliade (1972; 1992), estão os argumentos de Todorov (1981), em sua obra **Introdução à literatura fantástica**. A partir da análise do conceito de hesitação fantástica, observa-se como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. Para Todorov (1981), “o fantástico se caracteriza pela hesitação do leitor diante de um evento que parece transgredir as leis do mundo real” (TODOROV, 1981, p. 25). Essa hesitação é fundamental para a definição do gênero fantástico, pois coloca o leitor em um estado de incerteza e suspense. “O maravilhoso se diferencia do fantástico pela naturalidade com que o sobrenatural é aceito no mundo da história” (TODOROV, 1981, p. 43). Já o estranho se caracteriza pela presença de um elemento perturbador que, no entanto, pode ser explicado racionalmente. “As narrativas orais apresentam uma relação particular com o gênero maravilhoso” (TODOROV, 1981, p. 157). Frequentemente, essas histórias incorporam elementos sobrenaturais que provocam a hesitação do maravilhoso no público. O maravilhoso pode ter diversas funções nas narrativas orais, tais como:

**Explicar o inexplicável:** o sobrenatural pode ser utilizado para explicar eventos que não podem ser explicados racionalmente. **Transmitir valores e crenças:** as histórias fantásticas podem transmitir valores e crenças de uma comunidade. **Entreter e divertir:** o elemento sobrenatural pode ser utilizado para entreter e divertir o público. Por meio do maravilhoso, as histórias orais revelam as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade.

As narrativas orais sob a ótica de Zumthor (1997), em sua obra **Introdução à poesia oral**, a partir da análise dos conceitos de performance, voz e memória, se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. “A voz é o canal através do qual a história se transmite de geração em geração” (ZUMTHOR, 1997, p. 47), carregando em si a memória e a identidade de um povo. “A memória é a base da criação poética oral” (ZUMTHOR, 1997, p. 73). As histórias

são transmitidas por e de sucessores, sendo recriadas e ressignificadas a cada nova performance. O autor também reflete sobre a relação entre oralidade e escrita, para ele “a oralidade não é simplesmente o oposto da escrita, mas sim uma forma de expressão cultural com características próprias” (ZUMTHOR, 1997, p. 107). Diante da crescente hegemonia da cultura escrita, Zumthor destaca a importância da preservação da poesia oral. “As narrativas orais são um patrimônio cultural inestimável que precisa ser protegido para as futuras gerações” (ZUMTHOR, 1997, p. 141). Por intermédio da performance, da voz e da memória, as histórias orais transmitem conhecimentos, valores e crenças de uma geração para outra, contribuindo para a formação da identidade cultural de um povo.

O mesmo pensamento de Zumthor (1997) é defendido por Simões (1999) em sua obra **Narrativa oral e imaginário amazônico**. A partir da análise dos conceitos de imaginário, performance e voz, observa-se como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade, com especial atenção ao contexto amazônico. Para Simões (1999), “As narrativas orais constituem um dos mais importantes veículos de expressão do imaginário amazônico, configurando-se como um patrimônio cultural de inestimável valor” (SIMÕES, 1999, p.17). As narrativas orais são indissociáveis do imaginário amazônico, um universo simbólico rico e complexo que permeia a vida dos povos da região. “As histórias orais são um repositório de saberes, crenças, valores e costumes que caracterizam a cultura dos povos da Amazônia” (SIMÕES, 1999, p. 43).

As histórias orais não apenas refletem esse imaginário, mas também o constroem e o recriam a cada reinterpretação. Observa-se a relevância das narrativas orais na construção e na perpetuação do imaginário amazônico. As histórias orais são mais do que simples entretenimento, elas representam a identidade cultural dos povos da região e transmitem conhecimentos e valores de geração em geração. As narrativas orais não se limitam à mera recitação de palavras. Elas se transformam em performances, rituais de encenação que envolvem corporeidade, ritmo, entonação e gestualidade.

Tal como a proposta de Simões (1999) em sua outra obra **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**, Simões (2000) observa como as narrativas orais se configuram como uma forma singular de expressão cultural, capaz de revelar as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade, com especial atenção ao contexto amazônico. Para Simões (2000, p. 17), a memória “é a base da identidade de um povo, pois é através dela que se constrói o senso de pertencimento e de continuidade histórica”. A memória é um elemento fundamental

na construção da identidade de um povo. As narrativas orais são um dos principais instrumentos de preservação da memória grupal, transmitindo de geração em geração os saberes, as experiências e os valores de uma comunidade. "As narrativas orais são um componente essencial da memória coletiva, pois guardam e transmitem os saberes, as experiências e os valores de uma comunidade" (SIMÕES, 2000, p. 43).

A memória possui grande importância na formação da identidade de um povo. As histórias orais contribuem para a construção da memória coletiva, transmitindo conhecimentos e valores que são essenciais para a coesão social. "A comunidade é o espaço de produção e circulação das narrativas orais, pois é nela que as histórias são contadas, recontadas e recriadas de geração em geração" (SIMÕES, 2000, p. 79). A comunidade é o espaço natural de produção e circulação das narrativas orais. É no seio da comunidade, perpetuando a tradição oral e reforçando os laços de pertencimento entre seus membros que as "narrativas orais contribuem para a coesão social e para o fortalecimento da identidade da comunidade" (SIMÕES, 2000, p. 115). Assim, observa-se o papel fundamental da comunidade na preservação da tradição oral.

As narrativas orais são um dos principais elementos que contribuem para a formação da identidade, pois revelam as concepções de mundo, os valores e as crenças de uma comunidade. "A identidade é um processo dinâmico e em constante construção, e as narrativas orais contribuem para esse processo ao transmitirem os saberes e as experiências ancestrais" (SIMÕES, 2000, p. 183). Por intermédio da voz, do ritmo e da emoção, as histórias ancestrais se perpetuam no tempo, transmitindo conhecimentos, valores e crenças de geração em geração, preservando a tradição.

Com vistas a discorrer sobre as narrativas orais, serão mobilizadas as reflexões de Mignolo (2003), na obra **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. A partir da análise das ideias de Mignolo, observa-se a importância das narrativas orais na construção da identidade cultural, na resistência à colonialidade e na promoção de um diálogo intercultural. Mignolo (2003) argumenta que a colonialidade do saber é um processo histórico que impôs a hegemonia dos saberes europeus sobre as formas de conhecimento de outros povos. Essa hegemonia resultou na desvalorização das culturas e saberes tradicionais, incluindo as narrativas orais. "A colonialidade do poder, do saber e do ser implica a imposição de um único padrão de conhecimento como universal, deslegitimando e invisibilizando outros saberes e formas de conhecimento" (MIGNOLO, 2003, p. 12). Esta citação destaca a imposição do saber europeu como universal e a deslegitimação de

outros saberes. Ela é importante para contextualizar o processo de colonialidade do saber e suas implicações nas narrativas orais.

As narrativas orais, por serem transmitidas por sucessão através da fala, foram marginalizadas pela lógica colonial que privilegia a escrita como forma legítima de conhecimento. Essa marginalização contribuiu para a perda da identidade cultural e para a fragilização dos saberes tradicionais. Apesar da colonialidade do saber, as narrativas orais persistem como forma de resistência e afirmação cultural. Elas representam um espaço de memória e identidade, onde se preservam os saberes ancestrais, as cosmovisões e as histórias dos povos. "As histórias locais são formas de resistência à colonialidade do poder e do saber, pois narram experiências e saberes que foram marginalizados e silenciados pela lógica colonial" (MIGNOLO, 2003, p. 102). Esta citação enfatiza o papel das narrativas orais como forma de resistência à colonialidade, ela demonstra como as histórias locais podem ser ferramentas de empoderamento e de luta por reconhecimento. As narrativas orais permitem que os povos subalternos se expressem em suas próprias línguas e de acordo com suas próprias culturas. Elas são instrumentos de empoderamento e de luta por reconhecimento, pois desafiam a hegemonia dos saberes coloniais e reivindicam a valorização da diversidade cultural.

Mignolo (2003) propõe o conceito de pensamento liminar como uma alternativa à lógica binária colonial. O pensamento liminar busca superar as dicotomias impostas pela colonialidade, como colonizador/colonizado, saber/ignorância, oralidade/escrita. "O pensamento liminar é um espaço de fronteira, onde diferentes saberes e culturas se entrelaçam e dialogam" (MIGNOLO, 2003, p. 145). Esta citação define o conceito de pensamento liminar como uma alternativa à lógica colonial. Ela é importante para compreender como as narrativas orais podem contribuir para o diálogo intercultural. As narrativas orais podem ser um importante instrumento para o diálogo intercultural, pois permitem que diferentes culturas se compreendam e se reconheçam mutuamente. Por intermédio do diálogo intercultural, podemos construir um mundo mais justo e plural, onde a diversidade cultural seja valorizada e respeitada.

As narrativas orais são uma forma de expressão cultural de fundamental importância para a construção da identidade, a resistência à colonialidade e o diálogo intercultural. A partir da perspectiva de domínio de Mignolo (2003), pode-se reconhecer o valor das narrativas orais como ferramentas de empoderamento, reconhecimento e transformação social.

A seguir, adentra-se no quinto capítulo deste trabalho, o qual aborda os conceitos de cultura, memória e identidade cultural, trazendo análises das narrativas dos guardiões da

memória, apontando reflexões acerca das mesmas e identificando conceitos e categorias que podem ser trabalhadas em atividades didático-pedagógicas na EMEIF Santo Antônio.

## 5 CULTURA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE VILA AUÍ- AÇU

### 5.1 As narrativas dos guardiões da memória: História e Memória

Em meio à vastidão da Amazônia, onde a vida pulsa em ritmo único e a natureza se revela em toda sua exuberância, (infelizmente essa exuberância está em decadência em virtude da derrubada desenfreada da floresta, das queimadas e tráfego de madeiras) reside um tesouro inestimável: a memória viva preservada nas narrativas dos guardiões da memória. Por meio da voz desses contadores de histórias, sábios, ecoam saberes, valores éticos e morais, as crenças e o imaginário coletivo que moldam a identidade cultural da comunidade da região. Para Loureiro (2015) as narrativas orais transcendem a mera lembrança de fatos passados, são portadoras de ensinamentos morais, valores éticos e saberes práticos acumulados ao longo dos tempos. Em um contexto marcado por processos de ocupação de terras, exploração ambiental e assimilação cultural, as narrativas orais assumem um papel crucial como ferramentas de resistência cultural.

Como aponta Simões (1999), essas histórias preservam a identidade, reafirmando suas raízes, crenças e valores frente as pressões externas. Para Loureiro (2015) as narrativas orais não se limitam a registrar o passado, também constroem o futuro, moldando o imaginário coletivo e inspirando novas formas de pensar e agir. Por intermédio da criatividade e do imaginário, os guardiões da memória tecem histórias que celebram a beleza da floresta, a força da comunidade e a esperança de um futuro melhor. Neste capítulo, apresenta-se um diálogo com a memória, explorando as narrativas orais dos guardiões da memória através de perguntas e respostas. Analisando as conversas, busca-se aprofundar a compreensão da importância dessas histórias como ferramentas de atualização cultural, resistência e construção de identidade.

Ao iniciar-se a análise das narrativas dos guardiões da memória, é válido retomar a discussão que entrelaça história e memória, e como esses dois elementos são fundamentais para a manutenção da tradição (HALL, 2006).

A complexidade da relação entre memória coletiva, espaço e território na Amazônia é marcada pelo uso predatório dos bens naturais e pela existência de movimentos migratórios intensificados durante intervenções denominadas pela história e geografia de Grandes Projetos. Não são apenas as paisagens dos lugares que são transformadas com estes acontecimentos, mas o próprio espaço e as noções de territorialidade passam a ser redefinidos. As memórias em disputa não apenas sinalizam as tensões territoriais, mas incidem nas novas fronteiras que passam a ser estabelecidas, seja pela afirmação ou esquecimento (BENGIO *ET AL*, 2023, p. 84).

Neste sentido, pode-se afirmar que viver na Amazônia é resistência permanente; manter e reconhecer, entre nós, os modos de subjetivação como processos históricos, políticos e culturais que moldam e influenciam os sujeitos em suas vidas, resulta em variadas formas de existência. Nessa perspectiva, a subjetividade/memória não é uma essência fixa, mas uma tentativa de estabilizar um processo contínuo e dinâmico de "estar sendo" dos sujeitos, em constante interação com os acontecimentos micro e macro políticos e mesmo assim manter os modos de vida no tempo amazônico (Bengio *et al*, 2023).

Para Oliveira e Santos (2007), os saberes de uma população devem ser entendidos como a dimensão cognitiva de sua cultura. Isso implica a necessidade de um estudo aprofundado sobre as formas de produção e socialização desses saberes, compreendendo a importância de como o conhecimento é gerado, compartilhado e transmitido dentro de um grupo cultural.

A memória envolve uma relação profunda com o tempo, conectando o presente ao passado. Não se trata apenas de recordar eventos, mas de interagir com aquilo que já foi e que não está mais presente. A interação entre memórias individuais e coletivas é crucial para a formação da identidade pessoal e coletiva.

A memória é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como *testemunha* e *intérprete* daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive (BOSI, 1994, p. 281).

Segundo Halbwachs (2006):

Uma recordação será ainda mais confiável quando determinada lembrança fizer parte não apenas da nossa memória como também da memória de outros integrantes do grupo e, na medida em que esses fatos assumem importância maior, acreditamos vivê-lo com mais intensidade (HALBWACHS, 2006, p. 40).

Por isso, ao perguntarmos sobre a origem da comunidade, queremos relembrar e registrar essa história-memória para que se possa conhecer a ancestralidade, os saberes tradicionais da comunidade e acessar essa memória coletiva. Trazer essa memória à tona, como registro de um processo cultural intrínseco à existência da comunidade Vila Auí-Açu é permitir a transmissão cultural de uma geração à outra. Como afirma Bosi (1993) uma história de vida não é feita para ser guardada em uma gaveta como uma coisa, ela existe para transformar o local, a comunidade onde ela floresceu.

Ricoeur (1994) destaca a importância da memória e da história na formação da identidade cultural. Ele vê a memória coletiva como um componente crucial para a coesão

cultural, onde as narrativas históricas e mitológicas ajudam a consolidar a identidade de um grupo. Assim, “A narrativa constrói a identidade do personagem que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem” (RICOEUR, 1994, p. 176).

Nesse sentido Benjamin (1994, p. 32) afirma que se pode “recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer”, e, deste modo, pode-se compreender que a memória se ancora em um campo coletivo.

Nessa perspectiva, Halbwachs (2006, p. 51) afirma que as “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós”.

Além disso, Bosi pontua que,

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47).

A memória possibilita a mediação entre um tempo passado e presente, uma vez que “recordar é sempre um ato de criação” (BOSI, 2003, p. 22). Ao lembrar-se de um fato que se encontrava no passado, trazemo-lo para o tempo presente e podemos perflustrar sobre o mesmo, criando um pensar dialógico.

Outrossim, Walter Benjamin expõe que

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as outras constituem entre si (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Deste modo, a memória é onde o depoente se revela a partir dos relatos, permite ao narrador olhar para sua história com certo distanciamento. Nessa perspectiva, Bakhtin nos leva a compreender que, ao iniciarmos o momento de contação, “o autor deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo, com os olhos dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 13), sendo este um processo experiencial dos sujeitos por meio da aquisição e contato com o meio

no qual se encontra inserido, uma vez que as narrativas são constituídas a partir da imersão do indivíduo com as práticas sociais de seus ancestrais que segue sucessões geracionais.

O ato de rememorar se aporta nas gerações precedentes que darão suporte às gerações conseqüentes, levando em consideração que “nós então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de projetos” (BOSI, 1993, p. 197). Nas nuances deste campo que às vezes se mostra contundente, carregado de significados que muitas vezes produzem alegrias, outras tristezas, é nesse terreno cognoscível e inesgotável que compreendemos o presente, refletimos o que ainda está por vir a partir do passado.

Partindo dessas considerações de Ricouer (1994) trabalhar as narrativas dos guardiões da memória da Vila Auí-Açu tem o propósito de fortalecer a memória coletiva e a identidade Cultural. Deste modo, inicia-se um conjunto de perguntas aos mais velhos da comunidade, objetivando, a partir de suas reminiscências, trazer a história, memória e cultura da comunidade para o registro dessas e, sobretudo, salvaguardá-las.

Iniciamos perguntando aos entrevistados sobre a origem da comunidade da Vila Auí-Açu.

A imersão nas narrativas possibilita desvendar a origem da vila Auí-Açu, com a valorização das memórias e experiências dos narradores. Cada um deles oferece uma perspectiva única sobre o surgimento e desenvolvimento da comunidade, que revela a história fascinante da vila. Na análise dos entrevistados, observou-se que convergem em destacar o papel crucial do Sr. Vagner no desenvolvimento da vila Auí-Açu. Sua iniciativa de lotear a terra e oferecer oportunidades de trabalho, impulsionou o crescimento da comunidade, atraindo novos moradores e impulsionando a economia local. Felizmente, os tempos turbulentos de violência e mortes da vila Auí-Açu ficaram para trás. Atualmente, a comunidade se caracteriza pela paz e pela tranquilidade, com um baixo índice de criminalidade. Os moradores se sentem seguros e podem desfrutar de uma vida tranquila e familiar. A história da vila Auí-Açu é uma história de resiliência, superação e progresso.

Por meio das memórias e experiências dos entrevistados, pode-se compreender a dinâmica social<sup>7</sup> da comunidade desde seus primórdios até a sua atualidade, marcada pela paz, pela tranquilidade e pelo progresso. A vila Auí-Açu é um exemplo de como a união da comunidade e o trabalho árduo podem transformar um local simples em um lugar próspero e

---

<sup>7</sup> Durkheim na obra “Regras do Método sociológico” (1999) abordou a dinâmica social através do conceito de fatos sociais, analisando como as normas, valores e estruturas sociais influenciam o comportamento dos indivíduos e a coesão social. Tomamos de empréstimo de Durkheim este conceito acerca da dinâmica social.

cheio de vida. Assim, para Cunha (2009) o saber tradicional é uma forma de procurar entender e agir sobre o mundo, é uma aprendizagem que se modifica, se revitaliza e é transmitida de geração e em geração.

Walter Benjamin aborda a figura do narrador tradicional e a importância das histórias orais em seu ensaio intitulado “O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”, presente na obra **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura** (1994), Benjamin reflete sobre como a prática de narrar histórias oralmente tem evoluído ao longo do tempo e as mudanças culturais associadas a essa transformação.

A história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p. 08)

Benjamin (1994) discute como a figura do narrador tradicional, que costumava ser uma fonte central de conhecimento e entretenimento em comunidades pré-modernas, está desaparecendo na era da reprodutibilidade técnica e da modernidade. Ele observa que a habilidade de narrar de forma convincente e pessoal está sendo substituída por formas de comunicação mais impessoais e padronizadas.

E este narrador tradicional que está a falar nas entrevistas dos guardiões da memória, ao registrarem como a comunidade surgiu, revela um processo histórico entrelaçado com a memória e corporificado pela cultura do povo do campo. É a experiência do “homem simples” (SOUZA MARTINS, 2012). É a autenticidade da experiência transmitida pelo narrador tradicional. Ele argumenta que o narrador não apenas relata eventos, mas incorpora-os com sua própria experiência e sabedoria, conferindo uma profundidade emocional e uma conexão direta com o passado que não pode ser replicada por outras formas de comunicação (BENJAMIN, 1994, p. 201).

É nesta autenticidade que a identidade cultural se intensifica e fortalece a tradição e a cultura locais. Partindo desta autenticidade e da importância dos saberes tradicionais para a cultura da comunidade, fizemos aos narradores a segunda pergunta sobre a existência de festas populares e/ou tradição local que vem sendo transmitida de geração em geração.

Observou-se, ao mergulhar nas memórias da maioria dos entrevistados sobre as tradições culturais, que estas permeiam a vida na Vila Auí-Açu. As perspectivas dos entrevistados revelam um panorama complexo e dinâmico, onde a busca por identidade e a preservação da memória se entrelaçam com os desafios da modernidade. Diversos fatores

podem contribuir para a ausência de festas tradicionais na vila. A influência da cultura urbana, o ritmo acelerado da vida moderna e a falta de organização e recursos podem ser alguns dos desafios que a comunidade enfrenta para manter vivas suas tradições. Apesar da ausência de festas tradicionais, a busca por identidade e a preservação da memória cultural permanecem presentes na comunidade. As histórias dos moradores, as canções e outras formas de expressão cultural representam um patrimônio valioso que deve ser valorizado e protegido. Para fortalecer as tradições culturais, é necessário um esforço conjunto da comunidade, autoridades locais e instituições culturais. O incentivo à pesquisa e à documentação da memória local, a promoção de oficinas e eventos culturais, e o apoio a iniciativas que valorizem a identidade da comunidade podem ser alguns dos caminhos a serem trilhados.

A vila Auí-Açu se encontra em um momento de transição cultural, em que a busca por identidade e a preservação da memória se confrontam com os desafios da modernidade. As perspectivas dos três entrevistados oferecem um panorama rico e complexo da vida na vila, convida a refletir sobre a importância de preservar e fortalecer as tradições culturais como elementos essenciais para a construção de um futuro próspero e com identidade.

Na busca por compreender a cultura local e as tradições, perguntamos aos narradores: Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Observamos nas narrativas dos entrevistados a transmissão da cultura local entre as gerações. As perspectivas dos narradores revelam que há um distanciamento geracional entre os mais velhos e os jovens. Assim, a oralidade, a memória e a vivência assumem um papel importante na preservação da identidade cultural da comunidade. A transmissão da cultura local na comunidade enfrenta desafios como a falta de iniciativas formais, a migração dos jovens para outras cidades e a influência da cultura urbana. No entanto, existem possibilidades de fortalecer essa transmissão por meio da valorização da oralidade, da criação de espaços de diálogo intergeracional e do incentivo à pesquisa e à documentação da história da vila. Para garantir o fortalecimento da cultura local, é necessário um esforço conjunto da comunidade, autoridades locais e instituições culturais. A promoção de oficinas de história oral, a criação de um museu comunitário e a realização de eventos culturais que valorizem a memória local podem ser alguns dos caminhos a serem trilhados.

A vila Auí-Açu se encontra em um momento crucial para a preservação e o fortalecimento de sua cultura local. As vozes dos narradores revelam a importância da memória, da oralidade e da vivência para a construção de uma identidade cultural bastante diversa. É

fundamental que a comunidade se mobilize para garantir que essa riqueza cultural seja transmitida às futuras gerações, preservando assim a cultura da Vila Auí-Açu.

Stuart Hall explora como o conceito de identidade cultural é influenciado por questões de poder, política e história, pois, “a identidade é uma construção, um processo nunca concluído - sempre em processo, sempre sendo formada” (HALL, 2006, p. 24). Esse autor destaca a importância de reconhecer a diversidade dentro das identidades culturais e como estas são moldadas por diferentes formas de representação e discurso, sobretudo porque “a questão da identidade cultural torna-se crucial no momento em que a identidade está em crise, descentrada, fragmentada.” (HALL, 2006, p. 44). Neste sentido, compreende-se as narrativas dos guardiões da memória da comunidade Vila Auí-Açu como elementos fundamentais para a manutenção da identidade cultural, pois “a transmissão de saberes entre as gerações é um processo crucial para a continuidade das práticas culturais” (CUNHA, 2009, p. 112), é também resistência à desfragmentação da memória, uma vez que “a identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 22).

Hall (2006), faz elucidacões sobre a questão identitária, ao afirmar que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Para o autor a identidade é suscetível a mudanças em decorrência das grandes transformações que ocorrem na sociedade e, principalmente, em virtude da globalização, na qual o sujeito não possui mais uma identidade estável, mas assume temporalmente, pois na sociedade moderna não é possível ancorar-se em uma “referência fixa no mundo social” (HALL, 2006, p. 13).

Para Ricoeur (2012) a identidade cultural também envolve o reconhecimento do "outro". Ele enfatiza que a compreensão de si mesmo e da própria cultura passa pelo reconhecimento e pela interação com outras culturas. A alteridade (outras identidades) é fundamental para a constituição da própria identidade.

Com esta reflexão sobre a identidade cultural, tradição e cultura local, fixamos nosso olhar na realidade da comunidade pesquisada, nela observando uma comunidade camponesa na Amazônia. Compreendendo isto, percebe-se o quanto é importante neste contexto o respeito aos saberes tradicionais dos mais velhos e os que vão sendo produzidos no interior da comunidade pelas gerações.

Neste sentido, Cunha (2009) trata dos saberes culturais dos mais velhos na Amazônia, discutindo questões como etnogênese, memória, tradição e transformação cultural entre, por exemplo, os povos indígenas da Amazônia, explorando como os conhecimentos dos mais velhos são transmitidos e mantidos ao longo do tempo, enfrentando desafios contemporâneos e mudanças socioculturais.

Afirma o autor que “a memória dos mais velhos é um repositório vivo de conhecimentos culturais e históricos que sustentam a identidade das comunidades” (CUNHA, 2009, p. 67). Sendo assim, esses conhecimentos dos mais velhos são fundamentais para a compreensão e a continuidade das culturas locais, uma vez que “a valorização dos saberes dos mais velhos é essencial para a resistência cultural e a autodeterminação dos povos” (CUNHA, 2009, p. 178).

Portanto, a discussão sobre os saberes culturais dos mais velhos na Amazônia não se limita apenas à transmissão de conhecimentos práticos, mas também envolve questões profundas de identidade, adaptação cultural e preservação ambiental, destacando a importância vital desses conhecimentos para as comunidades indígenas e para o entendimento mais amplo da região amazônica.

Imersos nessa perspectiva da transmissão oral dos saberes culturais dos mais velhos, perguntamos aos entrevistados sobre os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração.

Nas memórias dos narradores observa-se uma jornada fascinante pelos causos, lendas e histórias que permeiam a identidade cultural da Vila Auí-Açu. As perspectivas dos entrevistados revelam um panorama rico e complexo, em que a memória popular se entrelaça com a realidade do dia-a-dia, moldando a percepção da comunidade sobre seu passado, presente e futuro. A preservação da memória popular da vila se torna um desafio para as novas gerações, que muitas vezes não demonstram interesse pelas histórias e tradições do passado. A necessidade de registrar e transmitir essas histórias para as futuras gerações é fundamental para manter viva a identidade cultural da comunidade.

Para fortalecer a memória popular da comunidade é necessário um esforço conjunto da comunidade, autoridades locais e instituições culturais. As histórias da vila, com suas nuances de violência, trabalho, fé e sobrenatural, oferecem um rico panorama da vida na comunidade. Por meio da análise dos causos, lendas e contos narrados pelos narradores, pode-se compreender melhor a identidade cultural, seus desafios e suas perspectivas para o futuro. É fundamental que a comunidade se mobilize para atualizar e fortalecer essa memória, garantindo que as histórias da vila Auí-Açu continuem a ser contadas e celebradas pelas próximas gerações.

“A memória é o que preserva o passado na forma de representações. Essas representações são, por sua vez, objetos de recordação” (RICOEUR, 2007, p. 4). Assim, para esse autor, a memória é essencial para a formação da identidade, tanto individual quanto coletiva. A memória coletiva, em particular, ajuda a formar a identidade cultural de um grupo ao transmitir histórias, tradições e valores de geração em geração. As narrativas desempenham um papel crucial na memória coletiva. Elas não apenas preservam o passado, mas também ajudam a dar sentido às experiências e a moldar a identidade do grupo. Através das narrativas, as comunidades podem reafirmar seus valores e seu senso de pertencimento.

Nesta perspectiva de memória coletiva da comunidade e com vistas aos nossos objetivos de pesquisa, bem como compreendendo a importância da escola na vida comunitária e tentando entender se os guardiões da memória participam da vida da escola, perguntamos: Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Os narradores disseram que participaram das atividades realizadas na escola da comunidade, o que ajudou a traçar um panorama interessante sobre o nível e o perfil de engajamento social na vila Auí-Açu. As perspectivas dos narradores revelam diferentes graus de participação, influenciados por fatores como idade, interesses pessoais e disponibilidade de tempo. A participação dos moradores nas atividades da escola da comunidade também apresenta diferentes graus de envolvimento e interesse, somados às dificuldades de acesso ao equipamento escolar e a atratividade das atividades propostas. Um dos desafios para aumentar o engajamento social é oferecer atividades diversificadas que atendam aos interesses de diferentes grupos da comunidade, levando em consideração as necessidades e limitações de cada um.

Conclui-se que é de fundamental importância promover a comunicação eficaz sobre os eventos e facilitar o acesso à escola, especialmente para aqueles com mobilidade reduzida ou que residem em áreas mais afastadas. A participação dos moradores nas atividades da escola da comunidade é fundamental para o fortalecimento dos laços sociais, para a promoção da cultura local e para o desenvolvimento da comunidade como um todo. Por meio de um esforço conjunto da escola, autoridades locais e da própria comunidade, é possível criar um ambiente acolhedor e propício ao engajamento social, garantindo que todos se sintam parte integrante da comunidade da Vila Auí-Açu.

Cunha (2009) aborda essa questão destacando vários aspectos importantes: entre eles a questão da Transmissão Intergeracional, na qual os conhecimentos tradicionais são frequentemente transmitidos oralmente de geração em geração. Os mais velhos desempenham

um papel crucial como guardiões e transmissores desses saberes, que abrangem desde práticas agrícolas e técnicas de sobrevivência até mitos, rituais e medicina tradicional.

Os conhecimentos dos mais velhos não apenas fornecem as habilidades práticas necessárias para a vida cotidiana na floresta, mas também são centrais para a construção da identidade cultural e da memória coletiva dos grupos indígenas. Eles ajudam a preservar a história, os valores e as crenças que definem a comunidade. Neste sentido, “a memória não é resgate de uma origem ou de uma identidade que o tempo corroeu, mas é ao contrário fabricação de uma identidade que se dá no tempo, produzida pelo tempo, e que não aponta para o início dos tempos, mas para seu fim (CUNHA, 2009, p. 90).

Pode-se dizer que ao mesmo tempo em que se preservam tradições ancestrais pela reminiscência dos mais velhos, eles também desempenham um papel dinâmico na adaptação cultural às mudanças ambientais, políticas e sociais. Seus conhecimentos são frequentemente flexíveis e adaptáveis, permitindo que as comunidades respondam aos desafios contemporâneos sem perder sua identidade cultural que se revitaliza e se transforma com o tempo.

Cunha (2009) destaca a importância de valorizar e respeitar os conhecimentos dos mais velhos não apenas como um recurso cultural, mas também como uma forma de conhecimento legítimo e valioso, que pode contribuir significativamente para o entendimento e a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas amazônicos. Assim,

Os instrumentos internacionais presumem também que o conhecimento tradicional seja coletivo e “holístico”, termo cuja indefinição permite variadas interpretações. Tratam ainda o conhecimento tradicional, muito embora esta aceção esteja sendo cada vez mais contestada, como um thesaurus, isto é, um conjunto completo e fechado de lendas e sabedorias transmitidas desde tempos imemoriais e detidas por certas populações humanas, um conjunto de saberes preservados (mas não enriquecidos) pelas gerações atuais (CUNHA, 2009, p. 357).

Na perspectiva de valorização e salvaguarda das tradições ancestrais, destacando a importância dos saberes transmitidos oralmente e das “práticas culturais como formas de resistência e preservação identitária” (CUNHA, 2009, p. 271), ainda argumenta que os conhecimentos dos mais velhos são fundamentais não apenas para a compreensão das culturas tradicionais, mas também para a própria sobrevivência e adaptação das comunidades em contextos contemporâneos. Ela enfatiza que esses saberes estão intrinsecamente ligados ao ambiente natural, à medicina tradicional, à agricultura sustentável, à organização social e ao sistema de crenças das comunidades.

Além disso, a autora destaca a importância de se combater estereótipos e preconceitos que desvalorizam esses conhecimentos, promovendo um diálogo intercultural que reconheça a complexidade e a riqueza das práticas culturais dos mais velhos. Em suas obras, Cunha (2009) busca promover uma reflexão crítica sobre as relações entre conhecimento tradicional e modernidade, ressaltando a necessidade de políticas públicas que garantam o reconhecimento e a proteção desses saberes frente aos desafios contemporâneos.

Cunha (2009) aborda a questão da identidade cultural na Amazônia com profundidade, considerando as diversas etnias indígenas e suas interações com a sociedade envolvente. A autora destaca que a Amazônia não é apenas um espaço geográfico, mas um lugar de intensa diversidade cultural, onde diferentes grupos étnicos mantêm suas próprias línguas, práticas culturais e sistemas de conhecimento.

E com base nessa salvaguarda da memória dos mais velhos que compreendemos que o registro da mesma e possibilidade de difusão dessa memória permite um constante lembrar, uma forma de resistência ao esquecimento rumo à preservação de saberes culturais que fazem parte da constituição identitária da comunidade local. Obviamente, percebemos que nas narrativas dos mais velhos, o que mais se sobressai como reminiscência é a origem da comunidade e os causos contados e ouvidos desde a infância, e são exatamente esses elementos que compõem o tecido social da memória coletiva da Vila Auí-Açu.

Neste sentido, ainda compreendemos que esses saberes não podem ser engavetados em processo de finalização de uma pesquisa acadêmica, por isso que optamos pela organização do **caderno pedagógico**, no qual apontamos de forma didática as múltiplas possibilidades de trabalharmos com atividades que possam levar esses saberes tradicionais ao conhecimento dos mais jovens. Pois, em nossa análise este caderno de cultura, elaborado a partir das narrativas orais guardiões da memória, pode contribuir para a formação humana e intelectual dos (as) estudantes da escola da comunidade.

A seguir, no sexto capítulo apresentaremos o resultado da experiência formativa com os estudantes do 7º ano da EMEIF Santo Antônio, usando a proposta da décima atividade do caderno. Em seguida, é apresentado o delineamento da organização do Caderno Pedagógico, no qual são apontadas, de forma didática, as múltiplas possibilidades de se trabalhar com atividades de caráter cultural com os (as) estudantes do ensino fundamental.

## 6 EXPERIÊNCIA FORMATIVA DOS ALUNOS DO 7º ANO DA EMEIF SANTO ANTÔNIO

Nesta seção apresentaremos a experiência formativa com os (as) estudantes de duas turmas<sup>8</sup> do 7º ano, MF701 e MF702, do ensino fundamental da EMEIF Santo Antônio. Nesta atividade final da pesquisa de campo, analisamos qual a possível contribuição do caderno pedagógico para a formação intelectual, para o fortalecimento da identidade cultural e para a alteridade dos estudantes que participaram da experiência formativa.

Segundo Paulo Freire (1996, p. 78), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." Na mesma linha de pensamento do autor, nosso objetivo é justamente criar possibilidades de construção do conhecimento envolvendo os estudantes ativamente no ato educativo.

Por isso optamos por, antes de finalizarmos a organização do caderno pedagógico, apresentarmos esta ferramenta pedagógica como produto desta pesquisa, realizando esta atividade experiencial<sup>9</sup> com alunos do 7º ano, na disciplina Língua Portuguesa, a fim de fazer um teste, *pilot*, um "piloto", tentando identificar nas atividades propostas pelo caderno pedagógico, elementos impulsionadores de uma aprendizagem significativa para os (as) estudantes. Do mesmo modo, tentamos compreender se estes recursos seriam adaptáveis aos professores que optarem por usá-lo como material didático em suas salas de aula. Pois,

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1996, p. 13).

Deste modo, de acordo com Freire, acreditamos que ao desenvolver uma atividade que permita a experiência coletiva e cultural, estamos contribuindo para o aprendizado significativo dos estudantes e de nós mesmos professores (as). “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1996, p. 52). E é nesta mediação que a cultura tem um significado fundamental, já que não nos fazemos homens

---

<sup>8</sup> Turmas que atualmente atuamos como professora de Língua Portuguesa.

<sup>9</sup> Em função do tempo para a conclusão do curso optamos em realizar apenas uma das 11 (onze) atividades propostas no Caderno Pedagógico.

e mulheres fora da cultura, somos circunstanciados pela sociedade e a sociedade tecida pela cultura.

Neste sentido, a atividade proposta foi a produção escrita de textos que tratam da questão cultural da Comunidade Vila Auí-Açu e de como esta foi a mediadora neste processo de aprender e ensinar.

A prática pedagógica do (a) professor (a) está ligada vitalmente à compreensão da práxis educativa e da complexidade do processo educativo e das relações em que ele se estabelece. É somente a partir dessa compreensão que se pode realizar a mudança de postura docente, superando-se o tradicional, pautado apenas na repetição e na memorização de conteúdos, e realizando-se um trabalho pedagógico em que o conhecimento não seja algo distante da realidade do estudante, mas que seja parte viva de sua aprendizagem, gestada na dúvida, na pergunta, no questionamento, na ânsia e na vontade de aprender e descobrir o mundo. Daí a importância e o caráter fundamental do papel que o docente exerce na construção do saber: cabe-lhe a função de mediador entre os alunos e o conhecimento (DAVIS; GATTI, 1993, p. 153).

Ao iniciarmos a atividade, colocamos uma questão-problema diante dos estudantes, sobre o que eles entendiam e sabiam sobre a cultura local, sobre a comunidade, sobre as histórias da comunidade e dos mais velhos que nela habitam.

A participação dos (as) estudantes nesta atividade de produção de textos visou alcançar os seguintes objetivos: 1) trabalhar conceitos como cultura, memória, identidade cultural; 2) introduzir conceitos sobre saberes culturais, tradição e identidade cultural; 3) oportunizar o acesso dos estudantes aos guardiões da memória da comunidade; 4) estabelecer testagem para verificar se as propostas que constituirão o caderno pedagógico possuem linguagem acessível aos (às) estudantes e se, de fato, essas atividades conseguirão envolver esses (as) estudantes em uma aprendizagem ativa.

Na organização das atividades com a turma, optamos em fazer em dois dias de aula, com duração de 90 minutos, distribuídos em duas aulas durante a semana, sendo as aulas de 45 minutos em cada turma. Foram realizadas nas duas primeiras semanas do mês de junho de 2024, em virtude de que, nas semanas seguintes, foram realizadas as avaliações do bimestre. Aproveitamos também a realização da atividade para fazer revisões dos conteúdos trabalhados ao longo do segundo bimestre.

A atividade didática proposta na turma MF701, foi a mesma da e MF702. No **quadro 1** descrevemos detalhadamente como a atividade foi desenvolvida e na sequência já apresentamos o produto coletivo desta intervenção pedagógica.

### **Quadro 1 - Descrição da proposta da atividade**

**Atividade de Produção de Texto:** Cultura da Comunidade

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Série:** Ensino Fundamental - Anos Finais

**Duração:** 2 aulas de 45 min

**Público Alvo:** Estudantes das duas turmas do 7º ano da Escola Santo Antônio.

**Objetivo:** Desenvolver habilidades de escrita, reflexão crítica e valorização da cultura local, através da produção de um texto sobre a cultura local da Comunidade Vila Auí-Açu, onde os estudantes vivem.

#### **Descrição da Atividade:**

1. Introdução e Contextualização (20 min):

- Iniciei a aula com uma breve discussão sobre o conceito de cultura. Perguntei aos alunos o que eles entendem por cultura e pedi a eles exemplos.
- Expliquei a importância de preservar e valorizar as tradições e práticas culturais da comunidade.
- Apresentei alguns aspectos culturais da comunidade rural, como festividades, culinária, danças, lendas, e práticas agrícolas.

2. Levantamento de Informações (30 min):

- Dividi os alunos em pequenos grupos e pedi para que discutissem e anotassem o que sabiam sobre as tradições culturais da comunidade.
- Incentivei-os a pensar em histórias que ouviram de familiares, eventos que participaram e observações do dia-a-dia.

3. Planejamento do Texto (20 min):

- Pedi aos alunos que organizassem as informações coletadas e criassem um esboço do texto.

○ O esboço incluiu uma introdução, desenvolvimento (com detalhes sobre diferentes aspectos culturais) e conclusão.

4. Produção do texto (50 min):

- Orientei os alunos a escreverem o texto individualmente, de acordo com o esboço.
- Lembrei aos alunos da importância de usar uma linguagem clara e coerente, e de revisar o texto para corrigir desvios gramaticais e ortográficos.

5. Compartilhamento (30 min):

- Pedi para que alguns alunos lessem seus textos para a turma.
- Promovi uma sessão de discussão (roda de conversa), quando todos e todas puderam fazer comentários construtivos sobre os textos apresentados.

6. Revisão e Finalização (30 min):

- Solicitei que os alunos melhorassem seus textos com base no retorno recebido.
- Coletei os textos finais para avaliação do final de bimestre.

7. Avaliação:

A avaliação foi concebida como um processo sistemático e contínuo, colaborativo, possibilitando o (re)conhecimento do domínio apropriado pelos estudantes e o autoconhecimento sobre seus limites e potenciais. Nesse processo serão considerados critérios de:

- Clareza e organização das ideias.
- Coerência e coesão textual.
- Uso adequado da gramática e ortografia.
- Criatividade e originalidade na abordagem do tema.
- Participação e colaboração nas atividades em grupo.

8. Recursos Necessários:

- Papel e caneta.
- Quadro e giz ou marcador.
- Materiais de pesquisa (opcional).

- Quadro
- Mapas
- Livros didáticos

Nesta proposta de atividade de produção de texto buscamos a interdisciplinaridade, para possibilitar aos alunos diálogos com outras disciplinas, como História e Geografia, o que contribuiu para o enriquecimento da experiência de formação dos (as) estudantes.

Fotografia 10: Pesquisa em sala de aula e no laboratório de informática



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 11: Leitura e produção



Fonte: acervo próprio (2024)

Fotografia 12: Diálogo sobre a produção textual



Fonte: acervo próprio (2024)<sup>10</sup>

No **quadro 2** abaixo apresentamos uma síntese da produção coletiva das turmas, como produto da atividade e devolutiva aos (às) estudantes. Apesar de sempre trabalharmos a produção de texto, nesta atividade específica, por tratar a cultura e da realidade em que vivem, observamos que os alunos estavam mais participativos.

### **Quadro 2 - Demonstrativo da Organização do produto coletivo das turmas**

<b>Organização da produção dos (as) estudantes</b>
<p><b>Título:</b> A cultura da nossa comunidade</p> <p><b>Introdução:</b> A cultura é um conjunto de tradições, costumes, conhecimentos e valores que são transmitidos de geração em geração. Ela reflete a identidade de um povo e abrange diversos aspectos, como a música, a dança, a culinária, as festas, as crenças e as histórias. Conhecer e valorizar a cultura da nossa comunidade Vila Auí-Açu é essencial para preservar nossas raízes e compreender nossa história.</p> <p><b>Desenvolvimento:</b></p> <p><b>1. Festividades:</b> As festividades são momentos de celebração e união na nossa comunidade. A Festa de Santo Antônio, por exemplo, é uma das mais tradicionais, ocorrendo todos os anos no mês de junho. Durante essa festa, há procissões, missas, apresentações de grupos</p>

<sup>10</sup>Infelizmente, os registros fotográficos das turmas feitas em um celular foram perdidos, o que não me permitiu recuperar todas as imagens.

folclóricos e barracas com comidas típicas. As crianças e adolescentes participam das danças e os adultos preparam pratos tradicionais como a maniçoba e o pato no tucupi. A festa reúne pessoas de todas as idades e é uma oportunidade para fortalecer os laços comunitários.

**2. Culinária:** A culinária é outro aspecto fundamental da nossa cultura. Os pratos típicos são preparados com ingredientes locais e técnicas que foram passadas de geração em geração. O açaí com farinha d'água ou de tapioca é um alimento muito apreciado, especialmente no almoço e jantar. Outro prato tradicional é o tacacá, que é feito com tucupi, jambu e camarão seco. A culinária local não só alimenta o corpo, mas também mantém viva a memória dos nossos antepassados.

**3. Danças e Músicas:** As danças e músicas são expressões culturais que animam as festas e eventos da comunidade. Na comunidade, uma das danças que mais movimenta os estudantes é a da quadrilha junina. As letras das músicas frequentemente contam histórias do cotidiano e lendas da região, mas há muitas músicas que retratam temas atuais.

**4. Histórias e Lendas:** As histórias e lendas fazem parte do imaginário da comunidade e são contadas pelos mais velhos aos mais jovens. As lendas mais conhecidas na comunidade são a do Lobisomem e da Matinta. Outras lendas que são muito contadas são: caçadores na floresta, bolas de fogo que caem do céu, grota que tem muito ouro, almas de outro mundo que conversam com as pessoas, a mulher de branco, seres invisíveis que sentam na garupa da bicicleta parecendo pessoas. Essas histórias de visagens são as que mais entretêm os (as) estudantes. Mas todas essas histórias também transmitem ensinamentos e valores importantes, tais como o respeito pela natureza e a importância da sabedoria dos mais velhos.

**Conclusão:** A cultura da nossa comunidade Vila Auí-Açu é rica e diversificada, refletindo a história e os valores do nosso povo paraense. Preservar essas tradições é essencial para manter viva a nossa identidade cultural. Ao conhecer e valorizar a cultura local, fortalecemos os laços comunitários e garantimos que as futuras gerações continuem a celebrar e a aprender com o legado dos nossos antepassados. A cultura é a alma da nossa comunidade, e é nosso dever mantê-la viva e vibrante.

As reflexões sobre a importância da memória e da identidade cultural nas atividades interativas com os (as) estudantes nos mostrou o quanto é importante trabalhar a realidade circunstanciada desses estudantes, ao abordarmos a realidade de suas vivências e escutarmos suas histórias, inquietações e dúvidas, realizando uma acolhida pedagógica e afetiva. Tal gesto contribui de forma direta para ampliar a participação desses (as) estudantes na sala de aula. Para

Thiollent (1986, p. 14) "a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com a resolução de um problema concreto", ou seja, é a partir da concepção da pesquisa-ação que conseguimos dar corpo metodológico a uma pesquisa envolvendo a escola, os alunos e os guardiões da memória.

Destacamos a importância da experiência exemplificada porquanto constituem contribuições fundamentais para uma escola, emancipatória, reivindicativa e singular. Uma escola que seja um espaço político e pedagógico ao mesmo tempo, em que o tempo-escola e o tempo-comunidade se equacionem, onde professores e professoras assumam uma identidade cultural que lhes pertence e que os (as) educadores (as) desenvolvam práticas alternativas de ensino que desmontem a linguagem da lógica da dominação (GIROUX; MACLAREN, 1995, p. 140). Uma ação docente-discente que abarque a dimensão cotidiana da escola, em que os sujeitos escolares "atribuem sentido às suas vidas através das complexas formas históricas, culturais e políticas e não apenas as incorporem, mas que sejam capazes de produzi-las" (GIROUX; MACLAREN, 1995, p. 145).

A escola deve ser um lugar gostoso (ASSMANN, 2000, p. 23) e ao mesmo tempo um espaço criativo para que estudantes possam construir novos conhecimentos. O conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer (ASSMANN, 2000, p. 30). Somente quando prazer e conhecimento estabelecem ligações, é que a aprendizagem flui e que a aprendizagem se torna significativa (Oliveira, 2003).

Deste modo, a participação ativa dos (as) estudantes na atividade de produção textual, demonstra que as propostas didático-pedagógicas pensadas para comporem o caderno pedagógico, a partir de elementos retirados das entrevistas com os guardiões da memória, agrega princípios que coadunam com uma educação libertadora com foco na experiência significativa dos (a) estudantes.

Desta forma, a construção do caderno pedagógico se configura como um elemento essencial para o sucesso da pesquisa, proporcionando aos (as) estudantes uma experiência de aprendizado significativa e engajador.

## 6.1 Delineando a proposta do Caderno Pedagógico

Esta seção apresenta como foi delineada a organização do Caderno de Pedagógico, intitulado **Memória e Cultura da Comunidade Vila Auí-Açu**, para que o mesmo possa contribuir para o desenvolvimento intelectual e humano dos (as) estudantes de Santo Antônio, em diferentes dimensões formativas da Comunidade Vila Auí-Açu. O caderno está organizado em 11 (onze) propostas de atividades didático-pedagógicas, cada uma apresentando orientações gerais para os professores (as) que desejarem usá-lo na sala de aula como atividades curriculares, mas abrindo possibilidade para a realização de atividades extracurriculares. Entretanto, destaca-se que todas as atividades possuem vídeos orientadores para aqueles que desejarem aprofundar ou conhecer mais acerca das propostas didático-pedagógicas e/ou aprofundar estudos específicos nas áreas da cultura, diversidade e educação intercultural.

Na produção do caderno pedagógico utilizamos os apontamentos retirados das narrativas orais dos guardiões da memória, para assim propor atividades didático-pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento, com foco na interdisciplinaridade e com vistas à valorização da cultura local e reconhecimento da identidade cultural. As atividades propostas neste caderno terão como foco central trabalhar as seguintes temáticas: cultura local, diversidade cultural, saberes tradicionais, Amazônia, práticas culturais e outros que foram pontuados ao longo das entrevistas com os Guardiões.

### Quadro 3 - Registros de Conceitos e categorias

Conceitos/categorias	Descrição
Cultura/memória/Identidade cultural	Origem da comunidade; Chegada de imigrantes e migrantes; Migração dos jovens para outras cidades e a influência da cultura urbana; Enfraquecimento da memória coletiva em virtude do “apagamento” individual; Ausência de fortalecimento da cultura Identidade cultural atravessada por elementos sociais e políticos.

Saberes tradicionais/saberes culturais	<p>História contada pelos mais velhos;</p> <p>Conhecimento transmitido de geração a geração;</p> <p>Religiosidade;</p> <p>Espiritualidade;</p> <p>Diversidade cultural.</p>
Território/Amazônia	<p>Loteamento da terra;</p> <p>Geração de emprego;</p> <p>Pessoas de diferentes regiões do Brasil;</p> <p>Ausência de trabalho formal;</p> <p>Trabalho como sobrevivência;</p> <p>Agricultura que movimenta a economia local;</p> <p>Agricultura familiar com ausência de sucessão familiar.</p>
Educação/escola	<p>Escola promotora de sociabilidade;</p> <p>Atividades como torneio, festas;</p> <p>A chegada da escola melhorou a comunidade;</p> <p>Importância do acesso à educação;</p> <p>Falta de escolaridade.</p>
Práticas culturais/sociabilidade	<p>Festa junina;</p> <p>Torneio de futebol;</p> <p>Noite cultural;</p> <p>Eventos promovidos pelas Igrejas Católica e/ou Evangélica;</p> <p>Expressões locais/linguajar;</p> <p>Festividade de Santo Antônio;</p> <p>Quadrilhas juninas;</p> <p>Contação de histórias.</p>

Fonte: narrativas orais dos guardiões da memória (2024)

O quadro 3 trata de conceitos e categorias registradas durante a pesquisa de campo, que são fundamentais para a definição de quais atividades propor no caderno pedagógico. Como já afirmado anteriormente, o caderno deverá servir como recurso didático para a formação intercultural dos estudantes da Escola Santo Antônio.

Dentro desta perspectiva didática optamos por trazer as discussões e orientações apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), versão 2018. Destacamos que no texto geral a BNCC não são especificadas habilidades e competências diretamente relacionadas à "cultura e identidade cultural" como uma categoria isolada, porém aborda esses temas dentro de competências mais amplas e com caráter interdisciplinar.

No contexto educacional brasileiro, a BNCC define competências gerais que são essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes, incluindo aspectos relacionados à cultura e identidade. Aqui estão algumas competências e habilidades que podem ser relevantes para o aprendizado sobre cultura e identidade cultural (BNCC, 2018).

Um das Competências Gerais da Educação Básica é valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BNCC, 2018, p. 9).

Na BNCC, o Ensino Fundamental está organizado em cinco áreas do conhecimento. Essas áreas, como bem aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201024, “favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (Brasil, 2010). Elas se intersectam na formação dos alunos, embora se preservem as especificidades e os saberes próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes.

Nos textos de apresentação, cada área do conhecimento explicita seu papel na formação integral dos alunos do Ensino Fundamental e destaca particularidades para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e o Ensino Fundamental – Anos Finais, considerando tanto as características do alunado quanto às especificidades e demandas pedagógicas dessas fases da escolarização (BNCC, p. 27).

Assim, cada área do conhecimento estabelece competências específicas de área, cujo desenvolvimento deve ser promovido ao longo dos nove anos. Essas competências explicitam como as dez competências gerais se expressam nessas áreas e como devem ser trabalhadas a partir do currículo escolar.

Desta forma, nas áreas que abrigam mais de um componente curricular (Linguagens e Ciências Humanas), também são definidas competências específicas do componente (Língua

Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Geografia e História) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo dessa etapa de escolarização.

As competências específicas possibilitam a articulação horizontal entre as áreas, perpassando todos os componentes curriculares, e também a articulação vertical, ou seja, a progressão entre o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e o Ensino Fundamental – Anos Finais, bem como a continuidade das experiências dos alunos, considerando suas especificidades.

Dentro das competências, apontamos algumas que se associam à necessidade do estudante compreender a diversidade cultural do espaço social em que vive, a saber:

Quanto à **Competência Cultural e Artística**:

- Valorização e Respeito à Diversidade Cultural: compreender e respeitar diferentes manifestações culturais, reconhecendo a diversidade étnico-racial, religiosa, de gênero, entre outras.

- Expressão e Vivência Cultural: participar de práticas culturais diversas, como artes visuais, música, dança, teatro, literatura, entre outras, valorizando as próprias tradições culturais e as de outros povos.

Quanto às habilidades, identificamos algumas que são imprescindíveis que os estudantes desenvolvam no que tange à cultura e à identidade cultural. Exemplos de Habilidades Específicas:

- Identificar e Analisar Manifestações Culturais: reconhecer e analisar manifestações culturais diversas, como rituais, festas, músicas, danças, culinária, vestimentas, artefatos, entre outros.

- Produzir Narrativas Culturais: criar narrativas ou relatos que expressam a própria identidade cultural, suas experiências e percepções sobre a diversidade cultural.

Neste sentido, a BNCC enfatiza a importância de uma educação que promova a compreensão e valorização da diversidade cultural, além de desenvolver habilidades críticas e reflexivas dos estudantes. As competências gerais abordadas na BNCC são fundamentais para que os jovens possam aprender sobre cultura e identidade cultural de maneira integrada e significativa em diferentes áreas do conhecimento.

Para trabalhar as questões da diversidade cultural no ensino fundamental com o caderno de cultura em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante seguir alguns princípios e diretrizes:

1. Respeito e Valorização das Diferenças: promover atividades que valorizem as diversas culturas presentes na comunidade escolar e no país, reconhecendo a importância de cada uma delas.

2. Integração Curricular: integrar conteúdos sobre diversidade cultural em diversas disciplinas, como História, Geografia, Literatura, Artes, entre outras, para mostrar a influência cultural em diferentes aspectos da sociedade.

3. Diálogo e Reflexão: incentivar debates e reflexões críticas sobre preconceitos, estereótipos e formas de discriminação relacionadas à diversidade cultural, buscando promover a empatia e o respeito mútuo.

4. Material Didático Adequado: utilizar materiais didáticos que representem de forma precisa e positiva as diversas culturas, evitando estereótipos e caricaturas.

5. Atividades Práticas e Interativas: realizar atividades práticas, como projetos interdisciplinares, visitas culturais, entrevistas com membros de diferentes comunidades, que permitam aos alunos vivenciar e compreender na prática a diversidade cultural.

6. Formação Continuada: oferecer formação continuada aos professores para que possam abordar de maneira eficaz e sensível as questões da diversidade cultural em sala de aula.

7. Parceria com a Comunidade: estabelecer parcerias com membros da comunidade local para enriquecer o aprendizado sobre suas culturas e tradições.

Para trabalhar a questão da diversidade cultural e dos saberes culturais no ensino fundamental com base na BNCC, aqui estão algumas estratégias e diretrizes que podem ser seguidas:

1. Contextualização e Relevância Local: explorar as culturas locais dos estudantes, integrando saberes tradicionais e históricos da comunidade onde a escola está inserida. Isso pode incluir visitas a locais históricos, entrevistas com membros mais velhos da comunidade, estudos sobre festas e tradições locais, entre outros.

2. Integração Interdisciplinar: utilizar abordagens interdisciplinares para abordar a diversidade cultural. Por exemplo, em projetos que envolvem história e geografia, explorando como diferentes culturas moldaram as paisagens locais e globais ao longo do tempo.

3. Literatura e Expressão Artística: utilizar literatura, música, dança e artes visuais como meio de explorar e valorizar diferentes culturas. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove a empatia e a compreensão entre os estudantes.

4. Discussão Crítica e Reflexiva: promover debates e discussões em sala de aula sobre questões relacionadas à diversidade cultural, como preconceitos, estereótipos e discriminação,

incentivando os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências e perspectivas em relação à diversidade.

5. Respeito e Valorização: enfatizar o respeito e a valorização das diferenças culturais como valores fundamentais. Isso pode ser integrado tanto nas interações diárias em sala de aula quanto em atividades formais de aprendizado.

6. Formação Continuada dos (as) professores (as): possibilitar oportunidades regulares de desenvolvimento profissional para os professores, capacitando-os a abordar de maneira sensível e eficaz questões de diversidade cultural e saberes culturais em suas práticas pedagógicas.

7. Avaliação Formativa: utilizar métodos de avaliação que reconheçam e valorizem a diversidade de perspectivas e experiências dos alunos. Isso pode incluir projetos de pesquisa, apresentações orais, produções artísticas, entre outros.

Ao seguir essas diretrizes, os (as) professores (as) da Escola Santo Antônio poderão criar um ambiente de aprendizado inclusivo e enriquecedor, em que os estudantes não apenas aprendem sobre diversidade cultural, como também desenvolvem habilidades importantes de respeito mútuo, empatia e compreensão global.

Existem diversos projetos educacionais que envolvem cultura e comunidade, os quais podem ser adaptados para atender aos objetivos da BNCC e trabalhar questões de diversidade cultural e saberes locais no ensino fundamental. Aqui estão alguns exemplos de projetos que podem ser desenvolvidos:

Esses projetos não apenas ajudam a promover o respeito e a valorização das diversas culturas, mas também incentivam o envolvimento ativo dos alunos na comunidade, facilitando uma aprendizagem significativa e integrada com os princípios da BNCC.

Em virtude das diretrizes apontadas na BNCC e a pesquisa empreendida, uma das atividades didáticas que consideramos mais importante e urgente de ser realizada na escola Santo Antônio é um projeto de memória. Esta pode ser uma forma profícua de envolver os alunos na pesquisa e na valorização dos saberes culturais e históricos de suas comunidades. Aqui registramos alguns passos para ajudar no planejamento desta atividade:

**Passo 1:** Definição do tema e objetivos

Tema: escolher um tema específico relacionado à memória local ou cultural que seja relevante para os alunos e para a comunidade. Pode ser um evento histórico, uma tradição cultural, uma personalidade local, entre outros.

- Objetivos: estabelecer claramente o que se deseja alcançar com o projeto. Por exemplo, preservar tradições, registrar histórias de vida, promover o respeito à diversidade cultural, entre outros.

**Passo 2:** Planejamento das atividades

- Pesquisa: organizar atividades de pesquisa para os alunos coletarem informações sobre o tema escolhido. Isso pode incluir entrevistas com membros mais velhos da comunidade, visitas a locais históricos, consulta a documentos históricos, etc.

- Registro: definir como os alunos vão registrar as informações coletadas. Isso pode ser feito através de entrevistas gravadas, vídeos documentários, escrita de relatos históricos, produção de álbuns fotográficos, entre outros formatos.

- Análise e Síntese: ajudar os alunos a analisar e sintetizar as informações coletadas de maneira organizada e compreensível. Isso pode envolver a criação de cronologias, árvores genealógicas, mapas históricos, entre outros recursos.

**Passo 3:** Desenvolvimento das Atividades com os Alunos

- Divisão de Tarefas: distribuir as tarefas entre os alunos de acordo com suas habilidades e interesses. Alguns podem ser responsáveis pela pesquisa, outros pela entrevista, outros pela produção audiovisual, etc.

- Orientação contínua: oferecer orientação contínua aos alunos durante todas as fases do projeto, esclarecendo dúvidas, sugerindo fontes de pesquisa e ajudando na organização das informações.

**Passo 4:** Produção e apresentação dos resultados

- Produção final: ajudar os alunos a transformar as informações coletadas em um produto final, como um vídeo documentário, uma apresentação visual, um livro digital, uma exposição, etc.

- Apresentar: organize uma apresentação pública dos resultados do projeto para a comunidade escolar e/ou para a comunidade local. Isso pode incluir uma exposição na escola, uma exibição de vídeos, uma noite cultural, entre outras atividades.

**Passo 5:** Avaliação e Reflexão

-Avaliação: avaliar o projeto com base nos objetivos estabelecidos inicialmente. Considere não apenas o produto final, mas também o processo de aprendizagem dos alunos durante o projeto.

- Reflexão: promover uma reflexão crítica com os alunos sobre o que aprenderam com o projeto, sobre os desafios enfrentados e sobre como isso contribui para o entendimento e valorização da memória local e cultural.

- Parcerias Comunitárias: buscar parcerias com instituições locais, como museus, bibliotecas, centros culturais, para enriquecer o projeto com recursos adicionais e experiências práticas.

- Tecnologia e ferramentas digitais: utilizar tecnologias digitais, como câmeras de vídeo, *softwares* de edição, plataformas de publicação *online*, para criar produtos finais mais dinâmicos e acessíveis.

- Inclusão e Diversidade: garantir que o projeto seja inclusivo, respeitando e valorizando a diversidade de perspectivas e experiências dentro da comunidade escolar.

Ao seguir esses passos e adaptar o projeto às necessidades e interesses específicos dos (das) estudantes e da comunidade Vila Auí-Açu, os (as) professores (as) estarão criando uma experiência educativa significativa e enriquecedora, que promova não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o fortalecimento do vínculo entre os estudantes e sua cultura local.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) reconhece a importância dos saberes tradicionais como parte integrante da formação educacional dos alunos. Ela enfatiza a necessidade de valorizar e promover o conhecimento culturalmente situado, incluindo os saberes transmitidos ao longo de gerações em diversas comunidades. Aqui estão alguns pontos importantes que a BNCC aborda sobre saberes tradicionais:

**Respeito da diversidade cultural:** Reconhecer que os saberes tradicionais são fundamentais para a preservação da diversidade cultural brasileira. Isso inclui práticas culturais, conhecimentos ancestrais, tradições orais, entre outros aspectos que enriquecem a identidade cultural das comunidades.

**Integração com os conteúdos curriculares:** Encorajar a integração dos saberes tradicionais com os conteúdos curriculares das diferentes áreas do conhecimento, como História, Geografia, Ciências, Artes, entre outras. Isso permite que os alunos compreendam não apenas teoricamente, mas também vivencialmente, aspectos importantes da cultura brasileira.

**Promoção da educação intercultural:** Promover a educação intercultural, onde os saberes tradicionais são valorizados como formas legítimas de conhecimento, lado a lado com o conhecimento científico e tecnológico. Isso contribui para uma educação mais inclusiva e respeitosa das diferenças culturais.

Para que haja um processo formativo intercultural na EMEIF Santo Antônio na perspectiva do fortalecimento da cultura local, é necessário a formação continuada dos (as) professoras, principalmente no que se refere à perspectiva de uma educação intercultural.

A educação intercultural apresenta uma grande complexidade e nos convida a repensar diferentes aspectos e componentes da cultura escolar, da cultura da escola e o sistema de ensino como um todo.

A pedagogia intercultural é tanto escolar como social. A sociedade e a escola têm de unir suas ações no processo de educação intercultural”, pois ela apresenta-se como possibilidade de intervenção na sociedade plural, promovendo o engajamento permanente entre os diversos saberes (CANDAUI; SOARES, 2007, p. 58).

As autoras enfatizam que uma sala de aula multi/intercultural é espaço de múltiplas narrativas – ou seja, de narrativas e de contra narrativas, que se confrontam em multidireções contingentes – estávamos assumindo uma perspectiva dialógica em termos metodológicos, mas também nos níveis epistemológicos e políticos da prática pedagógica.

Desta forma, para apresentar de forma organizada as propostas de atividades didáticas e pedagógicas criamos o caderno pedagógico<sup>11</sup> voltado para o ensino fundamental, alinhado com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), considerando que essa abordagem integradora promove o entendimento e valorização da diversidade cultural na perspectiva da educação intercultural.

À guisa de finalização desta dissertação, a seguir apresentam-se as considerações finais, que apontam os achados de pesquisa, objetivos alcançados, reflexões acerca das análises presentes no decorrer da pesquisa empreendida, e abrindo possibilidades de fomentar outras pesquisas na temática investigada.

---

<sup>11</sup> As propostas didático-pedagógicas apresentadas de forma detalhada encontram-se no anexo 5, desta dissertação.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve o objetivo de compreender como o registro das narrativas orais dos guardiões da memória (os mais velhos) da Comunidade Vila Auí-Açu pode contribuir para fortalecer a identidade cultural da comunidade, salvaguardando os saberes culturais transmitidos de geração em geração.

No processo de registro das reminiscências dos guardiões da memória, tivemos alguns achados de pesquisa, entre eles: os conhecimentos dos mais velhos são fundamentais para a compreensão da dinâmica cultural da comunidade Vila Auí-Açu; a vida comunitária organizada a partir de uma sociabilidade simples; a tristeza dos entrevistados por não terem tido a oportunidade de uma vida escolar; o não reconhecimento dos guardiões sobre seus papéis sociais no interior da organização comunitária; o distanciamento geracional; a visão de um certo sentimento de apagamento da memória coletiva e individual da própria comunidade, na visão dos (as) narradores (as).

Alguns narradores, por exemplo, ao serem perguntados sobre as tradições locais, não souberam dizer ou não lembraram quais eram, chegando até a afirmar que muitas tradições foram se perdendo ao longo dos anos.

Hobsbawm e Ranger (1997) definem "tradição inventada" como um conjunto de práticas, pactuados abortamentos ou de forma tácita, de natureza ritual e caráter didático-pedagógico e que se busca como uma continuidade de algo que possui uma raiz. As tradições inventadas são frequentemente formalizadas e ritualizadas, o que lhes confere um ar de antiguidade e legitimidade. Essas tradições são criadas para estabelecer ou reforçar a coesão social, a legitimidade das instituições ou o poder de um grupo social específico. Contribuem para a construção de uma identidade coletiva, promovendo a coesão social e a solidariedade entre os membros de uma comunidade.

Portanto, desafiaram a visão de que todas as tradições são antigas e imemoriais, mostrando como muitas foram criadas deliberadamente para atender a necessidades sociais e políticas contemporâneas. Isso nos leva a questionar a autenticidade e a origem de muitas práticas culturais que tomamos, tais como as já estabelecidas pela tradição inventada. Com isso queremos afirmar que os narradores, ao afirmarem que esta tradição se perdeu, referem-se à "tradição inventada". Concomitantemente, outras tradições são criadas e estão presentes na vida comunitária da Vila Auí-Açu, muitas delas relacionadas às práticas religiosas locais.

Destacamos também entre os achados de pesquisa a categoria **trabalho**. Todos os narradores, em suas reminiscências, falaram sobre o trabalho e sua importância para a vida comunitária local. A própria origem da comunidade se assenta no trabalho rural, no pimental dos japoneses, essa constante retomada do trabalho como regulador social tem um significado para os narradores: o trabalho como sobrevivência e o trabalho como dignidade.

Souza Martins (2012) faz uma crítica social à situação dos trabalhadores rurais no Brasil, apontando que suas condições de trabalho são exploratórias e desumanizantes. O autor faz uma comparação com a servidão moderna e sugere que, apesar dos avanços históricos e legais, a realidade enfrentada por esses trabalhadores continua sendo marcada por exploração severa. O que explica as razões pelas quais os guardiões da memória da Vila Auí-Açu não tiveram a oportunidade de ir à escola, cujo tempo de estudo, consumo e produção cultural lhes foi negado. Neste sentido, como se pôde observar nas narrativas sobre as condições de trabalho, percebeu-se que geralmente são relações entre grandes empresários e trabalhadores rurais pauperizados. Mesmo que esses atores sociais não compreendam o sentido do trabalho como “tripalium”<sup>12</sup>, esse sentido está presente nas suas trajetórias constantes de trabalho e vida.

Mesmo que não seja encontrado nas narrativas este sentido de trabalho, ao aprofundarmos as análises no contexto local, e ao conhecer a realidade de cada guardião, pôde-se perceber esse contexto de trabalho árduo para conseguir algo na vida. Quem trabalha é aquele que tem a história para contar.

Para a comunidade pesquisada, o trabalho é essencialmente voltado para a agricultura, pesca e pecuária. Muitas vezes, o trabalho rural é realizado em pequenas propriedades familiares ou em regime de trabalho em grandes propriedades. E o trabalho rural, como apresentado nas narrativas, também está profundamente ligado a práticas culturais e tradições. As técnicas agrícolas, festivais e rituais muitas vezes têm raízes históricas que refletem a adaptação dos habitantes rurais ao ambiente e as suas necessidades.

Há de se reconhecer que o trabalho rural no Brasil também é influenciado por questões de migração e mobilidade, como podemos constatar no quadro de apresentação dos guardiões, todos oriundos de diferentes regiões do Pará e do Brasil, o que na prática revelou que a busca por melhores condições de vida e oportunidades econômicas pode levar à migração de trabalhadores rurais para áreas urbanas ou para outras regiões rurais com melhores perspectivas.

---

<sup>12</sup>Tripalium é uma palavra latina que originalmente se refere a um tipo de ferramenta agrícola usada na Roma Antiga. Era um instrumento de três estacas usado para amarrar e domar animais, geralmente bois, para trabalho no campo. Era essencial para o arado e outras tarefas agrícola (Souza Martins, 2008)

Assim, o trabalho rural se mostra multifacetado e está imbricado em uma rede complexa de fatores econômicos, sociais e culturais.

Gostaríamos de destacar como um dos principais elementos da pesquisa a questão dos mitos, lendas e causos, que compõem o imaginário social da comunidade e permeiam as lembranças dos narradores.

O conceito de imaginário social utilizado por Castoriadis (1987) possibilita entender como as representações coletivas moldam a realidade social e cultural. Logo ao falarem dos causos da comunidade, observamos que os guardiões sempre trataram a questão do sobrenatural, das visagens como algo real e que pode ser confirmado pelos viventes da situação.

Oliveira (2009) explora as concepções sobre a floresta e a espiritualidade, oferecendo uma visão profunda do imaginário cultural dos povos amazônicos. No seu texto **A Luta pela Terra: Povos Indígenas e Conflitos Ambientais na Amazônia**, apresenta o imaginário cultural referente às representações e imagens coletivas que uma sociedade constrói sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. No contexto da Amazônia, isso inclui como os povos indígenas e as sociedades não-indígenas percebem e interpretam a floresta e seus recursos.

O imaginário cultural se refere às representações e imagens coletivas no contexto da Amazônia. Isso inclui como os povos indígenas e as sociedades não-indígenas percebem e interpretam a floresta e seus recursos. O imaginário cultural também envolve as narrativas que surgem em torno dos conflitos ambientais. Essas narrativas podem incluir visões de desenvolvimento econômico versus preservação ambiental, e como essas visões afetam as políticas e práticas no terreno (OLIVEIRA, 2009).

Neste sentido, podemos afirmar que a Comunidade Vila Auí-Açu tem tradições, memória, história e identidade cultural, uma identidade móvel, atravessada por diferentes elementos sociais e políticos. A partir da análise do que nos foi apresentado como ‘imaginário social e cultural’, revelam-se diferentes perspectivas de como essas visões moldam as realidades sociais na região.

Assim, as narrativas de causos, lendas e mitos desempenham um papel crucial na história e memória da comunidade, contribuindo para a construção e preservação de identidade cultural e social. Essas narrativas fornecem um espaço para reflexão sobre o significado da vida e a experiência humana, oferecendo explicações simbólicas e espirituais, oferecendo uma conexão contínua entre o presente e passado e seus significados culturais.

Por fim, podemos afirmar que a pesquisa apresentada contribui significativamente para pensarmos sobre a cultura local, as tradições e a identidade cultural. Entendendo que no campo

educativo formal temos muito a fazer pela salvaguarda dos saberes culturais dos povos amazônicos, da população da comunidade Vila Auí-Açu, e que não se trata de simplismo preservacionista, mas de comprometimento ético com a cosmologia amazônica, com o tempo e modos de vida na Amazônia.

É com base nessa perspectiva de contribuir para o fortalecimento da alteridade cultural desta comunidade, da qual fazemos parte, que queremos dar uma contribuição concreta à educação escolar da EMEIF Santo Antônio, compreendendo que a escola faz parte da vida da comunidade, cuja função é fortalecer o tecido social da comunidade, a fim de promover a valorização das tradições locais entre as novas gerações.

Portanto, apresentaremos a seguir a proposta do Caderno de Pedagógico, intitulado **Cultura e Memória da Comunidade Vila Auí-Açu**, cujo objetivo é trabalhar de forma didática e colaborativa questões como: as narrativas orais, identidade cultural, memória e cultura local, registradas através do registro das narrativas memorialísticas os guardiões da memória, objetivando o desenvolvimento intelectual, fortalecimento da identidade cultural e alteridade dos (as) estudantes da escola supracitada.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: Textos em história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: Rumo à uma sociedade aprendente**. 4ª edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015 (97-126)
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas** - tradução José Gradel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. São Paulo: Zahar, 2012.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia formação social e cultural**. Manaus: Valer Editora, 2009.
- BENGIO, F.; AQUIME, R.; FARIAS, F. J. TERRITÓRIO E MEMÓRIA COLETIVA NA AMAZÔNIA PARAENSE. Gavagai - **Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 10, n. 1, p. 82-97, 27 out. 2023.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, S. Paulo, 4(1/2), p. 277-284, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480/37218>.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 23 de dezembro de 1996.

CANDAU, Vera Maria; LEITE, Miriam Soares. A didática na perspectiva multi/intercultural em ação: construindo uma proposta. **Cadernos de Pesquisa**. v. 37, n. 132, p. 731-758, set./dez. 2007.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente, ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza, CABRAL, Geovanni Gomes, CABRAL, Ramon de Souza Cabral (organizadores). **Leituras sobre a Amazônia: cultura, memória e ensino**. São Luís: EDUFMA, 2021.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**. São Paulo, n. 75, p. 78-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/75/08-manuelacarneiro.pdf>.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify. Acesso em: 17 jul. 2024., 2009

DAVIS, Claudia e GATTI, Bernadete. Questões sobre o desempenho de alunos de escolas rurais no nordeste e o seu contexto sociocultural In: THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria Nobre (Coords.). **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993. p. 137 a 173

DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura**. Belo horizonte: UFMG, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos. *et al.* (Org). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/\\_arquivos/saberes.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/saberes.pdf).

D'INCAO, Maria Angela, SILVEIRA, Maria Izilda Santos de Matos (1994). **Formação da Classe Trabalhadora e Desenvolvimento Industrial no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins fontes, 1992.

FERNANDES, Renata Sieiro. A memória dos lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal. **Revista História Oral**, v. 8, n. 2, p. 169-193, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/180>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GIROUX, Henry e MACLAREN, Peter. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural In: MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1995. P. 125 a 154.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11ª ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tailândia - PA. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/tailandia.html>. Acesso em: [30/06/2024].

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão, *et all.* 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo. Edições Loyola, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e o Trabalho Docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, S. V. (Orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a Didática**. Goiânia: CEPED/Editora PUC Goiás, 2011, p. 85-100.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

LOUREIRO, Violenta Refkalesfky. **Amazônia: Estado-Homem-Natureza**. Belém: CEJUP. 1992.

MACHADO, Abmael. **Pequeno ensaio sobre as lendas e folclore de Rondônia**. Rondônia, 1987

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de; FRAGA, Alexandre de. **Os direitos do antivalor: a economia política da hegemonia imperfeita**. São Paulo: Boitempo, 2009.

João Pacheco de Oliveira. **A Luta pela Terra: povos indígenas e conflitos ambientais na Amazônia**. São Paulo: Editora FGV, 2009.

OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Ciência e Cultura**. vol.58 no.3 são paulo july/sept. 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000300013](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000300013)

GUBERT, Paulo Gilberto. Paulo Gilberto. Da constituição da identidade narrativa na obra “O Si-Mesmo como um Outro” de Ricoeur. **PÓLEMO - Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**. Brasília, vol. 1, n. 1, maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/11487>.

PRADO, Francisca Ramos. **O mito da cidade provisória: natureza, migração e conflito social em Tailândia (1977-2000)**, Dissertação de Mestrado, UFPA, CFCH, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém-2006.

QUEIROZ, Matheus Silveira de, SOARES, Ana Paulina Aguiar, NETO, Antonio Gomes Tomaz. Comunidades rurais ribeirinhas e as águas do rio Solimões no município de Iranduba - Amazonas. M. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v.4, n.1. 108-119 (2018). <https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/105>

RIBEIRO. Berta G. **Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 6.<sup>a</sup> Reimpressão, 2014. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I: A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa III: O tempo narrado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SANTOS, Luciano. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. Revista Rascunhos Culturais. Coxim/MS. V.2, nº 4, p.141-157, jul/dez 2011. p. 141 a 157. Disponível em: <http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed-artigo-9.pdf>

SAWYER, Donald. **População e desenvolvimento sustentável na Amazônia**. Brasília: UNFPA-Fundo de População das Nações Unidas, 2015. (Série população e desenvolvimento sustentável)

SIMÕES, Maria do Socorro. **Memória e comunidade: entre o rio e a floresta**. Belém: UFPA, 2000.

SIMÕES, Maria do Socorro. **Narrativa oral e imaginário amazônico**. Belém: UFPA, 1999.

SOUZA MARTINS, José de. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Editora Contexto, 1990

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Cortez, 1986

SOUZA MARTINS, José de. **O Que é o Trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 2008

TARTAGLIA, Ednaldo. **Práticas amazônicas: linguagens, culturas e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores e UNIFAP, 2021. 238p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação)

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva. 1981.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec Ltda, 1997.

## ANEXO 1 – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Senhor (a):

Eu, Angela Viaczorek, RG. nº 2928978, estudante do curso de Mestrado Profissional em letras/Profletras, estou realizando uma pesquisa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) aos discentes do curso já citado, intitulado “**Memória e cultura: narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila Auí-Açu/Tailândia/Pará)**”. A pesquisa tem como finalidade analisar qual a contribuição das narrativas orais transmitidas de geração em geração pelos guardiões da memória para o fortalecimento da identidade cultural da Vila Auí-Açu e como o registro dessas narrativas podem contribuir para processo formativo cultural dos estudantes, do ensino fundamental da Escola Santo Antônio em Tailândia (Pará). Com essa pesquisa, espera-se: analisar como ocorre o fortalecimento da memória coletiva a partir da transmissão oral dos saberes culturais feita de geração em geração, dos mais velhos aos mais novos; compreender como a lembrança feita pelos guardiões da memória contribuem para que os estudantes, do ensino fundamental, da escola Santo Antônio, possam conhecer a realidade amazônica. Caso o (a) senhor (a) aceite participar dessa pesquisa, será pedido que o (a) senhor (a) responda algumas perguntas durante a entrevista envolvendo aspectos: históricos; sociais; culturais; econômicos. A sua participação nessa pesquisa não trará qualquer prejuízo para os alunos da (UNIFESSPA). Essa pesquisa não trará desconfortos (incômodos ou aflições) ou riscos (perigos) previsíveis para o (a) senhor (a) no aspecto físico, moral, intelectual, social, psíquico, cultural ou espiritual; nem em curto, nem em longo prazo. Os desconfortos e riscos serão minimizados, já que apenas o pesquisador e orientadores envolvidos no estudo terão acesso aos seus dados e as perguntas e respostas. A sua colaboração (ajudará) nessa pesquisa a aprofundar-se sobre o conhecimento da história e cultura da vila Auí-Açu. Esse conhecimento associado poderá orientar ações de promoção, apoio e pesquisa aos estudantes, bem como despertar o interesse por estudos sobre memória, cultura e narrativas orais. Informa-se ainda, que: O (a) senhor (a) tem o direito de não participar dessa pesquisa;

O seu nome nem qualquer outra informação que possa identificá-lo (a) serão divulgados; Mesmo que o (a) senhor (a), tendo aceitado participar dessa pesquisa, se por qualquer motivo, durante o andamento da pesquisa, resolver desistir, o (a) senhor (a) tem toda a liberdade para retirar a sua participação (sair do estudo); A sua ajuda e participação poderão trazer benefícios (melhorias) para os estudantes do curso de Mestrado Profissional em Letras/Profletras (UNIFESSPA). Essa pesquisa não apresenta riscos (perigos) aos participantes, a saber: - constrangimento social, particularmente se considerado o preconceito associado à participação em pesquisas; - constrangimento quanto às informações durante as entrevistas. Esses possíveis riscos serão inutilizados pelo projeto ao garantir a confidencialidade (segredo), privacidade (vida particular) e proteção da imagem dos participantes; Não haverá nenhum gasto para o (a) senhor (a), já que a pesquisa será feita quando o (a) senhor (a) estiver em sua residência; O (a) senhor (a) não será recompensado (a) financeiramente pela sua participação na pesquisa; A qualquer momento, o (a) senhor (a) poderá ter acesso aos dados (informações) dessa pesquisa; Em qualquer etapa do estudo, o (a) senhor (a) terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para o esclarecimento de dúvidas; Eu, Angela Viaczorek, estarei disponível para qualquer outro esclarecimento pelo e-mail: angelaviaczorek@gmail.com. Esse Termo será assinado em 2 vias, permanecendo uma das vias com o (a) senhor (a).

Eu, \_\_\_\_\_, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre o estudo acima. Ficaram claros para mim quais são os propósitos (objetivos) do estudo, os procedimentos (métodos) a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade (sigilo) e de esclarecimentos (explicações) permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta (livre) de despesas. Concordo em participar voluntariamente desse estudo e que poderei retirar o consentimento (permissão) a qualquer momento, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades (punição) ou prejuízo no ambiente de estudo.

Tailândia, ..... de .....de 20.....

---

Assinatura do participante

**ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIMENTO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

**Estudo sobre “Memória e cultura: narrativas orais dos guardiões da memória da  
Amazônia (Vila Auí-Açu/Tailândia/Pará)”**

Sou aluna Angela Viaczorek, aluna da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Estou conduzindo um estudo “**Memória e cultura: narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila Auí-Açu/Tailândia/Pará)**”. Para tanto, a pesquisa consiste em entrevistar moradores idosos da vila Auí-Açu. Fica garantido que os entrevistados não serão identificados e tudo que for dito durante a entrevista permanecerá confidencial. O/a entrevistado/a pode desistir de realizar a entrevista em qualquer momento sem que haja prejuízo, principalmente quando não se sentir à vontade para continuar participando da pesquisa na condição de informante. Este formulário serve para comprovar que você está de acordo em ser entrevistado e em participar integralmente da pesquisa.

Tailândia, 06 de abril de 2024.

**Endereço do responsável pela pesquisa:**

Nome: Angela Viaczorek

Instituição: Universidade Federal do Sul e sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Endereço: Rod. Dr. João Miranda – Castanhal - Abaetetuba – PA, 68440-000

Telefones p/contato: (91) 99165-1512

Concordo:

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do Entrevistado/a

Angela Viaczorek

Pesquisadora

## ANEXO 3 – TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO



### TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO

Sou discente do curso de Mestrado Profissional em Letras/Profletras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Estou conduzindo um estudo sobre memória e cultura: narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (vila Auí-Açu/Tailândia/Pará). Para tanto, a pesquisa consiste em entrevistar os moradores idosos da vila Auí-Açu em Tailândia/Pará. Fica garantido que os entrevistados não serão identificados e tudo que for dito durante a entrevista permanecerá confidencial. O entrevistado pode desistir de realizar a entrevista em qualquer momento sem que haja prejuízo, principalmente quando não se sentir à vontade para continuar participando da pesquisa na condição de informante. Este formulário serve para comprovar que você está de acordo em ser entrevistado e em participar integralmente da pesquisa.

Tailândia, 06 de abril de 2024.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Angela Viaczorek

Instituição: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) Endereço: Rod. Dr. João Miranda – Castanhal – Abaetetuba – PA, 68440-000

Telefones p/contato: (91) 99165-1512

---

Assinatura do voluntário na pesquisa

## ANEXO 4- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DE VOZ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DE VOZ

Eu \_\_\_\_\_ portador (a) do CPF nº \_\_\_\_\_. Residente na Vila Auí-Açu, Tailândia – Pará. CEDO E AUTORIZO O USO E A DIVULGAÇÃO DE IMAGENS E VOZ, para fins **EXCLUSIVAMENTE** de caráter Científico, Pedagógico, Cultural ao projeto de pesquisa **MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila Auí-Açu/Tailândia/Pará)** desenvolvido por Angela Viaczorek (Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em letras – PROFLETRAS), na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Santo Antônio. Por esta ser expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos à imagem do participante acima qualificado ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Tailândia/PA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

**ANEXO 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PRODUÇÃO  
ESCRITA**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PRODUÇÃO ESCRITA**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ sob  
n° \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de minha imagem e produções escritas, sob minha  
responsabilidade, no produto da pesquisa intitulada MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais  
dos guardiões da memória da Amazônia (Auí-Açu/Tailândia/Pará), de autoria de Angela  
Viaczorek, sob orientação do Professor Doutor Gilson Penalva.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e produções  
escritas acima mencionadas em todo o território nacional, em todas as modalidades, sejam elas  
impressas, sejam virtuais.

Tailândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024.

---

**Assinatura**

**ANEXO 6 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DOS ALUNOS  
PARTICIPANTES DA PESQUISA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE**

\_\_\_\_\_  
nacionalidade brasileiro (a), menor de idade, neste ato devidamente representado  
por seu (sua) (responsável legal),

\_\_\_\_\_  
nacionalidade brasileiro (a), estado civil \_\_\_\_\_, portador do RG  
Nº: \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF  
Nº: \_\_\_\_\_, residente a comunidade  
\_\_\_\_\_, município de Tailândia/Pa.

Autoriza o uso de todo e qualquer material entre fotos, documentos, vídeos e áudio destinados ao projeto de pesquisa **MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais dos guardiões da memória da Amazônia (Vila Auí-Açu/Tailândia/Pará)** desenvolvido por Angela Viaczorek (Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS), na Escola Municipal Santo Antônio.

Por esta ser expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos à imagem do menor acima qualificado ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Tailândia/PA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024.

Assinatura do responsável

## ANEXO 7 – QUADRO DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA



### Os guardiões

Nome	Idade	Origem - Cidade Natal	Tempo de moradia na Vila	Profissão	imagens
Francivaldo Andrade da Silva	47	Tracuateua (Pará)	25 anos	Fiscal de Campo	
Antônio Sebastião Silva	60	Bragança (Pará)	41 anos	Agricultor	
Maria de Jesus da Silva	61	Castanhal (Pará)	22 anos	Manicure	

José Maria de Araújo dos Santos	60	Cocal (Maranhão)	30 anos	Agricultor	
José Evangelista dos Santos	73	Itamaraju (Bahia)	44 anos	Agricultor	
Maria da Conceição Santos Freitas	73	Cametá (Pará)	40 anos	Trabalho doméstico	
Izidório Aguiar	65	Luzilândia (Piauí)	30 anos	Fiscal Florestal	
Antônio Soares	74	Pastos Bons (Maranhão)	39	Agricultor	

Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora (2024)

## ANEXO 8 - NARRATIVAS DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA

### 1. Nome: Francivaldo Andrade da Silva

Idade: Quarenta e sete anos

Cidade natal: Tracuateua - Pará

#### 1 - Qual a origem da comunidade da Vila Auí-Açu?

A vila Auí-Açu começou em 1980 com dois moradores, um inclusive era meu tio faleceu há cinco anos, tio Sandro. Só tinha duas casas desse lado, lado direito, sentido Tailândia, do lado esquerdo só era pimenta, da curva até aqui. As duas casas que tinham eram do finado Pacuí e do finado Sandro{...}. Primeiro construiu a escola, que era a crechezinha, a igreja de alvenaria e uma usina de arroz que tinha bem na esquina do postinho. O postinho também é antigo, primeiro o postinho, depois a escola, a igreja e a usina de arroz. Em 1980 a 1997 o finado Wagner chegou e fundou a empresa que começou a aumentar o fluxo de pessoas. A firma do senhor Wagner era terceirizada para Agropalma, na época cheguei aqui em 2021 tinha setecentos e trinta, mais ou menos, homens trabalhando. Os japoneses foram embora porque houve uma enchente em 1984, o tio Sandro falou que foi uma enchente tão grande que ficou só um mar de água isso aqui, tudo transbordou, não tinha por onde passar, isso em 1984 acabou o pimental deles todinho, se desgostaram e foram embora, muitos abandonaram a terra. Aqui veio gente de tudo o que é lugar Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba muita gente mesmo. Tinha o alojamento do lado. Evoluiu muito reformaram a escola, o postinho, essa academia. A estrada era só chão, não tinha asfalto, ó o asfalto aí.

#### 2 - Existe alguma festa popular ou tradição cultural local?

Só de uns tempos para cá que veio ter esse evento da igreja católica, mas antes não tinha, não. Agora já tem, dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, tem também na igreja Assembleia de Deus, não estou lembrado a data, mas tem um evento que eles fizeram, os dois eventos que tem.

#### 3 - Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Dos mais velhos para os mais jovens aqui da vila já não tem mais ninguém para contar, daqui mesmo da comunidade, não tem. A maioria já se foram, mas os que ainda pegaram um pouco das histórias que eles contavam e no caso eu, gostava de conversas com pessoas mais idosas e ficava conversando às vezes com eles, os mais velhos. Já de uns tempos para cá não tem mais. Os mais antigos, para contar da vila como foi, como não foi, como era, como não era, agora está mais difícil, se você perguntar para um mais novo, eles não sabem, porque não tem mais os antigos para contar. Tem a vizinha ali 95 anos, mas muitas coisas ela não lembra mais.

4 - Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Das histórias, das lendas, aqui antigamente eles sempre contavam, esses mais antigos conversei com eles. Tinha um fogo que saía de cima e vinha para cá e acabava para li, aquela tocha de fogo. Eles não sabiam o que era. E a outra era de lobisomem, eu não cheguei a ver, o menino que trabalhava comigo viu nas ruas lá de trás, mas o pessoal falava que tinha, batia em cachorro e fazia medo para a galera de noite quando estava andando. Eu nunca vi, graças a Deus. O que eu vi, vi não, ouvi né, vê não consegui é a Matinta. Até um tempo desse, ela assobiou demais, à meia noite. Ela assobia de noite, parece que você não está no chão, arrepiava tudo o que é cabelo. E isso está com mais ou menos um ano que ela assobiou {...}. E esse fogo que a galera sempre falou, ia lá de cima e vinha para cá e acabava para li, mas nunca descobriram o que era. E o lobisomem que a galera sempre corria com medo de noite, eu graças a Deus nunca vi, também não saía quase de noite, ficava no alojamento. Naquele ramal que tem lá perto da curva que vai, tem um ramal com umas casas ali para dentro, o pessoal diz quando o cara vem de lá de moto, ou de bicicleta, à meia noite, o pessoal sentia sentar na garupa, aquele peso, o cara pedalava, {...}. Suado e com vontade de olhar para trás, mas estava com medo. Até um tempo desse um rapaz tinha um terreno lá, mas vendeu porque disse que não aguentava, quando ele vinha de lá, ele sentia sentar aquele peso na bicicleta.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Participo, sempre participei, antes de trabalhar de vigia sempre participava, sempre ajudei aqui no dia que fazia evento na escola, festa junina, torneio, formatura dos alunos, cinema. Quase todos os eventos na parte de organização, participo. Sempre dando uma ajuda, uma ideia.

## **2. Nome: Antônio Sebastião Silva**

Idade: Sessenta e quatro anos

Cidade natal: Bragança - Pará

1 - Qual a origem da comunidade da Vila Auí-Açu?

Só mata. Uma região só mata e os moradores a maioria era japonês, era um brasileiro, um japonês, {...}. Depois foram saindo os japoneses e ficando os brasileiros, a vila era só na época uma casa, tinha um salão de festa. Um senhor chamado baixinho quem a doou para fazer a casa e o salão de festa, tudo era dele e de lá para cá foi feito a abertura da mata, derrubando os paus, queimando, fazendo as casinhas, isso na época de 1981 para 1982 começou a vila. A maioria do ganho aqui, era só pimenta, trabalhando e ganhando dinheiro, era isso, estrada de chão. Para

vir de Belém até aqui era um dia certinho. A gente saía de Belém às 7:00 da manhã para chegar às 5:00 da tarde aqui na vila Auí-Açu e era um ônibus por dia, se perdesse aquele ônibus já era, só no outro dia de novo, era cruel. Caminhando aqui nessa estrada, a gente saía daqui para Tailândia de bicicleta, às vezes passava um ou dois caminhões pela gente e hoje olha a situação que está, só pista, já foi reformada três vezes essa pista. Aqui, quando começou a vila, era chamada de um apelido que o povo não gosta nem que chame, era: Cachorro de Coca. Quem botou esse apelido, de Cachorro de Coca foi um patrão meu, ele puxava madeira para Tailândia, pegava de Tailândia para Belém as madeiras, passava de manhã, tinha aquelas pessoas cedo tomando café e fumando, acocado, um para li, outro para li, meu patrão falou, rapaz isso está parecendo uns cachorros de coca nessa vila. Daí pegou, Cachorro de Coca e olha uma vez fui para Belém, para ver meu povo de Bragança, quando subi para pegar o ônibus tinha uma placa assim: vila Auí-Açu, Cachorro de Coca. Foi o seu Bebê que batizou por esse nome Auí-Açu.

2 - Existe alguma festa popular ou tradição cultural local?

Já, uma vez, nessa vila deu muita gente, foi a única vez que vi uma festa que deu gente desse tanto aqui nessa igreja, bastante mesmo, deu quadrilha que veio de Palmares, veio de Tailândia se não me engano, foi bem animado, mas só que o camarada que estava na frente do trabalho foi embora, não sei o que aconteceu com ele, de lá para cá não aconteceu mais nunca. Festividade do Santo Antônio, o padroeiro da vila Auí-Açu. O colégio recebeu esse nome Santo Antônio, o padroeiro da vila, esse nome é do rio Auí-Açu, sete quilômetros daqui, fica na vila Nazaré-Açu.

3 - Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

É bem pouco que conta essa história para família. O certo é contar como surgiu, porque quem não conhece, não sabe dizer nada. Como é que ele vai dizer uma coisa que ele não conhece e nem tem informação de nada. Essa estrada que tem, que entra aqui, ó, era caminho, não era estranha, tinha que ir de animal, de pé, para atravessar o rio era puxado pela canoa de um lado para o outro. Entrava numa canoona, com uma corda aqui, o caboclo pegava a corda amarrava no outro lado do rio num pau e vinha lá do outro lado na canoa, quando chegava no meio do outro de lá tinha que fazer a mesma coisa, tinha que pegar a corda e puxava, não tinha piloto, porque chegava de noite para atravessar e não tinha ninguém para atravessar, já estava deitado dormindo. Aqui tem várias saídas, pegando a estrada que vai para oeste sai para Soledade, vai sair em Cametá, Mocajuba, Igarapé-Miri. E se entrar nessa aqui leste, do Alonso, você vai para Vila Nova, Quatro-Bocas, Tomé-Açu. E ali se tu pegas norte no trevo tu vais para Calmaria, Tomé-Açu, Belém. E se tu pegas sul, tu vais para Goianésia, Jacundá, Marabá.

4 - Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

As mais marcantes na comunidade acho que foi de morte, foram as piores que deram na vila. Vários perderam família, fora os que vieram do Maranhão e foram mortos para lá {...}. Teve muita morte, não me lembro, mas teve uma base de umas cinquenta mortes, por motivos de terra, festa, cachaça morreu muito nego. Agora não, está com uns três anos que não morreu mais ninguém aqui, mas de primeiro, quando tinha as empresas aqui, às vezes morria dois no mês, três, era na faca, no tiro, no facão, graças a Deus que agora deu uma aliviada. Já tem um bocado de tempo. Lembro de um causo de uma visão que aparece na estrada, uma mulher que saí dessa igreja daqui e vai até perto da igreja do pastor ali, de branco, mulherzona bonita, grandona. Lembro de dois causos, esse e a do João. A do João foi feio, ele me contou, foi no mato caçar, fez uma serra para pegar uma paca, chegando lá viu a paca atravessando a estrada e depois viu a paca subir na vara e paca não sobe na vara, então ele atirou, quando atirou, se deparou com um bicho grande. Daí ele disse: - não vou ficar aqui, não. Pegou a bicicleta e botou para correr, na hora que ele colocou a bicicleta para correr, o bicho vinha correndo atrás. Ele disse que sentia o cacoete do bicho atrás dele. Lembro que ele conta quando foi pegar a bicicleta que estava no pé de bambu, quase arranca, deu um vento tão forte no pé de bambu, que o bambu torcia assim, ficou aperreado.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Já, só as quadrilhas mesmo, tem o cine Auí-Açu, eles trazem filme e passam na quadra do colégio, tem torneio de futebol na quadra.

### **3. Nome: Maria de Jesus da Silva**

Idade: Sessenta e um anos

Cidade natal: Castanhal - Pará

1 - Qual a origem da comunidade da Vila Auí-Açu?

Não tinha quase nada aqui, quando eu vim para cá, morava pouca gente, o povoado era pequeno. Agora evoluiu, aumentou a vila, ficou maior. Quando vim para cá já tinha escola e o posto.

2 - Existe alguma festa popular ou tradição cultural local?

A única festa que tinha era a festa do Luiz, desde quando vim para cá, sempre teve essa festa. Antes tinha a da sede que era do peãozinho, quando eu vim para cá acabou. Daí ficou a da sede do Luiz. Tem uns barzinhos, festa de vez em quando.

3 - Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Não ocorre. Quando vim para cá, foi a empresa que chegou aqui na vila e gerou muito trabalho que era do Wagner, muita gente de fora vinha para cá trabalhar, do Maranhão, de todo canto. Depois que acabou a empresa, trabalhavam para a Agropalma, gerou muito trabalho para a população daqui. Acho que foi uma evolução boa aqui, nesse tempo corria muito dinheiro.

4 - Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

O pessoal antes falava que aparecia coisa aqui, principalmente no alojamento, as pessoas dizem que viam pessoas que não eram desse mundo, até uma amiga minha diz que falou com o vigia, mas não era ele, era outra pessoa e ela pensou que era ele. Foi nesse escritório do alojamento, estava um homem lá, como se fosse o homem que vigia. Daí ela passou, falou com ele, mas não era ele. As pessoas viam certas coisas na vila. Acontecia muita morte aqui também. As pessoas matavam, agora não, agora está outra coisa, agora está civilizado, não vê muito essas coisas de morte, até que é pouco, mas antes tinha bastante. Tinha gente que via as coisas de outro mundo. Lembro quando o menino chegou fora de hora no alojamento, o pessoal diz que chegava fora de hora da festa e via as coisas. Acho, porque morria muita gente e as pessoas ficavam assombrando os outros.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Festa junina na escola sempre eu vou, quando tem. Na igreja antes tinha festa junina, na igreja católica faziam essas coisas de festa junina, comidas típicas. Acabou a animação, porque eles fizeram de dia e não mais à noite que dava mais gente da vicinal que vinha, até o Wagner que patrocinou a festa, teve aqui na praça, deu muita gente, vendeu muita coisa. Quando o Wagner estava coordenando a igreja, ele sempre fazia essas coisas boas. Finado Wagner Leite, praticamente inaugurou tudo aqui, porque quando chegou aqui não tinha nada. Só tinha uma casa aqui e outra acolá, pegou comprou várias terras, fez casa, deu casa para as pessoas, praticamente ele inaugurou aqui, o seu Bebé também, que tomava conta da igreja de primeiro, depois foi o seu Wagner. O falecido Bebé foi morador antigo, ele que começou essa igreja, trouxe o padroeiro para vila, ele a esposa Neimara.

#### **4. Nome: José Maria de Araújo dos Santos**

Idade: Sessenta anos

Cidade natal: Cocal - Maranhão

1 - Qual a origem da comunidade da Vila Aúf-Açu?

Quando eu cheguei aqui na vila, ela tinha umas cinco a seis casinhas, era só mato, aqui mesmo era um bocado de pimental de japoneses, eles venderam as terras, porque as pimentas morriam no inverno. Cheguei em 1985, quando cheguei para cá, trabalhava para dentro de uma mata, de uns picos, de umas terras, de umas pessoas bem para aí. Aqui era uma usinazinha, quando tirei meus documentos foi aqui na primeira eleição que teve do finado Nazareno, o primeiro candidato a vereador de Tailândia. O motorzinho era um motorzinho a óleo, ia até umas dez horas, e depois ninguém ficava sem nada. Só mato, umas cinco casas mesmo era muito devagarzinho aqui, não era vila Auí-Açu, era Cachorro de Coca, depois que foi ser chamado vila Auí-Açu. Essa vila, senhora, só pegou nome depois que o seu Wagner entrou, começou a lotear e o pessoal começou a comprar para fazer casinha. Foi movimento, tinha alojamento grande, lá dentro, ali era outro alojamento grande, dele. Eram oitocentos homens que trabalhavam para ele, pouco tinha casa, a maior parte era tudo alojado, 2000, 2001 e 2002. Ele começou primeiro a prestar serviço para a Agropalma. Trabalhou uns anos para Agropalma, começo pelo viveiro aqui na Palma, quando a Agropalma o mandou, ficou uns tempos sem dar emprego também. Em 2011 pega uma empreitada com a BBB, gerou um bocado de emprego de novo para o pessoal. Passou quatro anos, quase cinco anos, mandou também, daí não pegou mais empreitada. Uma vilinha boa, é boa mesmo, uma vila sadia que já teve muita confusão em 2004 e 2005, morria gente demais, matavam, de primeiro não chamavam de Tailândia, chamavam de Taibala, morria gente demais, por causa de terra morreu muita gente. Aqui senhora tinha dia de amanhecer peão estirado. Quando chegava o sábado a partir das 5:00 horas para você chegar do outro lado era gente demais, era boteco para todo canto, tudo tinha festa, era zuada à noite todinha, a gente passava à noite e o dia. Polícia aqui não tinha, não. Pegavam um pedaço de pau e diziam que era o comissário, mas não dava em nada, não. Era perigosa essa vilinha, {...}. Nos dias de hoje está uma vila muito mansa, a senhora pode andar aí, ladrão aqui você quase não vê falar, porque de primeira não podia deixar um par de sandália na porta, ela não amanhecia lá, não. O pessoal daqui quietaram, do jeito que era, quietaram demais, está mansa.

2 - Existe alguma festa popular ou tradição cultural local?

Festa aqui de tradição não tem, tem a missazinha. Festa aqui é por conta deles mesmo, só zuada. Porque festa que conheço é tirada licença, começa às 10:00 horas da noite e às 3:00 horas ela para, aqui não tem dessa, não. Aqui o som vai rodando até às 4:00, às 5:00 horas da manhã.

3 - Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Olha, os velhos que conheciam a vila mesmo já morreram, mas ficaram os filhos, os netos, mas só que eu acho que deveria ser passado de geração para geração como a vila era. Os mais velhos que fundaram a vila, os primeiros, foram os japoneses. E os japoneses se saíram, venderam para os brasileiros e os brasileiros ficaram por aí. O chão aqui era de 500 a 500 metros de frente com 2000 de fundo. Tem muito da geração, filho, neto, mas nenhum passando como era a vila aqui, porque eu me lembro, foi em 1977, no Maranhão, eu tinha notícia dessa vila, que tinha uns amigos que trabalhavam para cá e eu tinha muita vontade de conhecer o Pará. Era piquinim, chegavam contando a fama dessa vila que era uma vila perigosa, eles não chamavam vila Auí-Açu, era vila Cachorro de Coca, andei muito por dentro das matas, trabalhei muito por dentro das matas das fazendas. Daí em 2000 mudei para cá, mas conhecia essa vilinha há tempo, mas quando comprei esse chãozinho, já foi em 2000 e mudei para aí.

4 - Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Sou muito ruim de cabeça para lembrar as coisas assim, sabe? Não tenho lembrança muito dessas coisas assim, não. Sou meio rude para isso.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Olha, eu participo das coisas que eles fazem na quadra, estou por dentro olhando.

## **5. Nome: José Evangelista dos Santos**

Idade: Setenta e três anos

Cidade natal: Itamaraju – Bahia.

1 – Qual a origem da comunidade/vila Auí-Açu?

Começou a vila Auí-Açu, quando a PA 150 fez o primeiro desmatamento para fazer estrada, começou o vilarejinho no terreno do senhor chamado Noberto e foi aumentando, colocaram o apelido Cachorro de Coca, quando apareceu uma civilizaçõzinha daí colocaram o nome Vila Auí-Açu, por causa do igarapé que tinha próximo. Daí foi crescendo o vilarejo, o vilarejo não tinha escola, não tinha posto médico, não tinha energia, não tinha nada. O primeiro prefeito de Tailândia foi Francisco Nazareno, através dele e da prefeitura e de mim e do governador do estado nós conseguimos um motor de luz, uma máquina de beneficiar arroz, o posto médico, a escola Santo Antônio. Tudo veio da minha origem, os políticos podem até esconder, mas não tem como esconder, porque fui o primeiro vereador e o primeiro prefeito e nós deixamos isso tudo feito. Melhoram, mas quem deu posto médico foi o seu Jader Barbalho, ministro da previdência na época, no governo Sarney, a gente foi em Brasília, fez aquela visita e tinha a

oportunidade de pedir alguma coisa para o meu município. Pedi o posto médico e ele deu e o outro vereador pediu outro posto médico e ele deu para vila Aparecida. O governador do estado o senhor Hélio da Mota Gueiros, a gente fez uns pedidos, umas reivindicações e ele ando dando máquina de arroz, motor de luz para vila Auí-Açu, tudo por intermédio da gente. A Assembleia de Deus, inclusive tem duas, uma do lado da outra e a vila vem desenvolvendo, a cultura que tinha era a pimenta do reino, malva, arroz, milho e farinha, depois apareceu o extrativismo de madeira. A pimenta acabou-se e veio o dendê e os recursos vieram aparecendo. Hoje tem fazenda, tem dendê, tem soja, meio mundo de coisa, mas a gente é do tempo que não tinha nada, não tinha energia, não tinha poste, nós íamos à igreja com um lampião, botava uma lamparina a modo antigo.

2 – Existe alguma festa popular ou tradicional cultural local?

Rapaz, eu não sou chegado a esse lado, mas eu tenho conhecimento que eles fazem uma festa junina do Santo Antônio.

3 – Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Isso é uma decadência muito grande. A juventude tem muita cultura, não tem agricultura. Os jovens gostam tanto da internet, é por causa de estudo. Falei para o meu neto ontem, estava explicando para ele, a gente vê uma tomada de tempo.

4 – Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Uma história que me chamou atenção, é naquela Borbagato, ali na curimã, aquilo ali era tudo loteado para estrangeiro, um holandês que puxa madeira para Holanda, falou que entre o rio Auí-Açu e o rio Acará tem uma grota que tem muito ouro. Na época os garimpeiros vinham em casa constantemente perguntar por isso, eu não sabia. Tem meio mundo de grota. Então no tempo que era mata a gente soube disso, já colonizou tudo e esse ouro não foi descoberto, mas tem essa possibilidade, porque o holandês disse que ele descobriu o ouro.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Não.

## **6. Nome: Maria da Conceição Santos Freitas**

Idade: Sessenta e sete anos

Cidade natal: Cametá - Pará

1 – Qual a origem da comunidade/vila Auí-Açu?

Aqui tinha uma grande plantação de pimenta, viemos para cá para trabalhar na plantação de pimenta. Somos os moradores mais velhos. Era só juquirá isso aqui. Ele ainda doou para fazer essas casas, fazer uma vila. Eu vim da Jamique, nós morávamos em Tomé-Açu, a gente trabalhava com japonês, quando acabava o serviço ele nos despachava, meu marido já ia procurar outro emprego, e a gente ficava perambulando, trabalhando de um canto a outro. Eu trabalhava desde o começo com meu velho para criar todos esses filhos meu, eu tive oito filhos, cinco filhos homens e três mulheres. Aqui era só capoeira {...}. O dono disso tudo era o baixinho, ele tinha muita terra, foi vendendo, foi embora. Essa vila foi fundada, eu acho com uns quarenta anos, meu filho está com 43 anos, cheguei aqui ele tinha dois aninhos, eu dava mama para ele.

2 – Existe alguma festa popular ou tradicional cultural local?

Participava da festividade da igreja católica de Santo Antônio, agora sou da Assembleia de Deus, mas gostava de participar.

3 – Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Não, para mim nunca contaram nada, tem muito morador velho aqui. A dona Maria do finado Paulino, que mora bem para lá, é moradora velha, tinha muito morador velho, a maioria já faleceu, o senhor Jessé já faleceu, a maioria dos homens já faleceram, deixaram só as viúvas aqui.

4 – Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Rapaz, não me lembro, não.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Já, faz tempo.

## **7. Nome: Izidório Aguiar**

Idade: Sessenta e cinco anos

Cidade natal: Luzilândia - Piauí

1 – Qual a origem da comunidade/vila Auí-Açu?

Quando cheguei aqui não tinha estrada, tinha uns três moradores só, esses três moradores já foram embora, não vive, é o finado Jessé, o finado Osmar, finado Paulino, finado Ribão tudo já partiram e eu estou por aqui ainda pelejando. Tinha três, quatro casas espalhadas. Nós viemos e ficamos trabalhando, trabalhei muitos anos para japoneses, depois os japoneses venderam as terras, comecei a trabalhar na Agropalma, estou com trinta e um anos trabalhando na Agropalma

e morando aqui. Era bem pouquinha gente que morava aqui, eu lembro, morreram tudo, um bocado foram embora. Aqui tinha muito japonês, plantio de pimenta do reino e maracujá. Estão para banda de Tomé-Açu, outros para o Japão e outros para suas terras. Desde quando vim para cá trabalhei com japonês. E é assim. Eu sei quem deu apelido, esse já morreu, esse negócio de Cachorro de Coca, que até uma vez quando fui para o Piauí, em Belém chegando pelejando para comprar uma passagem para vila Auí-Açu, nós não conhecíamos, tinha um gaiato lá, é o Cachorro de Coca. E quem deu esse apelido já morreu foi o Aldo madeireiro e é assim.

2 – Existe alguma festa popular ou tradicional cultural local?

Se já teve. As festas que tem, são essas festas quando acontece o pagamento, essas bagunças.

3 – Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Que eu me lembre, não. Aqui depois da agente de saúde, dona Maria, aquela outra menina, tirando dela, a senhora está sendo a primeira, no meu entendimento, sim.

4 – Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Não.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Não.

## **8. Nome: Antônio Soares**

Idade: Setenta e quatro anos

Cidade natal: Pastos Bons - Maranhão

1 – Qual a origem da comunidade/vila Auí-Açu?

Aqui era o seguinte só a cidadezinha pouquinha, tinha um colegozinho fraquinho, cheguei e nós fomos tirar cavaco para fazer um colégio melhor para a professora, era até do estado, Maria Auciliadora. Nós fizemos o colégio maior, era cinco por seis o tamanho dele, nós fizemos novecentos cavacos para fazer o colégio, depois foi melhorando, foi o tempo que a empresa chegou para cá. Foi subindo a cidade de Tailândia, fico melhor, o prefeito trouxe para cá, máquina de tirar arroz, trouxe um motor para energia, foi melhorando as coisas, depois fez um colégio grande. Não tinha asfalto, era meio dia de viagem do trevo para cá de pé, era ruim. A vila tinha apelido, o mesmo Cachorro de Coca, mas hoje mudaram para vila Auí-Açu. Chamavam Cachorro de Coca porque as casinhas que tinham eram três e o povo tinha muito cachorro para caçar, não sabe, passava um caminhoneiro aqui duas vezes por semana, a estrada cheia de cachorro de coca, ele disse: - aqui é a vila Cachorro de Coca. Foi o Bebê colocou o

nome na vila e do colégio Santo Antônio. O Benedito Prado, deu AVC e ele morreu. A dona Neimara que era mulher dele, mora em Macapá.

2 – Existe alguma festa popular ou tradicional cultural local?

Não senhora. A igreja católica sempre faz no final do ano, um bolo, alguma coisa, só mesmo fim de ano.

3 – Como ocorre a transmissão da cultura local dos mais velhos para os mais jovens?

Não senhora.

4 – Quais os causos, lendas, contos e histórias mais marcantes na comunidade e que são repassadas de geração em geração?

Não.

5 - Você participa de atividades realizadas na escola da comunidade?

Não senhora. Sempre quem vai mais é a mulher.